

a procura do moderno

percurso e obra de Rui Pimentel

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Eliane Cristina de Sousa Guimarães
Sob a orientação do Professor Doutor Helder Casal Ribeiro

Porto, Setembro de 2018

agradecimentos

Ao meu orientador, pelo acompanhamento sempre atento e cuidado, pela instrução e entusiasmo pela Arquitectura, desde as aulas de Projecto III em 2014.

Aos técnicos responsáveis pelos arquivos camarários, pelas informações da base documental dos processos de licenciamento em estudo; à responsável pelos serviços de Documentação e Informação da FBAUP, Isabel Barroso, por todas as informações do percurso de aluno de Rui Pimentel na EBAP/ESBAP, e à coordenadora CDUA/FAUP, Teresa Godinho, pela disponibilidade em localizar os trabalhos académicos de Rui Pimentel.

Ao meu pai, pelos princípios de uma vida íntegra, à minha mãe por me firmar em valores perpétuos, ao meu irmão pela aventura em sonhar num futuro melhor.

Ao Paulo, pelo apoio incondicional

*“Jesu juva, with the help of Jesus,
and soli Deo gloria, for the glory of God alone.”*

Johann Sebastian Bach

Sumário

Resumo	7
Abstract	9
Siglas, acrónimos e abreviaturas	11
Introdução	13
PRIMEIRA PARTE	
O contexto português	21
O Porto e a cultura do moderno	33
SEGUNDA PARTE	
Percurso e obra	59
Quadro de formação, obra e contexto	111
TERCEIRA PARTE	
1948-52 - Edifício de habitação plurifamiliar Rua de Malaca do Marechal Saldanha, Praça de Goa	131
1954-56 - Edifício de habitação unifamiliar Rua da Constituição, nº 2622 e 2624	145
1950-60 Edifício de comércio e habitação plurifamiliar Rua da Firmeza, nº 384, 388, C394	157
Fichas de obras localizadas no Porto	169
Um caminho moderno	177
Referências bibliográficas	183
Índice de imagens	193

Resumo

A presente investigação parte das premissas do movimento moderno e da sua repercussão na arquitetura contemporânea portuguesa, analisada através do percurso e obra de Rui Pimentel, assente nos seus processos de desenho dos anos 40 a 60, do século XX. Pretende-se aprofundar o seu percurso académico, relação com a Escola de Belas-Artes do Porto, e sua prática profissional, na cidade do Porto, através de colaborações; co-autorias; participação em iniciativas; exposições; e congressos da época em estudo.

Este trabalho também tem como objetivo, compreender a responsabilidade social do arquiteto, através da atividade cívica, cultural e artística de Rui Pimentel, assentes no debate sobre a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária. Estudar-se-á, a partir dos seus edifícios, o significado do seu processo de desenho, destacando três obras: habitação plurifamiliar na rua de Malaca do Marechal Saldanha (1948-1952), habitação unifamiliar na rua da Constituição (1954-1956) e habitação plurifamiliar na rua da Firmeza (1956-60).

Abstract

The present investigation appears from the assumption of modern movement and its repercussion in Portuguese contemporary architecture, analysed through the career and projects of Rui Pimentel, based on his design processes of the 40's and 60's, in the XX century. We intend to deepen his academical path, his relationship with the Oporto Art School, through cooperation; co-authors; participation in initiatives; exhibitions; and congresses of the epoch in study.

This study also has as main purpose to understand the architect's social responsibility, through Rui Pimentel's civic, cultural and artistic activities, settled in the debate about the condition of modern architecture as a preferential path to the construction of a progressive and equal society. From its buildings, we will study the meaning of its design process, highlighting three works: building on rua Malaca Marechal Saldanha (1948-1952), building on rua Constituição (1954-1956) and building on rua Firmeza (1956-60).

Siglas, acrónimos e abreviaturas

ArCo – Artista Comunista

CIAM – Congresso Internacional de Arquitectura Moderna

CODA – Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto

Congresso 48 – 1º Congresso Nacional de Arquitectura

EBAP – Escola de Belas-Artes do Porto

ESBAP – Escola Superior de Belas-Artes do Porto

ICAT – Iniciativas Culturais de Arte e Técnica

ODAM – Organização dos arquitectos modernos

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

Reforma – Reforma do ensino das Belas-Artes de 1957

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local

SNA – Sindicato Nacional dos Arquitectos

TEP – Teatro Experimental Portuense

UIA – União Internacional dos Arquitectos

Introdução

A presente investigação pretende contribuir para a visibilidade e testemunho de Rui Pimentel, com base no seu percurso e processos de desenho dos anos 40 a 60, do século XX, período experimental no panorama da arquitectura moderna portuguesa, num momento potencialmente anacrónico, decorrente de uma sociedade assente sob um regime ditatorial e fascizante, com a consciência do *ideário moderno* ainda por cumprir.

Interessa avaliar a dimensão política dos acontecimentos, na conjuntura da arquitectura portuguesa, decorrente da assimetria socio-cultural, comparativamente ao contexto internacional, num período fundacional para a arquitectura contemporânea portuguesa.

Esta investigação tem como objectivo compreender a relação de Rui Pimentel com a renovação do ensino na Escola de Belas-Artes do Porto, através da pedagogia de Carlos Ramos, fundamentada nos princípios da multidisciplinaridade. Esta multidisciplinaridade preconizava, para além da arquitectura, o estudo de outras

áreas artísticas e sociais, incentivando, inclusivamente, trabalho em colaboração e co-autoria.

Pretende-se abordar a pertinência das suas colaborações, em projectos com Fernando Távora, Mário Bonito, Arménio Losa e Cassiano Barbosa, António Meneres, Augusto Amaral, entre outros autores relevantes para a discussão do moderno e temas importantes como: tradição e moderno, função e técnica, inovação e artisticidade.

Este trabalho propõe compreender a responsabilidade social enquanto arquitecto, através da actividade cívica, cultural e artística de Rui Pimentel, assentes no debate sobre a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária, aprofundada pela sua participação em actividades culturais e associativas, sobre a discussão do problema da habitação, com destaque para as reuniões: do grupo ODAM¹, Exposições Gerais das Artes Plásticas; Congresso 48²; 1ª Exposição do grupo ODAM; reuniões preparatórias do CIAM Porto, e o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

Propõe-se o levantamento da sua prática profissional, na cidade do Porto, caracterizada por edifícios de habitação (unifamiliar e plurifamiliar), e o aprofundamento do estudo de três projectos, enquadrados na realidade portuguesa e compreendida no seu percurso de actividade cívica, cultural e artística, como espaço experimental no aprofundamento das suas referências, segundo a relação: Escola/Cidade/Arquitecto.

Esta investigação pretende estudar o período situado entre os anos 40 a 60, informado pelo percurso de Rui Pimentel, incidindo em duas datas importantes (1948 e 1961) no panorama da arquitectura e do contexto político-social português. O ano de 1948, data o 1º Congresso Nacional de Arquitectura, o Congresso de 48, um marco importante na arquitectura nacional através da consciencialização do problema da habitação e do contexto social. O ano de 1961 data a publicação do *Inquérito da Arquitectura Popular Portuguesa*, e no panorama político, ano da determinante ruptura da sociedade portuguesa com o desencadear da Guerra em África em Março de 1961.³

1 Organização dos Arquitectos Modernos, organização composta por um grupo de 28 arquitectos e 6 estudantes, formados ou em formação na Escola de Belas-Artes do Porto, fundada em 1947 e activa até 1952.

2 1º Congresso Nacional de Arquitectura, organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, de 28 de Maio a 4 de Junho de 1948, em Lisboa.

3 *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50* / Ana Tostões. - 2ª ed. - Porto : Faup Publicações, 1997

O principal objectivo desta investigação, é contribuir para o conhecimento do papel de Rui Pimentel, enquadrado na terceira geração dos arquitectos modernos portugueses, caracterizada pela prática profissional directamente aliada ao papel social do arquitecto. Geração que no final dos anos 40, se afirma com prática profissional consciente da circunstância nacional, e na década seguinte apresenta obra arquitectónica singular na implementação e divulgação da arquitectura moderna, fundamentada nas ideias transmitida pelos CIAM.

Interessa compreender o papel da terceira geração dos arquitectos modernos na sociedade, formados sob o conceito da multidisciplinaridade, e participação em reuniões importantes no debate sobre as problemáticas da habitação, com destaque para: a União Internacional dos Arquitectos; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Cine-Club do Porto; TEP, ICAT; reuniões dos CIAM VIII em Hoddesdon, Inglaterra; TEAM 10; VI Congresso da *Federación de Urbanismo y de la Vivienda e II Reunión Luso Espanhola de Arquitectura*; e na iniciativa - *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

Pretende-se demonstrar como Rui Pimentel participa na construção e revisão do moderno, explorando a dimensão humanista e social da profissão, como interlocutor privilegiado das novas formas do habitar.

A estrutura adoptada para a presente dissertação será alicerçada na Dissertação de Doutoramento: *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*, do orientador desta investigação. Para a melhor compreensão do Movimento Moderno em Portugal e do seu enquadramento político e sócio-cultural, recorreu-se à leitura de diversos textos, revistas e artigos, referenciados na bibliografia.

O presente trabalho desenvolve-se a partir de três momentos chave, segundo uma abordagem temática que permite clarificar cronologicamente a participação de Rui Pimentel no panorama da arquitectura portuguesa/portuense, de acordo com uma estrutura em três capítulos:

A primeira parte, constitui uma breve leitura da afirmação da arquitectura moderna em Portugal, com o objectivo de localizar o autor na circunstância e no tempo, pois como refere Manuel Botelho: “*Falar da arquitectura moderna é inevitável*

falar de um problema político”⁴. Pretende-se estudar os sinais e consequências do Pós-Guerra, a situação político-cultural, a fundação de iniciativas, exposições e congressos informados sob uma consciencialização assente nas problemáticas sociais, em defesa dos ideais modernos ainda por cumprir no panorama da arquitectura portuguesa. Será também pertinente compreender o processo e instauração da Reforma no ensino da Escola de Belas-Artes do Porto, condicionada pelo programa político da ditadura, implementada durante a vigência do Estado Novo.

A segunda parte, pretende mesclar e analisar os acontecimentos relevantes no panorama da arquitectura portuguesa, a par da formação académica de Rui Pimentel e de todas as actividades e projectos em que participou. Este trabalho teve como suporte num primeiro momento a recolha de fontes que permitissem reunir as informações e trabalhos existentes, no âmbito do seu percurso académico, na Escola de Belas-Artes do Porto, início nos anos 40, com base na consulta do seu processo de aluno, no arquivo histórico da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, e consulta dos seus trabalhos académicos existentes no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Interessa investigar a sua participação em cursos de verão, actividades, exposições, iniciativas, congressos e reuniões, paralelamente à sua formação, importantes no debate e consciencialização das problemáticas da sociedade. Pretende-se ainda compreender a repercussão da sua dimensão artística na Pintura, com o pseudónimo ArCo, expressa enquanto voz activa das preocupações de uma sociedade oprimida pelo governo fascizante. Para melhor compreensão e contextualização da época, será pertinente reunir os vários acontecimentos relevantes no panorama da arquitectura portuguesa, interligando com obra arquitectónica de autores de relevo, importantes na defesa do moderno e construção da cidade.

A terceira parte, pretende analisar três edifícios de habitação urbana de diferentes escalas, densidades e contexto, com base documental nos processos de licenciamento, consultados no Arquivo Geral do Município da Câmara Municipal do Porto e Arquivo Histórico da Casa do Infante. Salienta-se o facto de não existir espólio particular de Rui Pimentel. Propõe-se estudar um edifício de habitação unifamiliar

4 BOTELHO, Manuel, *A ética da estética e a estética da ética*, in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, No 0. Outubro de 1987

e dois edifícios de habitação plurifamiliar, enquadrados na tradição dos *prédios de rendimento*⁵, através de diferentes abordagens. As obras serão interpretadas a partir das suas opções de projecto, temas de desenho e aprofundamento da sua composição geométrica e sistematização métrica, com explicitação dos respectivos traçados reguladores, assentes no rigor do seu desenho.

Por último, *um caminho moderno*, corresponde às considerações finais resultantes da articulação do moderno português/portuense e o percurso de Rui Pimentel, contextualizado por circunstâncias de carácter político-sociais, através de um esforço e interesse individual, mas sobretudo colectivo na cooperação em iniciativas e grupos activos na época pela construção de uma sociedade progressista e igualitária.

Pretende-se complementar esta investigação com um suporte digital, com o objectivo de incorporar as peças desenhadas e peças escritas originais, pertencentes aos processos de licenciamento digitalizados e adquiridos nas entidades camarárias acima descritas, referenciadas nos desenhos e esquemas das obras em estudo na terceira parte, permitindo novas leituras e estudos.

As citações transcritas no texto, encontram-se todas em português e devidamente identificadas. As imagens e esquemas apresentados foram recortados e alterados para cor monocromática relativamente às originais quando pertinente.

5 Os *Prédios de rendimento*, expressam edifícios de habitação plurifamiliar destinados ao arrendamento económico. No Porto os *prédios de rendimento* foram bastante explorado pelos arquitectos modernistas na reformulação do centro urbano, entre os anos 30 e fins dos anos 50, do século XX, com destaque para os exemplos ilustrados, in MENDES, Manuel (coord.), *(In)formar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*, ed.: FAUP publicações, Porto. 2001

Primeira parte

O contexto português

Durante as décadas 20 e 30, do século XX, Portugal vivia “*anos cinzentos*”⁶, como refere Nuno Teotónio Pereira, e no panorama da arquitectura seguia-se uma *expressão claramente geracional*.⁷ A primeira geração dos arquitectos modernos, nascidos entre 1896 e 1898⁸, entre outros, Pardal Monteiro, Carlos Ramos, Cristino da Silva, Cassiano Branco, Rogério de Azevedo, Adelino Nunes, contrariamente à sua formação (revivalista e ecléctica), exploram formas sobre as potencialidades do betão armado, numa época em que o regime afirma o seu poder utilizando modelos internacionais, como um *estilo*, informados pela monumentalidade empregue nas obras públicas, suspendendo por momentos o historicismo e regionalismo. Segundo Ana Tostões, esta expressão claramente geracional explora “*nas potencialidades do betão armado as correspondentes ilações formais*”⁹ segundo uma renovação

6 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993

7 *Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX* / ed. João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006

8 *Arquitectura do movimento moderno: inventário Docomomo Ibérico 1925-1965*, Edição Xavier Costa, Susana Landrove, Barcelona. 1997

9 Tostões, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, in *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*, IPPAR, Lisboa. 2004



Fig. 1 Pardal Monteiro, Instituto Superior Técnico 1927

Fig. 2 Carlos Ramos, Pavilhão da Rádio do Instituto de Oncologia 1927-29

linguística sem reflexão teórica, ou seja, “*sem integrar os princípios ideológicos do movimento moderno internacional que direccionou o seu enfoque para o problema da habitação, para as questões urbanas, e finalmente para o entendimento da arquitectura como condensador social.*”¹⁰

No panorama internacional, destaca-se a fundação dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM), em Junho de 1928, na Suíça, como importante instrumento para discutir, aprofundar e divulgar as ideias e experiências da nova arquitectura, entretanto desenvolvidas nas primeiras duas décadas do século XX.

O novo panorama das obras públicas nacionais, sob as encomendas do regime ditatorial de Salazar¹¹, interessado numa renovação simbólica de actualização formal, evidencia as valências técnico-construtivas e recorre ao que classificam como novo *estilo* – o *modernismo*, e será organizado sobre a direcção do Ministro Duarte Pacheco, localizando nos projectos de grande escala: “*Cottinelli Telmo, nos caminhos-de-ferro, Adelino Nunes nos Correios, e, em Lisboa, Pardal Monteiro nas Gares Maritimas*”¹², num período culturalmente pobre na sociedade portuguesa, classificada pelo regime como - o *bom povo*, ou seja, “*povo economicamente em regime de pura subsistência, sociologicamente desarticulado, culturalmente analfabeto.*”¹³

A conjugação de novos materiais através de novas técnicas de construção, responde às premissas do movimento moderno sob a relação: técnica e forma, com destaque para as obras: do Instituto Superior Técnico, de Pardal Monteiro, em 1927; Cine-Teatro Capitólio, de Luís Cristino da Silva, em 1929; Casa da Moeda, de José Segurado, em 1931 e Pavilhão da Rádio do Instituto de Oncologia, de Carlos Ramos, em 1927-29.¹⁴

A primeira geração dos arquitectos modernos, *geração do compromisso*,¹⁵ como designa Carlos Ramos, apresenta obra na primeira metade dos anos 20 e “*apanha o primeiro embate da ordem imposta pelo Estado Novo e daí também, aquela que*

10 Ibidem.

11 “*Estado Novo, regime a que a chamada revolução do 28 de Maio abriu portas em 1926 e a que pôs cobro o 25 de Abril em 1974*” História da Arte em Portugal, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993

12 *Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX* / ed. João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006

13 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993

14 Tostões, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, in *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*, IPPAR, Lisboa. 2004

15 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993



- Fig. 3 Rogério de Azevedo, Garagem Jornal O Comércio do Porto 1928
 Fig. 4 Januário Godinho, Armazéns Frigoríficos da Lota de Massarelos 1932
 Fig. 5 Manuel Marques e Amoroso Lopes, Farmácia Vitália 1933
 Fig. 6 Cassiano Branco, Coliseu do Porto 1939
 Fig. 7 Marques da Silva e Jacques Gréber, Casa Serralves 1931
 Fig. 8 Viana de Lima, Casa Honório de Lima 1939-43

*vai tentar criar as condições para o desenvolvimento da arquitectura moderna dentro do quadro político-cultural existente.”*¹⁶ Esta geração, estava decidida a renovar a linguagem arquitectónica, sem recorrer às ideologias do movimento moderno internacional. Entretanto, nas escolas de Belas-Artes nacionais, a formação *Beaux-Arts*, carecia de bases teóricas e impedia o progresso dos arquitectos modernistas, recorrendo sistematicamente a uma simetria compositiva, *confirmando o académico, formativo e geracional*, a que Carlos Ramos criticara o método dizendo que: “*desenhar sobre a prancheta era implantar o edifício sobre o terreno*”.¹⁷

Contrário ao panorama da arquitectura moderna no Porto, onde surgem diversas encomendas privadas, que permitem um descompromisso com os códigos da monumentalidade que caracterizavam as obras públicas, com notoriedade para as obras: Garagem do Jornal *O Comércio do Porto*, de Rogério de Azevedo, em 1928, onde resolve um gaveto através de um volume depurado e apresenta um programa inovador de garagens e escritórios; Lota de Massarelos, de Januário Godinho, em 1932, onde explora as valências do sistema estrutural evocando as premissas do expressionismo holandês e neoplasticismo; Farmácia Vitália, de Manuel Marques, em 1933, através de volume de rigor compositivo informado pela *Art Déco*; e o Coliseu do Porto, de Cassiano Branco, em 1939, onde pretende expressar permanentemente um espectáculo de formas arquitectónicas.¹⁸ Para além dos programas industriais e funcionais, surge também a habitação como laboratório de experimentação¹⁹, com destaque para a Casa de Serralves, de Marques da Silva e Jacques Gréber, em 1931, onde potencia o sistema construtivo e a escala informada pela *Art Déco*; e a Casa Honório de Lima, de Alfredo Viana de Lima, em 1939, de carácter expressamente *corbusiana*.

No Porto, a realidade sócio-cultural e as problemáticas da habitação, advinham da herança de carácter industrial, fruto da incrementação do comércio dos ingleses na cidade, como refere Nuno Portas:

“factores que explicam que seja no Porto que se encontram as maiores

16 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993

17 *Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX* / ed. João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006

18 BRANCO, Cassiano, processo Coliseu do Porto, in *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

19 TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Baseado na dissertação de mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1995. Faup Publicações, Porto.



Fig 9 Cartazes da *Exposição do Mundo Português* em 1940

Fig 10 António Lino, Pavilhão das diversões Náuticas 1940

*áreas internas de alojamento operário “substandart” nas múltiplas ilhas de rendimento, enquistadas nos quarteirões por detrás dos prédios da média ou pequena burguesia e seguindo modelos de algum modo referenciáveis aos das cidades industriais do centro de Inglaterra.”*²⁰

Em Julho de 1940, será realizada a *Exposição do Mundo Português*, coincidente com o primeiro ano da Segunda Guerra Mundial, liderada por Cotinelli Telmo, enquanto arquitecto Chefe, e Duarte Pacheco, Ministro da Obras Públicas e Comunicações, com o objectivo de celebrar o duplo centenário, da Fundação e Restauração nacional (1140 e 1640), e divulgar a história do país enquanto propaganda de afirmação do Estado Novo, aludindo ao estilo português e enaltecendo o patriotismo e a cultura nacional, com a apresentação de obras tradicionais em oposição aos conceitos modernistas. Portugal, que se encontra *orgulhosamente só*, mostra ao mundo a projecção do seu passado com galerias de fotografias heróicas da fundação e existência nacional. A praça do Império, dispõe de vários pavilhões temáticos, como o Pavilhão de Honra e de Lisboa, de Cristino Silva e o Pavilhão dos Portugueses no Mundo, de Cottinelli Telmo, alusivos à construção efémera figurados ao passado, às aldeias populares e aos vestígios das colónias ultramarinas. Com o término da exposição, em Dezembro do mesmo ano, a grande maioria das construções e monumentos construídos propositadamente para a exposição, foram demolidos, excepcionando o Museu de Arte Popular e a Praça do Império.

*“Momento decisivo na recuperação dos revivalismos de sentido nacionalista e na inflexão para uma expressão de monumentalidade academizante que viria a consolidar-se nos anos seguintes, marca o fim do primeiro modernismo na arquitectura portuguesa.”*²¹

Portugal, não se envolveu na Segunda Guerra Mundial, decorrente entre 1939 a 1945, mostrando sempre uma posição neutral (juntamente com Espanha e Suíça), o que trouxe benefícios económicos através da venda de produtos e armamento. Com o fim Guerra, *“desapareceriam os últimos obstáculos que até aí tentaram impedir a expansão da Arquitectura Moderna em todo o Mundo civilizado.”*²² A Europa

20 PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para Hoje seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal*, ed. Livros Horizonte, Lisboa. 2008

21 TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

22 BARBOSA, Cassiano, ODAM: *Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*. Edições Asa - Porto. 1972



Fig. 11 Fernando Lanhas, Cais 1945

recupera-se *modernamente* da catástrofe, trocando ditaduras por democracias, numa época de agitação cultural, fazendo da década de 40, “*um importante momento na reflexão da arquitectura moderna em Portugal.*”²³ António de Oliveira Salazar encontra-se isolado e sem apoio dos seus parceiros nazis e ditadores, o que traz esperança por uma sociedade democrática por parte da oposição, propondo eleições. No entanto, sem efeito, pois o único/mesmo concorrente - Estado Novo (1926-1974) vence as eleições a Novembro de 1945, e Salazar endurece mais as suas políticas. Todos estes acontecimentos têm repercussão no panorama e progresso da arquitectura, por isso conclui-se que “*falar da arquitectura moderna é inevitável falar de um problema político.*”²⁴

Com o pós-guerra, também decorre o término das obras públicas nacionais e o início de uma nova etapa na política económica do regime *salazarista*. Nos finais da década de 40, inicia-se, como designa Nuno Portas, o segundo ciclo do betão²⁵, caracterizado pela profunda alteração nas estruturas da economia, devido ao arranque da electrificação e da modernização industrial no país, com destaque para o investimento nas grandes infra-estruturas.

Os anos 40 serão marcados por dois períodos, “*o primeiro período corresponde aos anos da Segunda Guerra Mundial; o segundo aos anos imediatos a essa Guerra.*”²⁶ No campo das artes plásticas, a agitação do pós-Guerra repercute em vários artistas plásticos que se inspiram e se exprimem, em pinturas *dimensionalistas, expressionistas e surrealistas*, apresentadas na *Exposição Colectiva* de 1940 em Lisboa, organizada por António Pedro (1909-1966) e António Dacosta (1914-1990), com a participação da escultora inglesa Pamela Boden.

“*Esta exposição marca o mais fecundo início do vanguardismo dos anos 40. Um expressionismo que se quer ultrapassar, tanto no campo semântico como no morfológico. Um contraste com a arte que se exibiu na Exposição do Mundo Português.*”²⁷

Entre 1943 a 1950, Rui Pimentel, Fernando Lanhas, Nadir Afonso, Júlio Pomar,

23 BOTELHO, Manuel, *A ética da estética e a estética da ética*, in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, No 0. Outubro de 1987

24 Ibidem.

25 TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

26 GONÇALVES, Rui Mário. *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto.

27 Ibidem.



Fig 12 Le Corbusier, Unidade Habitacional de Marselha 1947-53

António Lino e Vítor Palla, entre outros alunos da *Escola de Belas-Artes do Porto* se reúnem “*na casa de Júlio Resende*”²⁸, para organizarem as *Exposições Independentes*²⁹. A geração mais jovem, como Rui Pimentel e Júlio Pomar exploram o *neo-realismo*, como uma manifestação direccionada aos problemas do Homem.

*“Os artistas surgidos nos anos pós-Guerra estavam empenhados numa arte que levasse ao povo uma mensagem de solidariedade e seguiam atentamente aos conhecimentos políticos (...)”*³⁰

Como designa Ana Tostões, “*anos de ruptura, mas também de charneira, os anos 50 serão particularmente importantes para entender o tempo de longa duração do século, e fundamentais para clarificar a situação da própria contemporaneidade*”³¹, após tantos anos sob opressão fascizante e uma “*arquitectura estruturalmente cenográfica*”³², sente-se o desejo de actualizar os conceitos arquitectónicos internacionais, fortemente baseados em Le Corbusier e ao expressionismo da arquitectura brasileira, num período de grande expressão plástica e gráfica aliada às inovações tecnológicas. No entanto, após essa aculturação, sente-se a necessidade de explorar o contexto cultural tão presente de tradição no panorama da arquitectura portuguesa, surgindo a genuinidade pela valorização e o sentido de lugar, o domínio da cultura dos materiais e dos métodos mais remotos.

Os arquitectos da terceira geração, respondem então a uma responsabilidade social no quadro da produção arquitectónica, assentes nas convicções ideológicas e ética da profissão, questionando e rompendo com o sentido de dogma do estilo internacional, em prol da valorização do contexto, significado e importância dos materiais tradicionais, cumprindo-se assim o *novo ideário*. Esta geração, no final dos anos 40, se afirma com uma prática profissional “*consciente da circunstância nacional, e na década seguinte apresenta obra arquitectónica singular na implementação e divulgação da Arquitectura moderna, fundamentada nas ideias transmitidas e aprofundadas pelos CIAM.*”³³

28 Ibidem.

29 “*Na época, a palavra Independente significava ausência de compromissos estéticos, só adquirirá intencionalidade política no final dos anos 50*” in GONÇALVES, Rui Mário. *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto.

30 GONÇALVES, Rui Mário. *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto.

31 TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

32 Portugal: *arquitectura do século XX*, org. Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang; textos Pedro Vieira de Almeida, Lisboa: Portugal-Frankfurt. 97, 1998

33 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

OBJECTIVOS DO O. D. A. M. — 1947

A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) tem como objectivo divulgar os princípios em que deve assentar a Arquitectura Moderna, procurando afirmar, através da própria obra dos seus componentes, como deve ser formada a consciência profissional e como criar o necessário entendimento entre os arquitectos e os demais técnicos e artistas.

Assim, procura divulgar a Arquitectura Moderna através de exposições, conferências, publicações, etc. As bases sobre as quais assenta o seu labor profissional são:

- Contribuir para a valorização do indivíduo e da sociedade portuguesa, estimular os técnicos e os leigos, arquitectos formados ou em formação, engenheiros e construtores, no sentido de um eficiente e efectivo labor em prol do progresso do País.
- Obstar a que o amadorismo agressivo, perigoso e desonesto, alastre e lance a Arquitectura no caos. (*)

(*) A ingénua esperança que deixam transparecer estes objectivos baseava-se nas utopias da época.

Parece, no entanto, que «as velhas utopias passaram a modelos de uma certa reacção social e cultural.» (**)

(**) Bohigas, O. — *Contra una Arquitectura Adjetivada*, Editorial. Seix Barral, S. A., Barcelona, 1969.

Fig. 13 *Objectivos O.D.A.M. 1947*

O Porto e a cultura do moderno

Em Portugal, apenas no panorama do pós-guerra, os arquitectos se reúnem e organizam grupos comuns em defesa dos ideais do colectivo, sob a consciência que apenas um trabalho colectivo seria eficaz na defesa da ideologia moderna. Em 1946, surge em Lisboa as ICAT (Iniciativas Culturais de Arte e Técnica), fundada por Keil do Amaral, Celestino de Castro, Adelino Nunes, entre outros, sobre o debate pela resolução do problema da habitação, desenho da cidade e ornamento do território. Posicionam-se em oposição ao regime, através de iniciativas de carácter cívico, com destaque para as *Exposições Gerais De Artes Plásticas*, decorrentes entre os anos 1946 a 1956, e edição da revista *Arquitectura*, a partir de 1947.

No Porto, surge o grupo ODAM³⁴ (Organização dos Arquitectos Modernos),

34 Nomes dos componentes da ODAM: Acácio Couto Jorge; Adalberto Dias; Agostinho Ricca; Alfredo Ângelo de Magalhães; Alfredo Viana de Lima; António Matos Veloso; António Lobão Vital; António Corte Real; António Neves; Arménio Losa; Anselmo Teixeira; Artur de Andrade; Cassiano Barbosa; Delfim Amorim; Eduardo Matos; Eugénio Alves de Sousa; Fernando Campos; Fernando Eurico; Fernando Lanhas; Fernando Faria; Fernando Távora; Fernando Tudela; João Segurado; João José Tinoco; João de Mello Breyner Andersen; Joaquim Marques Araújo; José Carlos Loureiro; José Borrego; Luís José Martins; Luís Praça; Mário Bonito; Octávio Lixa Filgueiras; Ricardo Gil da Costa; Rui Pimentel.



Fig. 14 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Lisboa 1948

fundado no ano seguinte, em 1947, com o objectivo de divulgar e consciencializar os princípios assentes na Arquitectura Moderna, através da sua obra. Demonstram os seus princípios sob o lema “*os nossos edifícios são diferentes do passado porque vivemos num mundo diferente*” extraído de um texto editado por Museum of Modern Art – New York.³⁵

O grupo ODAM, irá ter um papel e uma posição activa na sociedade, com destaque para as comunicações públicas representadas nos textos: “*Uma Mensagem e um Telegrama*”, direccionada ao Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, datado a 26 de Fevereiro de 1948 e “*Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da Câmara Municipal acerca da imposição dum estilo às novas edificações*” em Outubro de 1949.³⁶

A responsabilidade social do arquitecto, será aprofundada com a participação em actividades culturais e associativas, assentes num debate sobre o problema da habitação e a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária. A terceira geração dos arquitectos modernos, também explora os princípios multidisciplinares, assentes na pedagogia de Carlos Ramos, que abordava o ensino da arquitectura a par de outras artes, como a pintura e a escultura, incentivando, inclusivamente, trabalho em colaboração e co-autorias. Destaca-se, as reuniões da UIA; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Cine-Club do Porto; TEP, iniciativas da ICAT em Lisboa e da ODAM no Porto, e em 1948, a participação maciça no 1º Congresso Nacional de Arquitectura.

Simultaneamente com os Congressos de Arquitectura e Engenharia de Maio de 1948, decorre em Lisboa, uma exposição promovida pelo governo, para documentar os *15 anos de Obras Públicas*, onde os congressistas serão recebidos pelos seus colegas: Cottinelli Telmo, Paulo Cunha, Pardal Monteiro e Miguel Jacobetty, respectivamente Presidente, Secretário Geral e Vogais da Comissão Executiva do Congresso. Momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos, onde participaram massivamente, utilizando este espaço como plataforma de afirmação da arquitectura moderna, reclamando industrialização e participação dos arquitectos na resolução do problema da habitação, sem

35 BARBOSA, Cassiano, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*. Edições Asa, Porto. 1972Asa, Porto. 1972Asa, Porto. 1972

36 ROSA, Edite Maria Figueiredo. *ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Dissertação de Doutoramento, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Barcelona. 2005

REGIONALISMO E TRADIÇÃO

pelo Arquitecto MÁRIO F. BONITO

A Architectura no plano nacional pressupõe mas não implica a análise no campo geral: comporta toda a matéria em causa, os vários temas de estudo, a particularidade distribuída em títulos de capítulos ou livros: conduz a vasto campo de soluções a descobrir.

Como princípio fundamental, a reintegração da supremacia do homem na natureza, supremacia orgânica e espiritual.

Os termos da análise diferem conforme os temas: técnicos, económicos, políticos, filosóficos.

O somatório dos fenómenos de ordem particular forma o fenómeno geral: — A ARQUITECTURA NO PLANO NACIONAL.

«... etc.... etc.», colocar-se-á após a enumeração dos imensos temas de estudo: arte de construir, regras, princípios, plástica, clima social, político e económico, formação profissional, tarefas de futuro...

O borbulhar de um vasto questionário exige a análise em separado; conduz à enumeração dos pontos de interesse latente. Da sua catalogação resulta entre muitos — REGIONALISMO E TRADIÇÃO — assunto de tese cuja finalidade poderá ser UMA UNIDADE NAS ARQUITECTURAS MODERNAS ou UNIVERSALIDADE NA ARQUITECTURA.

Com este frontespício abre-se o caminho ao enunciado dos problemas, multiplicam-se as incógnitas, multiplicam-se as equações. As soluções resplandecem à luz da verdade e mergulham as raízes da contra-prova no exemplo do passado, no estudo da sua força criadora materializada pelas possibilidades técnicas em cada época ou momento histórico.

Os meios e os fins evoluem ao longo das idades. Domina-se melhor a matéria, desdobram-se os seus elementos infinitesimais, enche-se de novos métodos e de novas leis o campo das descobertas científicas. É o PROGRESSO. Em consequência, as novas técnicas, a variedade dos MEIOS: Os mármore, o aço, o betão...

A preocupação dominante de uma consciência colectiva ou de uma vontade individual aceita e respeitada, estabelece as finalidades, a diversidade dos temas e das formas.

constrangimentos nem obrigatoriedades de *estilo*.³⁷

Num país onde existia um enorme controlo de tudo o que era publicado, esta oportunidade será aproveitada ao máximo pelos arquitectos na discussão de dois temas: *A Arquitectura no Plano Nacional* (do agrado do regime e do Ministérios das Obras Públicas) e *O Problema Português da Habitação*, pelas teses de Lobão Vital; António Matos Veloso; Alfredo Viana de Lima; João Simões; Nuno Teotónio Pereira e Arménio Losa. Os grupos ODAM e ICAT, fortemente politizados, em defesa pela *Arquitectura Moderna*, juntaram esforços para combater o chamado “*português suave*”, a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar utilizava como instrumento de ordem ideológico para fortalecer o seu poder e terão um papel determinante na organização e nos resultados do Congresso de 1948.

Este Congresso, ao contrário do pretendido pelo Estado Novo, foi importante para expor as preocupações dos arquitectos e os condicionalismos da sua actividade profissional, declarando inclusivamente que “*o portuguesismo da obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos do Passado*”.³⁸

Os temas debatidos partem das premissas do Movimento Moderno, referenciadas ao ideário dos CIAM e Le Corbusier, como também o expressionismo da arquitectura moderna brasileira, enquanto valores éticos e ideológicos de uma função social, pois “*a afirmação da arquitectura moderna transformava-se em questão política*.”³⁹

Nesta atmosfera surgem várias referências e interesses pelos acontecimentos internacionais no campo da arquitectura, com destaque: para o livro *Brasil Builds*, publicado em 1943, a moderna arquitectura brasileira e a sua adaptação ao clima e à atmosfera latino-americana, como também as publicações da revista *Arquitectura*, que divulgavam as obras da nova geração dos arquitectos, e autores fundamentais do Movimento Moderno Internacional, entre muitos outros: Alvar Aalto; Le Corbusier; Walter Gropius; Richard Neutra; Ernesto Nathan Rogers.

As reflexões de Keil do Amaral, serão um importante contributo para as

37 TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

38 *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso*, coord. Ana Tostões, ed.: Ordem dos arquitectos, Lisboa. 2008

39 *Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX* / ed. João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006



Fig. 16 Raul Lino, Casa da Quinta da Comenda, Setúbal 1909

preocupações dos seguintes temas: os problemas no ensino; prática profissional; legislação; regulamentos; mão de obra; industrialização; e a eminente necessidade de um estudo aprofundado da arquitectura regional em oposição à dita *casa portuguesa*. Em “*Uma Iniciativa Necessária*”, expõe a necessidade da realização do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, realizado na década seguinte, enquanto dever cívico da prática da arquitectura.

Os congressistas apresentam várias teses no Congresso, organizadas em dois temas: Tema I: A Arquitectura no Plano Nacional e Tema II: O Problema Português da Habitação, com destaque para as comunicações de Mário Bonito: *Regionalismo e Tradição e Tarefas do Arquitecto*, onde aborda a necessidade da procura da condição moderna como papel determinante na resolução do problema da habitação na sociedade portuguesa.

*“Esta exposição, na defesa do exercício da profissão e da arquitectura moderna, não será muito diferente de Uma mensagem e um telegrama, de Abril 1948, contudo, o alerta para a realização do Congresso Nacional de Arquitectura no primeiro texto, e a evocação das suas conclusões como fundamento dos argumentos principais, demonstra o seu significado no contexto arquitectónico e político português.”*⁴⁰

Fernando Távora, em 1945, escreve um texto sobre *O Problema da Casa Portuguesa*, respondendo à necessidade de por um fim à *mentira arquitectónica*⁴¹, onde descreve a *Falsa Arquitectura* e interpreta o caminho *Para uma Arquitectura Integral*, com o propósito de advertir o facto da arquitectura portuguesa estar a perder o seu carácter. Raul Lino escrevera, em 1918, “*A nossa casa: Apontamentos sobre o bom-gosto na construção das casas simples*”, e em 1933, escreve, “*Casa Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*”, contrário ao pensamento de Fernando Távora, que critica a forma como este tentou desenhar a típica *casa portuguesa*, sem uma leitura das novas necessidades do homem segundo o progresso da sociedade.

Raul Lino, sempre defendera a tradição, com base no conceito - o *valor estrutural que no espírito do Homem devem ter certas forças herdadas* - contrário à

40 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

41 *Fernando Távora: modernidade permanente=permanent modernity*, ed. José António Bandeirinha; trad. Jane Considine, Associação Casa da Arquitectura, Matosinhos. 2012.



Fig. 17 Mário Bonito e Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços, da *Empresa Industrial do Ouro*, rua Fernandes Tomás 1951-55

mentalidade dos arquitectos modernos portugueses e a Lúcio Costa, a quem Raul Lino manifesta, na sua viagem ao Brasil em 1936: “*parece querer confundir tradição morfológica na obra dos arquitectos com tradição espiritual na obra dos homens*”.⁴²

Nos anos 50, esta discussão estender-se-á à Exposição de 1951 da ODAM, à participação nas reuniões dos CIAM VIII em Hoddesdon; Inglaterra; VI Congresso da *Federación de Urnabismo y de la Vivienda* e *II Reunião Luso Espanhola de Arquitectura*; com o consequente reflexo na iniciativa - *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

A primeira Exposição do grupo ODAM, , decorre no Ateneu Comercial do Porto, em Junho de 1951, com o objectivo de manifestar e divulgar os “*os princípios em que deve assentar a Arquitectura Moderna, procurando afirmar, através da própria obra dos seus componentes.*”⁴³ A Exposição será realizada através de diversas actividades: conferências, palestras e manifestos escritos, que mais tarde serão divulgados e publicados na revista *Vértice*, afirmando a sua posição.

*“Esta exposição organizada por um grupo actualmente de Arquitectos – ODAM (Organização em Defesa de uma Arquitectura Moderna) ainda em formação – é um dos meios ao seu alcance, não só para esclarecer e actualizar os espíritos, mas também para afirmar que existe entre nós uma Arquitectura Moderna, com tal sentido de triunfo que coisa alguma poderá destruí-la ou desvirtuá-la”.*⁴⁴

Mário Bonito, no discurso de encerramento da Exposição, refere a importância e o papel de Carlos Ramos na ESBAP e no processo de reconstrução do Moderno no Porto. “*Ao Prof. Carlos Ramos, a quem não tirarei por mais tempo o uso da palavra, só me resta, em nome dos colegas, agradecer a sua colaboração a bem do ODAM e dos mais sagrados interesses da Arquitectura Moderna.*”⁴⁵

Carlos Ramos, muito admirado por esta geração de arquitectos, desde o seu percurso na docência da EBAP em 1940, como professor interino da 4ª cadeira – *Arquitectura*, altura em que substitui Marques da Silva, quando deixa a docência

42 ALMEIDA, Pedro Vieira de. *A Arquitectura da arte em Portugal, A arquitectura moderna*, ed. Alfa, Lisboa. 1993

43 *Organização dos Arquitectos Modernos : Porto 1947-1952*, compil. Cassiano Barbosa; desenhos de João Abel, ed.: Fundação Calouste Gulbenkian, Porto. 1972

44 Ibidem.

45 Ibidem.



Fig 18 Artur de Andrade, Cinema da Batalha, Praça da Batalha 1944-46

Fig 19 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Bloco de hab. colectiva, rua da Constituição 1949

Fig 20 Alfredo Viana de Lima, Bloco do Gaveto, rua Guilherme da Costa Carvalho e rua do Bonjardim 1955

e direcção da escola por limite de idade.⁴⁶ Descendente da *Beaux-Arts*, será conhecido pela sua referencia à pedagógica de Walter Gropius, quando traduz para português o seu programa para o ensino da Arquitectura, “*Blueprint for an architect’s training*”.⁴⁷ Carlos Ramos interpreta o ensino da arquitectura e das artes, assentes nos princípios multidisciplinares e o incentivo às preocupações sociais, onde contribuiu e gerou importantes valores na formação desta geração de arquitectos.

Os trabalhos apresentados na 1ª Exposição da ODAM, terão uma vasta variedade programática e soluções arquitectónicas. Destaca-se o Edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços, da *Empresa Industrial do Ouro*, na rua Fernandes Tomás, de Mário Bonito em co-autoria com Rui Pimentel, à data em fase de anteprojecto, posteriormente licenciada e construída entre os anos 1951 e 1955, onde:

*“Os temas principais de concepção apresentam-se, em termos urbanos, com uma clareza na articulação e hierarquização dos elementos urbanos, com o respectivo rigor compositivo e geométrico no traçado e na proporção das partes do conjunto. Nas unidades habitacionais destaca-se a racionalização da distribuição funcional, a composição dos alçados através da individualização dos elementos arquitectónicos e o rigor compositivo na resolução do rés-do-chão em diálogo com o espaço público e a afirmação do remate superior na escala e no desenho de continuidade da rua.”*⁴⁸

Será nesta atmosfera que se enquadra o panorama da arquitectura moderna na cidade do Porto, na década de 40 e 50, onde “*a aproximação ao desejo do novo manifestou-se em primeiro lugar no Porto, cidade comercial e burguesa, afastada do poder, onde uma encomenda privada, dinâmica e empreendedora, que desejava modernizar-se vai estimular emergência de linguagens de ruptura.*”⁴⁹ Destacam-se as obras do Cinema da Batalha, de Artur de Andrade, em 1946; o Mercado do Bom Sucesso, em 1949 e o Palácio Atlântico, em 1946-1950, dos A.R.S; Bloco de

46 FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *A Escola do Porto (1940/69)*, Carlos Ramos, *exposição retrospectiva da sua obra*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

47 PORTAS, Nuno. *Carlos Ramos (1897), Walter Gropius (1883)* in *memorian*, Diário de Lisboa, Lisboa. 17 de Julho de 1969

48 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

49 TOSTÕES, Ana. *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004



Fig 21 Viana de Lima, Casa Joaquim Malheiro, rua Carlos Malheiro 1942

Fig 22 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Casa Mário Amaral, rua Latino Coelho 1953

habitação plurifamiliar Costa Cabral, em 1953, de Alfredo Viana de Lima; edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços da *Empresa Industrial do Ouro*, obra licenciada e construída entre os anos 1946 e 1950, de Mário Bonito e Rui Pimentel (colaborador); o Bloco Parnaso, em 1953, de José Carlos Loureiro; o Bloco da Carvalhosa, na rua da Boavista, em 1945; o edifício de escritórios DKW, obra entre 1946 e 1951, o edifício Soares e Irmão, entre os anos 1950 e 1953, e o Bloco de habitação colectiva, na rua da Constituição, em 1949, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa; e o Bloco do Gaveto entre a rua de Guilherme da Costa Carvalho e a rua do Bonjardim, em 1955 de Alfredo Viana de Lima.

No panorama da habitação unifamiliar, destacam-se a Casa Joaquim Malheiro Pereira, em 1942, Casa Aristides, entre 1949 e 1951 e a Casa Rocha Gonçalves, em 1951 de Viana de Lima; Casa José Braga, em 1949 e a Casa na rua do Ameal, em 1953, de Celestino Castro; Cooperativa O Lar Familiar, de Mário Bonito em 1950; e a Casa Mário Amaral, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, em 1953.

Será nesta atmosfera que decorre inúmeras mutações no panorama da Escola de Belas-Artes do Porto. Após o impacto do Congresso de 1948, Carlos Ramos envolve-se directamente na nova etapa da escola em prol da reforma no ensino. Em 1951, convida Fernando Távora, Agostinho Ricca, José Carlos Loureiro e Mário Bonito, para o quadro de assistentes, pela distinção e qualidade dos seus trabalhos apresentados ao CODA. Promove exposições periódicas abertas à cidade, com os trabalhos escolares, realizados nos três Cursos Superiores – Arquitectura, Pintura e Escultura, através da *Exposição Magna*, decorrente a partir de 1952, ano em que assume a direcção da ESBAP, até 1968, com a *XVI Exposição Magna da ESBAP*. Em 1957, entra em vigor a Reforma da 57, permitindo actualizar e oficializar o alargamento no quadro da docência.⁵⁰

A proposta de Francisco Keil do Amaral para um levantamento detalhado da realidade da arquitectura nacional, será realizada no *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, conduzida pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, entre 1955 e 1960, com o apoio do Ministério das Obras Públicas, com o objectivo de procurar:

50 MONIZ, Gonçalo Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Dissertação de doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Julho 2011



Fig. 23 *Moinho de linho* em Parafita, Penafiel, Zona 1. Inquérito 1955-60

Fig. 24 *Um dos núcleos de povoação em Pitões das Júnias*, Zona 2. Inquérito 1955-60

Fig. 25 *Habitação Paúl*, Zona 3. Inquérito 1955-60

*“a valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-se no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento”.*⁵¹

Para melhor enquadrar a importância do *inquérito*, é necessário entender que este ocorreu exactamente antes das grandes mutações no território português, politicamente sob o governo pelo Estado Novo. Os arquitectos que fizeram parte deste projecto, vendo a imposição do regime Salazarista, juntamente com as incongruências com a arquitectura internacional, sentiram a necessidade de procurar a verdadeira identidade na arquitectura vernácula.

Francisco Keil do Amaral, será o porta-voz desta equipa de arquitectos, *“pois era a pessoa que tinha a melhor consciência sobre a necessidade, e juntamente com o ministro Arantes e Oliveira, aceder a uma verba com o objectivo de promover o território.”*⁵² Os arquitectos colaboradores deste projecto, todos numa fase inicial da sua actividade, exploram esta iniciativa de forma a documentar, através de imagens globais do espaço habitado do mundo rural, uma época de relação coerente entre o homem e o seu meio – social, económico e geográfico. Esta iniciativa referencia-se nos debates do Congresso de 1948, e torna-se uma ferramenta importante para os arquitectos através do conhecimento *“in situ”* das características de cada região do país, como testemunha a equipa coordenada por Fernando Távora:

*“Zona tão tentadora como difícil, densamente povoada e abrangendo terras que vão do litoral ao acidentado interior, e do Minho ao Mondego; Zona rica em história, onde a dimensão tempo significa e explica muita coisa, agitada ao longo dos séculos por choques de homens e de culturas, povoada aqui por uma pequena aldeia de montanha, ali pela grande cidade, variada na sua economia, que oscila entre a agricultura de exploração quase primitiva à mais moderna indústria.”*⁵³

O estudo da arquitectura popular terá como principal objectivo entender *“o claro funcionamento dos edificios rurais e a sua estreita correlação com os factores geográfico, o clima, com as condições económicas e sociais, expressões*

51 ANTUNES, Alfredo da Mata, *Arquitectura popular em Portugal* ed.: Associação dos Arquitectos Portugueses, volume 1, Lisboa. 1988

52 MESQUITA, Mário João, *António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa*, edições FAUP, Porto. 2006

53 ANTUNES, Alfredo da Mata, *Arquitectura popular em Portugal* ed.: Associação dos Arquitectos Portugueses, volume 1, Lisboa. 1988



Fig 26 Capa revista Arquitetura n° 64, Janeiro-Fevereiro 1959

simplesmente, directamente, sem imposições nem preocupações estilísticas a perturbar a consciência clara e directa dessas relações, ou a sua forte intuição, iluminaram certos fenómenos basilares da Arquitectura, por vezes difíceis de apreender nos edifícios eruditos, mas que logo ali se descortinam, se já estivermos preparados para os compreender e apreciar.”⁵⁴, através de mapas tipológicos, com os tipos de culturas agrícolas e distribuição da população, e esquemas com os tipos de povoamento: concentrado, de montanha, do litoral e disseminado.

Metodologicamente, organizam o território continental português em seis partes, distribuindo as parcelas por equipas de três arquitectos: Zona 1: Minho - Fernando Távora, Rui Pimentel, António Menéres; Zona 2: Trás-os-Montes - Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo, Carlos Carvalho Dias; Zona 3: Beiras - Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato; Zona 4: Estremadura - Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas, Francisco Silva Dias; Zona 5: Alentejo - Frederico George, António Azevedo Gomes, Alfredo Mata Antunes ; Zona 6: Algarve - Artur Pires Martins, Celestino de Castro, Fernando Torres.⁵⁵ O *Inquérito* comprova que “*ao contrário de um estilo genuinamente português existiam afinal tantas tradições quanto regiões*”⁵⁶, contribuindo para o esclarecimento e o fim do mito da *casa portuguesa*.

O trabalho de campo realizado pela equipa da Zona II, coordenada por Octávio Lixa Filgueiras, na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, será fundamental para o trabalho desenvolvido e enviado pelo grupo CIAM Porto, para a 10ª reunião dos CIAM – TEAM 10, em 1956 em Dubrovnik, sob o tema Habitat, intitulado por: *Habitat Rural – Nouvelle Communauté Agricole*⁵⁷, propondo um programa de habitação para uma comunidade de 40 famílias, mais tarde publicado na revista *Arquitectura* n.º 64, em 1959.⁵⁸ A representação portuguesa apresentará quatro painéis: 1 - determinação do problema; 2 - solução geral; 3 - solução pormenorizada e 4 - determinação de princípios.

“Cremos que o nosso estudo apresenta os seguintes aspectos de interesse com contribuição para a Carta do Habitat. A importância do Habitat

54 Ibidem.

55 Ibidem.

56 TOSTÕES, Ana. *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

57 Trabalho realizado pelo grupo CIAM Porto – Portugal, com a equipa: Octávio Lixa Filgueiras, Alfredo Viana de Lima, Fernando Távora, Arnaldo Araújo, Carvalho Dias e Alberto Neves.

58 *Arquitectura*. Lisboa, n.º 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mendes Paula. p. 21-27

LE 25 AVRIL 1974 ... ET LES ARCHITECTES

par Raul Hesnes Ferreira, architecte

Master in Architecture, Un. of Pennsylvania, 1963
A travaillé en l'agence (1962/68) et avec Louis Kahn (1962/68)
Collaborateur de la revue *Architecture*
Technicien du Département des Constructions Scolaires
Chargé de l'équipe S.A.A.L. Fonseca-Calcado

Photos : Jean Gaumy-Gamma,
Hervé Gloaguen-Vire et Brigitte David



Fig 27 Excerto da revista *l'Architecture d'Aujourd'hui - Portugal* n° 185, 1976

Rural que os CIAM não podem ignorar se pretendem que as suas propostas sejam realmente universais. A importância de inquéritos muito intensos, (...) evitará a perigosa tendência para a centralização que se encontra por toda a parte. O respeito pelas características positivas das sociedades humanas (...). A posição do arquitecto que não é mais o (...) que impõe a sua própria forma, mas o homem (...) que se dedica aos problemas dos seus semelhantes (...) a posição adoptada no nosso estudo conduzirá à variedade necessária, não forçada mas natural e espontânea. (...) em verdade cremos que todos os homens, e não somente os arquitectos e os urbanistas, têm o direito e o dever de participar e colaborar (comunhão) na criação e no desenvolvimento do seu habitat.”⁵⁹

Em 1961, será publicada a obra de investigação que documenta a relação coerente entre o homem e o seu meio, no âmbito social, económico e geográfico, o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, revelará assim, a verdadeira identidade de cada lugar, através de uma iniciativa dos arquitectos da época que se reúnem com o mesmo propósito, relatar a autenticidade sobre a arquitectura portuguesa.⁶⁰

Entretanto, os alunos da ESBAP em fim de formação, apresentam os trabalhos para o *Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto*, como prova final de curso após tirocínio com um arquitecto diplomado, onde constituíam a oportunidade de afirmação dos ideais modernos, confirmando a abertura da escola do Porto, como reflexão da aprendizagem baseada nos acontecimentos decorrentes a cada época. Antes de 1948, os projectos espalhavam o sentido nacionalista; após o Congresso de 1948, os trabalhos refletem as referências da arquitectura internacional.

“depois de 1955, encontramos uma nova mudança de linguagem dos CODA que é quase completa: desaparecem os projectos com as linguagens estabelecidas pelo Estado Novo, rareiam os que apresentam uma influência estilo internacional não contaminada por qualquer elemento regionalista ou orgânico e surge em maioria, nos desenhos e nos discursos, a expressão de uma vontade de conciliar um desenho moderno com uma tectónica de raiz vernacular, com claras influências das lições do Inquérito”.⁶¹

59 Grupo CIAM Porto Dubrovnik 7/8/1956, in *Arquitectura*. Lisboa, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mendes Paula.

60 *Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX* / ed. João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006

61 Fernandes, Eduardo Jorge Cabral dos Santos, *Os CODA da EBAP nos anos 40: das linguagens do Estado Novo à emergência de uma consciência moderna*, ed. Tenacitas. 2016

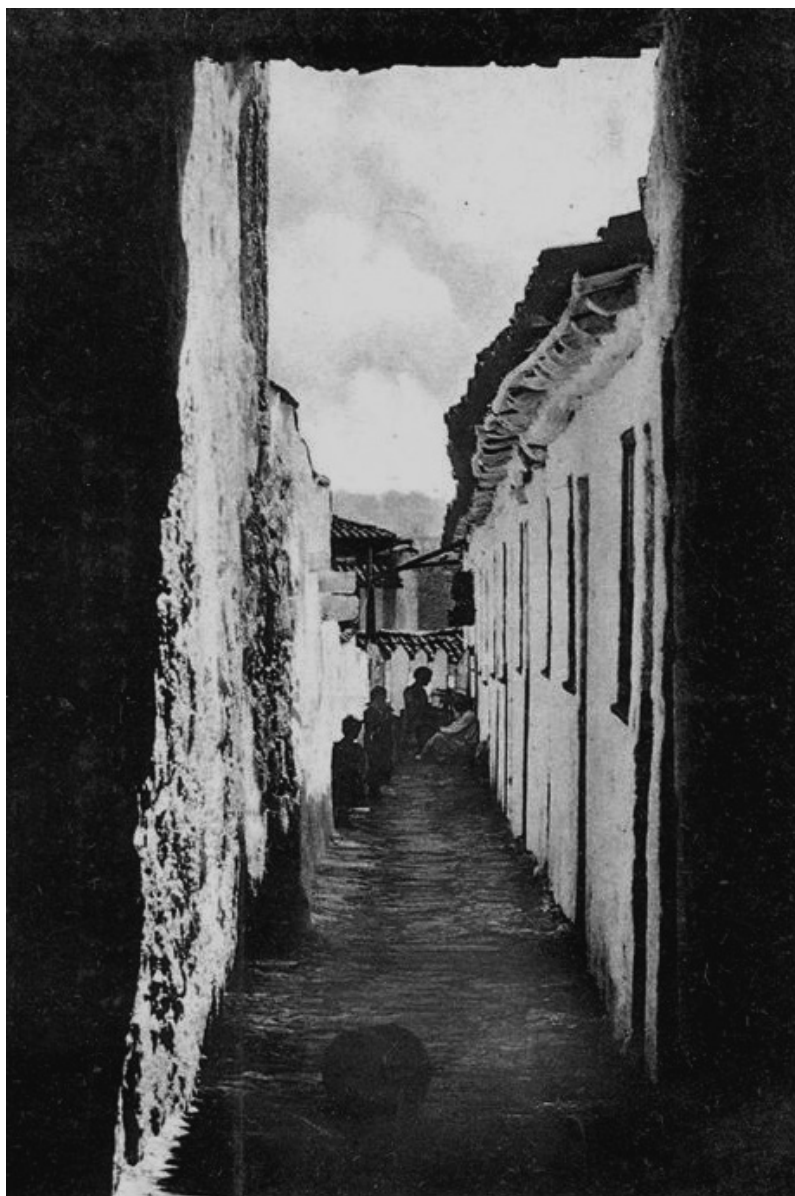


Fig. 28 Ilha na rua de São Victor 1900

Octávio Lixa Filgueiras, a partir de 1960 escreve “*A Função Social do Arquitecto*”, onde deixa um comunicado às gerações subsequentes, que irão iniciar a prática profissional, sobre uma consciencialização de classe e o papel social do arquitecto:

*“Que os novos arquitectos se lembrem da nova responsabilidade que abraçam. Os monumentos apagam-se com o tempo, mas a beleza perdura na atitude que cala fundo no coração de todo o Homem.”*⁶²

A partir de 1954, a modernização dos equipamentos públicos, passa pela encomenda municipal de escolas primárias, e o programa das barragens do Douro Internacional, no Nordeste Transmontano, na produção de obras de relevo por uma nova geração, que agora se definia. No campo da escrita, à revista *Arquitectura*, será acrescentado o valor crítico na arquitectura de Frederico Sant’Ana, Carlos Duarte e Pedro Vieira de Almeida, juntamente com Nuno Portas, a partir de 1956, divulgando, inclusivamente, as bases do movimento moderno numa perspectiva de reflexão cultural e histórica.

A Revolução de 25 de Abril de 1974, será marcada como um dos marcos mais importante na história de Portugal. Também conhecida por Revolução dos Cravos, decorre três décadas após a segunda Guerra Mundial, e vem pôr término ao longo regime ditatorial, vigente desde 1926, dando lugar a um regime democrático.

Com a capitulação do regime ditatorial em 1974, os arquitectos portugueses serão solicitados para vastos e inovadores programas de equipamentos e habitação social, sobretudo em Lisboa e no Porto.⁶³ Ainda no mesmo ano, surge o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), como apoio às auto-construções para as famílias mais carenciadas. As operações SAAL, decorrentes até 1976, constituem um programa promovido pelo Governo Provisional, instituído por despacho conjunto do Ministro da Administração Interna, Costa Brás, e do Secretário de Estado da Habitação e do Urbanismo, Nuno Portas, a 31 de Julho de 1974, com o objectivo de solucionar os graves problemas habitacionais que se acentuam no país.

No caso do Porto, estes problemas, sobretudo associados às ilhas, tinham vindo a ser estudados na ESBAP, com destaque para as disciplinas de Octávio Lixa

62 FILGUEIRAS, Lixa Octávio. *Da Função Social do Arquitecto, Para uma Teoria da Responsabilidade numa Época de Encruzilhada*, ed. do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P, Porto. 1985

63 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993



Fig. 29 Álvaro Siza Vieira, Bairro da Bouça, SAAL 1973-77

Fig. 30 Álvaro Siza Vieira, Bairro de São Victor, SAAL 1974-77

Filgueiras⁶⁴ e Arnaldo Araújo⁶⁵, onde, através de *inquéritos urbanos*, exploram a relação do habitat com os costumes e tradições. Destacam-se as obras de Álvaro Siza nas operações SAAL, no Bairro da Bouça, entre 1973 a 1977 e o Bairro de São Victor, entre 1974 e 1979.

Revisitando o panorama da arquitectura portuguesa do século XX, verifica-se que a produção da primeira geração moderna, decorrente nas décadas de 20 e 30, fora “*revelada num funcionalismo entendido mais como álibi programático do que como base metodológica de produção*”⁶⁶, onde o interesse pela modernidade não foi suficiente para substituir o ecletismo profundamente instaurado na época, contudo foi durante os anos 50, que se verificou o maior rompimento declarado com o heroísmo das grandes convicções. O equacionamento das premissas do *Estilo Internacional*, gerou novos interesses pela permanência da tradição, segundo uma realidade crítica que anuncia a diversidade que distingue as décadas seguintes. A modernidade será explorada, na sua relação com a construção e materialidade, permitindo uma expressão formal diversificada, sem dogmas na relação de adequabilidade entre o material, a sua função e significado. Construtivamente a evolução e a interpretação do sistema construtivo, explora a expressão dos elementos arquitectónicos realçando o contraste dos materiais, cores e texturas. A materialidade ganha então o importante papel de identificar do lugar e a sua tradição vernacular, assim como o betão será assumido estruturalmente na sua plasticidade e textura.

Nas respostas às encomendas e no papel social do arquitecto, desenvolve-se a relação do homem com o seu meio, com base na tradição, no contexto e na história evocando-se o sentido do lugar e tomando consciência da condição da arquitectura como uma arte de carácter social, como sugere Octávio Lixa Filgueiras, em “*A Função Social do Arquitecto*”; Fernando Távora, em “*Da organização do espaço*”; e como clarifica Nuno Portas, que o arquitecto seja atento aos problemas sociais da cidade e da cultura contemporânea, seja a cidade moderna ou a cidade histórica.

64 Octávio Lixa Filgueiras, ingressa na ESBAP em 1958, como assistente, e em 1962 como professor da cadeira: Arquitectura Analítica 2, e promove os Inquéritos Urbanos como método pedagógico.

65 Arnaldo Araújo, ingressa na ESBAP em 1958 como professor da cadeira: Geometria Descritiva, e em 1960, na cadeira Composição de Arquitectura (1º ano). Em Outubro de 1964, juntamente com Rui Pimentel e António Quadros, emigra para Moçambique, e reingressa na Escola em Outubro de 1966.

66 TOSTÕES, Ana. *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos*, Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970, IPPAR, Lisboa. 2004

Segunda parte

Percurso e obra

Rui Pimentel enquadra-se na terceira geração dos arquitectos modernos portugueses, “*constituída por arquitectos nascidos cerca de 1921, mais precisamente entre 1917 e 1927*”⁶⁷, caracterizada pela prática profissional directamente aliada ao papel social do arquitecto, numa época em que o país se encontrava assente sob um regime ditatorial, e sob a consciência do *ideário moderno* ainda por cumprir no panorama da Arquitectura e da sociedade portuguesa. Geração que no final dos anos 40 se afirma com uma prática profissional consciente da circunstância nacional, e na década seguinte apresenta obra arquitectónica singular na implementação e divulgação da Arquitectura moderna, fundamentada nas ideias transmitidas e aprofundadas pelos CIAM.

Rui Pimentel, filho de Albano Pinto da Cunha Ferreira e Maria Helena Leão Pimentel Ferreira, nasce a sul da cidade do Porto, na freguesia de Massarelos, a 14 de Dezembro de 1924. Numa época de recuperação da devastadora Primeira Guerra

67 *Arquitectura do movimento moderno: inventário Docomomo Ibérico 1925-1965*, Edição Xavier Costa, Susana Landrove, Barcelona. 1997



Fig. 31 Rui Pimentel com o grupo da *Exposição Independente*, Coliseu do Porto 1944

Fig. 32 Rui Pimentel, *Ceifeira* 1945, óleo sobre madeira, 84 x 68 cm

Mundial, decorrente entre 1914 e 1918. Todavia, os anos anteriores à Grande Guerra foram muito importantes para o desenvolvimento económico e tecnológico, que consequentemente reflectiu na arquitectura internacional, viveu-se a *Belle Époque*, entre os anos 1870 e 1914, porém, o desenvolvimento e crescimento do mercado mundial despoletou rivalidades e políticas de alianças, em consequência de uma severa divisão dos países europeus em dois blocos, através de acordo militares.⁶⁸

Para a melhor compreensão do percurso e obra de Rui Pimentel, torna-se importante revisitar o enquadramento da história da arquitectura portuguesa, dos anos 40 a 60 do século XX, bem como as influências internacionais, partindo do contexto académico e pedagógico, que vivência com autores importantes para a discussão do moderno e construção da arquitectura portuguesa. Este capítulo descreve simultaneamente o estudo pormenorizado do percurso académico e profissional de Rui Pimentel, que decorre sem dissociação, estimulado pela pedagogia de Carlos Ramos, através de colaborações e co-autorias, e participação em iniciativas, exposições e congressos da época em estudo.

A sua formação na Escola de Belas-Artes do Porto é compreendida entre 1940 e 1961, com frequência no *Curso Especial em Arquitectura e Curso Superior em Arquitectura*, concluindo com a apresentação ao *Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto* (CODA), em Julho 1964.⁶⁹ Durante este percurso, realiza e participa em diversas actividades relacionadas com a Pintura, e colabora em reuniões e iniciativas de acção cívica, onde aprofunda o Papel Social do Arquitecto.

Em Setembro de 1939, requer o exame de admissão à Escola de Belas-Artes do Porto, para o *Curso Especial de Arquitectura*, ultimo ano de José Marques da Silva enquanto director da Escola e professor da 4ª Cadeira – *Arquitectura*, que se reforma por limite de idade. No ano seguinte, inicia o seu primeiro ano lectivo, 1940/1941, inscrevendo-se em seis cadeiras: 01 - Geometria Descritiva e Estereotomia; 02 - Ornamentação, Estilização e Composição Ornamental; 03 - Desenho de Figura do Antigo e de Modelo Vivo; 08 - Desenho arquitectónico e de Construção e de Salubridades das Edificações; 11 - História, Geografia Histórica e Etnografia; 13 - Álgebra, Geometria Analítica e Trigonometria Plana. Elementos de cálculo integral e diferencial, Mecânica.

68 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69)*, Carlos Ramos, *exposição retrospectiva da sua obra*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

69 Livro de matrícula do processo individual do aluno (1940-1964), Serviço de Documentação e Informação do Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. [consulta a 11 de Dezembro de 2017]

ESCALA HUMANA

Éis a nossa Unidade.

Lugar geométrico de todos os estudos, pesquisas e criações; fulcro de toda a actividade humana.

Deve constituir a máxima preocupação do ser humano activo... o seu condicionamento; o alicerce de todo o observador, de todo o criador.

Sabemos quanto de relativo é tudo o que existe, plurilateral, inabsoluto e apto a mistificação. Precisamos de uma unidade.

Aí a temos: «Escala Humana».

Precisamos de um método:

«Sistematizações».

Sistematizar é relacionar leis, é ordenar conhecimentos. A suprema sistematização é a filosofia.

Os nossos conhecimentos são limitados para o estudo pleno do meio ambiente. São complicados e por vezes confusos. A sistematização nos salva.

A confusão é proveniente da não admissão das constantes estáticas na interdependência das qualidades dinâmicas. A confusão é devida ao estudo que não admite as transformações, o movimento, o eterno devir, como elementos a estudar, como base de toda uma sistematização.

Esta sistematização apoiada na escala humana, constitui o processo de estudo.

Os observadores pretendem descobrir as leis da Natureza. Não o fazem movidos por simpatia.

Não. Fazem-no porque a melhor maneira de combater um inimigo é o conhecer-lhe as suas leis e condicionamentos.

Os criadores pretendem construir dentro da posse dessas leis, desses condicionamentos.

Não é necessário procurar uma ligação, uma semelhança com a natureza. Basta criar a partir da escala humana—o homem é um elemento da natureza e por conseguinte tudo o que for desenvolvido a partir deste elemento está em franca dependência com a própria natureza.

Os observadores e criadores só poderão pesquisar, só poderão criar se tomarem, como única parcialidade a sua própria condição humana com todas as suas inerentes necessidades.

O homem é um animal e como animal é um ser susceptível de exigências orgânicas. Não tenhamos pena disso.

E' o expoente máximo da organização material e como não tão evidentes quanto às outras, porém com a mesma intensidade.

Sendo um todo material sem destrinçamento absoluto, sem possibilidade de se separar as variadas necessidades, todas elas orgânicas. Essas necessidades são as requisições feitas à natureza pelos nossos órgãos; são elas:

DE ORDEM MATERIAL
DE ORDEM ESPIRITUAL

→ Continua na 6.ª página

A R C O

Escala Humana

← Continuação da 3.ª página.

Estas são as condições obje-

ctivas e subjectivas que formam respectivamente as constantes e as incógnitas desta equação que é o homem.

Escala humana não é uma indeterminação; é o resultado exacto, dessa equação em que se substituem as incógnitas pelas constantes não de um indivíduo em particular mas sim da colectividade.

Uma máquina, um quadro, uma escultura, um edifício, uma equação matemática, uma lei biológica, são sistematizações com o fim de melhorar as nossas condições de vida.

*

Arte é o processo de actuação emocional através da escala humana. Actuação emocional, depende do tempo e das condições estritamente humanas, porque consideramos actuação emocional toda a acção do meio ambiente e hereditário que interfere sobre o nosso sistema nervoso.

Todos os processos, sejam eles de simples pesquisa ou de plena criação tem por fim servir. E para servir é-nos preciso ser directos e objectivos. Mas só-lo dentro da escala humana.

ARCO

«A TARDE»

vende-se em todo o país

Fig. 33 Excerto do suplemento *Arte* do Jornal *A Tarde*, *Escala Humana* p.3 e 6, Rui Pimentel 9 de Junho de 1945

O início deste percurso coincide com a renovação do método pedagógico no ensino das Escolas de Belas-Artes, enquadrado na *Reforma 1931* (1939-45), e a entrada de Carlos Ramos para o quadro da docência da EBAP em 1940, como professor da 4º cadeira – *Arquitectura*, sob a direcção de Arão Lacerda e sub-direcção de Joaquim Lopes. Carlos Ramos, interpretou o ensino da arquitectura e das artes, assentes nos princípios multidisciplinares, introduzindo na escola a conexão entre Arquitectura, Pintura e Escultura, assim como, o incentivo às preocupações sociais e a importância de trabalho em colaboração e co-autoria. A pedagogia de Carlos Ramos, através de uma cultura humanista, contribuiu e gerou importantes valores na formação desta geração de arquitectos.

Será no ambiente da multidisciplinaridade, que Rui Pimentel inicia a sua formação juntamente com os alunos de Pintura e Escultura, e participa em diversas exposições colectivas. O gosto pela Pintura decorre no início da sua formação, apresentando-se com o pseudónimo *ArCo* (artista comunista), participará nas Exposições *Independentes*, organizadas por Fernando Lanhas; Exposições Magnas e Extra Escolares dos alunos da ESBAP e na *Exposição Geral de Artes Plásticas*, nos anos 1946 a 1949, 1951 e 1953, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa, com pinturas neorrealistas e politicamente em oposição ao regime de Salazar.

A propósito da *Exposição Independente* em Lisboa, Rui Pimentel escreve um artigo intitulado *Escala humana*, publicado no jornal *A Tarde* em Junho de 1945, onde exprime e sugere a relação da arte entre as necessidades inerentes ao homem, defendendo que a arte será valorizada ao considerar o homem na mesma medida que considera todos os elementos, assim como a forma e a técnica.

“Escala humana. Eis a nossa unidade. Lugar geométrico de todos os estudos, pesquisas e criações; fulcro de toda a actividade humana. (...) Os observadores e criadores só poderão criar se tomarem, como única parcialidade a sua própria condição humana com todas as suas inerentes necessidades (...) Arte é o processo de actuação emocional através da escala humana. (...) Todos os processos, sejam eles de simples pesquisa ou de plena criação tem por fim servir. E para servir é-nos preciso ser directos e objectivos. Mas sê-lo dentro da escala humana” ⁷⁰

⁷⁰ ArCo. *Escala humana*, in *A Tarde*, Supl. Arte. No 1. Porto: Tipografia do Jornal de Notícias, 09 de junho de 1945. p 3 e 6, consultado no arquivo de leitura reservada da Biblioteca Municipal do Porto



Fig. 34 *Exposição Geral das Artes Plásticas*, Lisboa 1947

Fig. 35 *S/título*, óleo sobre tela 95,5 x 82 cm, Rui Pimentel (não datado)

O escasso espólio respectivo aos quadros pintados por Rui Pimentel, devem-se à apreensão pela PIDE⁷¹, que no caso da Exposição Geral de Artes Plásticas de 1947, na qual “*pela calada da hora do almoço, quando não havia ninguém na exposição senão uma empregada, o ministro do Interior em pessoa (Cancela de Abreu, se a memória não me falha) entrou pela sala dentro, na companhia de alguns amigos seus que, por natural coincidência, não eram exactamente críticos de arte, mas vulgares agentes da PIDE*”⁷², confiscaram doze obras de onze artistas:

Nº13 do catálogo pintura: ARCO – *Pintura*;

Nº18 do catálogo pintura: AVELINO CUNHAL – *O menino da bandeira branca*;

Nº41 do catálogo pintura: JOSÉ CHAVES – *Pintura*;

Nº50 do catálogo pintura: JOSÉ MARIA VIANA DIONÍSIO – *Composição*;

Nº52 do catálogo pintura: JÚLIO POMAR – *Resistência*;

Nº59 do catálogo pintura: MARIA KEIL AMARAL – *Regresso à terra*;

Nº63 e 64 do catálogo pintura: NUNO TAVARES – *Ansiedade e Filho morto*;

Nº22 do catálogo desenho e aguarelas: ARNALDO L. DE ALMEIDA – *Aguarela*;

Nº39 do catálogo desenho e aguarelas: JOSÉ LIMA DE FREITAS – *Guerra*;

Nº67 do catálogo desenho e aguarelas: MANUEL FILIPE – *Asilo*;

Obra sem número do catálogo desenho e aguarelas: provavelmente de MANUEL RIBEIRO DE PAVIA (não referido nos documentos da PIDE).⁷³

“Reunindo também «velhos e novos», naturalistas de Oitocentos, como Saúde, Conceição Silva, Falcão Trigoso, J. J. Ramos, João da Silva ou mesmo Abel Salazar, e pintores das «primeira» e «segunda» gerações modernistas, como Manta e como Botelho, Júlio Santos, Maria Keil, Júlio, Roberto Nobre ou Pedro, e os activos jovens da «terceira geração», como Pomar, Vespeira e Arco – a exposição respondia a um voto de Pomar, em

71 Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente, o Estado Novo.

72 *Exposição Um grande comício sem palavras*, Catálogo a partir da II Exposição Geral das Artes Plásticas de 1947, decorrente de 30 de Setembro de 2017 a 16 de Abril de 2018, www.centromariodionisio.org, publicado no Diário da Manhã de 9 de Maio de 1947

73 Ibidem.

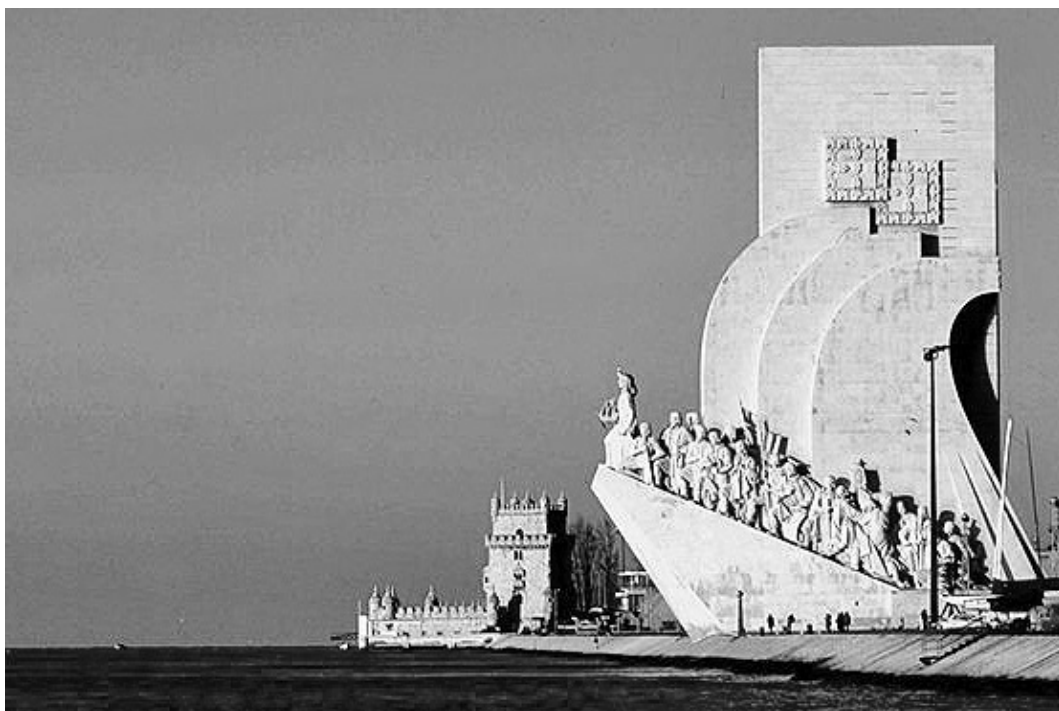


Fig. 36 Cotinelli Telmo, Padrão dos Descobrimentos, Lisboa 1940

42, achando que «urgia criar um salão isento de partidarismos, aberto a todos os artistas de alma jovem que trouxessem uma mensagem a revelar.»⁷⁴

O ano de 1940, será também marcado pela *Exposição do Mundo Português*, organizada pelo Presidente Nacional de Belas-Artes, Coronel Arnaldo Garcia, em Lisboa, em comemorações pela Fundação do Estado Português (1140) e da Restauração da Independência (1640). O regime afirma o poder e a sua arquitectura oficial, aproveitando a circunstância da Guerra, para vincar o contraste entre o mundo em Guerra e o *Oásis* de paz e de ordem em Portugal, como declara Salazar.

A estrutura da exposição será composta por: Comissão Geral, representada pelo Dr. Augusto de Castro, Comissário adjunto, o Engenheiro Sá e Melo, e o Arquitecto chefe, Cottinelli Telmo. A organização espelha oito séculos em exposição, dispondo vários pavilhões representativos da história de Portugal: pavilhões alusivos à área colonial e etnográfica; à história económica do país, resultante dos bens comerciais e industriais; o Pavilhão dos desportos, caminhos-de-ferro e telecomunicações; a Nau, emblemática dos Descobrimentos portugueses; e a inauguração do edifício iconográfico - Padrão dos Descobrimentos, de Cotinelli Telmo.⁷⁵ Esta exibição recebe cerca de três milhões de visitantes e a participação de inúmeros pintores e arquitectos, alguns do *Primeiro Moderno*, que optaram por seguir a linha oficial do regime.⁷⁶

Em Setembro de 1941, Rui Pimentel requer a inscrição de matrícula no 2º ano e nos próximos seis anos subsequentes, numa época em que emergia o interesse pelos acontecimentos sociais e arquitectónicos internacionais. Com destaque para a *Exposição Nova Architectura Alemã*, em Lisboa, a 8 de Novembro de 1941, com a presença de Albert Speer, Inspector Geral do Urbanismo de Berlim e autor das principais obras do governo alemão.⁷⁷ Também a *Exposição Brasil Builds: architecture new and old, 1652-1942*, realizada em 1943 no *Museum of Modern Art*, em Nova Iorque, onde Philip L. Goodwin apresenta publicamente três séculos de arquitectura e cultura brasileira, ilustrando o período da investigação

74 FRANÇA, José Augusto, in *Exposição Um grande comício sem palavras*, Catálogo a partir da II Exposição Geral das Artes Plásticas de 1947, decorrente de 30 de Setembro de 2017 a 16 de Abril de 2018, www.centromariodionisio.org, publicado no Diário da Manhã de 9 de Maio de 1947

75 *História da Arte em Portugal*, a arquitectura moderna, Ed. Alfa, Lisboa. 1993

76 TOSTÕES, Ana. *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, Dissertação para Doutoramento do Instituto Superior Técnico /UTL, Lisboa. 2002

77 FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1988



Fig. 37 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Bloco da Carvalhosa, rua da Boavista 1947-49

Fig. 38 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Edifício DWK, rua Sá da Bandeira 1947-53

e demonstrando a abordagem brasileira ao movimento moderno, “*adaptado ao clima e à atmosfera latino-americana*”⁷⁸, com destaque para as obras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Este manifesto repercutiu-se mundialmente e tornou-se influência determinante para a arquitectura portuguesa.

O percurso de Rui Pimentel no *Curso Especial de Arquitectura*, insere-se na 1ª Fase da afirmação da Escola do Porto, como define Octávio Lixa Filgueiras. Após a saída de Marques da Silva, o ingresso de Carlos Ramos como docente da Escola, e posteriormente, professor interino da 4ª Cadeira – *Arquitectura*, marca uma época de ruptura com a tradição da *Beaux-Arts*, que caracterizava o ensino e a prática da arquitectura.⁷⁹

“*Briosamente Marques da Silva esgotara uma época – a do artista ao serviço duma geração demo-liberal marcada pelo apogeu e declínio da Belle Époque, geração adormecida nas conversas de salon, do culto do Belo, da linha, no apuramento da expressão da forma como suporte dum decor.*”⁸⁰

Ao longo do percurso académico, Rui Pimentel realiza diversas colaborações, importantes para a sua formação, com autores relevantes para a discussão do moderno como: Fernando Távora, Mário Bonito, Arménio Losa, Cassiano Barbosa, António Meneres, Augusto Amaral, entre outros que abordam temas importantes como: tradição e moderno, função e técnica, inovação e artisticidade.

Destacam-se as obras arquitectónicas desta época na cidade do Porto, o edifício Companhia Portuguesa da Seda Artificial, obra entre 1943 e 1946, de Arménio Losa; Hotel Império, em 1943, de Alfredo Viana de Lima; Cinema da Batalha em 1946, Café Rialto entre 1944 e 1946, e o edifício de habitação plurifamiliar na rua Latino Coelho, entre 1948 e 1963 de Artur de Andrade; edifício de habitação colectiva, na rua Santos Pousada, em 1945, de Januário Godinho; o Bloco da Carvalhosa, entre 1947 e 1949, Edifício de habitação e comércio DWK, na Rua Sá de Bandeira, licenciado e construído entre 1947 e 1953, edifício de escritórios, na rua dos Bragas, entre 1947 e 1949, Edifício de habitação plurifamiliar na rua do Amial, entre 1949 e 1951, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa.

78 TOSTÕES, Ana. *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso*, Edição Fac-similada Ordem dos arquitectos, Lisboa. 2008

79 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69), Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

80 Ibidem.

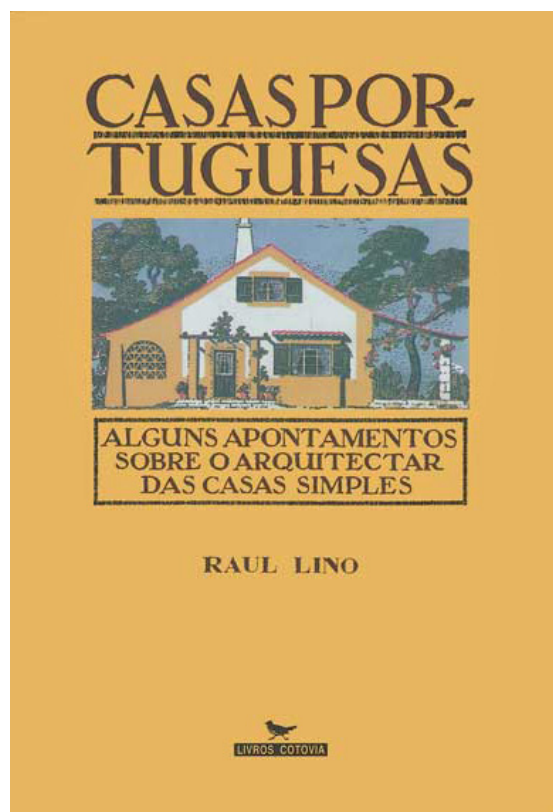
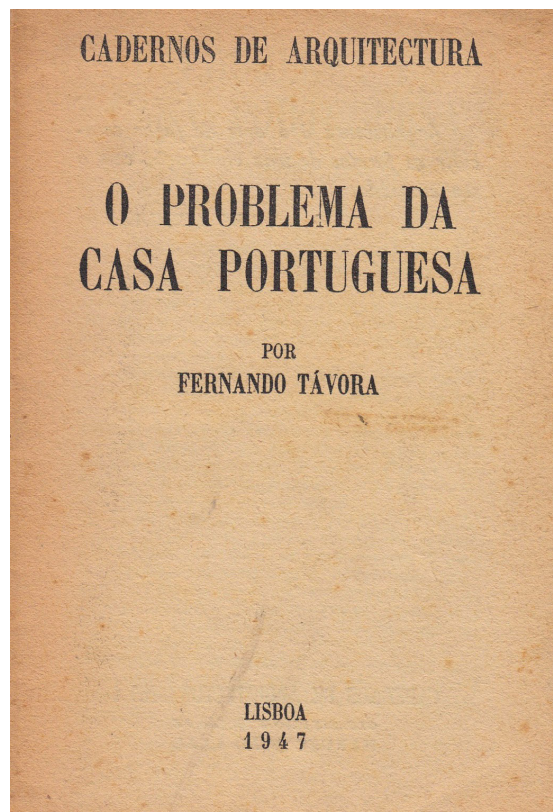


Fig. 39 *O Problema da Casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura por Fernando Távora, ed. 1947

Fig. 40 *Casas Portuguesas*, Raul Lino, ed. 1933

Este percurso intersecta o fim da segunda Guerra Mundial em 1945, onde a Europa recupera-se lentamente da catástrofe, trocando ditaduras por democracias. A eminente necessidade de realojar a inúmera população, vítima dos bombardeamentos em zonas urbanas, torna-se a problemática central a resolver, dando-lhes as condições mínimas de habitabilidade.⁸¹ Em Portugal o regime *salazarista* sobrevive, sem apoio dos países nazis e ditadores, despertando na oposição esperança pela liberdade democrática. Durante o período entre 1945 e 1958, residiu em Portugal várias actividades eleitorais, que aparentavam a possibilidade de participação no governo e o fim da opressão, contrariamente ao sucedido, pois encontravam-se sem condições para chegar às urnas, e acabavam em prisões ou despedidos dos seus cargos. O único/mesmo concorrente - Estado Novo vence as eleições, a Novembro de 1945, consequentemente, Salazar endurece as suas políticas e o regime continua prolongadamente no poder até 1974.

O fim da segunda Grande Guerra, e o esforço de recuperação da Europa devastada, proporciona uma atmosfera de enorme entusiasmo cultural, o “*que torna a década de 40, particularmente importante na reflexão da arquitectura moderna em Portugal.*”⁸² Esta conjuntura gerou a necessidade, e acima de tudo a vontade de hierarquizar os valores da sociedade, baseados na relação entre a arquitectura e o homem, através dos Congressos Internacionais da Arquitectura (CIAM), Congresso Nacional dos Arquitectos e também através da renovação do ensino da arquitectura das escolas nacionais e internacionais.

No mesmo ano, Fernando Távora escreve *O Problema da Casa Portuguesa*, publicado no semanário *ALEO*, em resposta ao *Português Suave*, de Raul Lino, assente na preocupação da arquitectura portuguesa estar a perder a sua autenticidade, aludindo ao verdadeiro significado da arquitectura segundo uma relação coerente entre o homem, a civilização e a sua cultura. Em 1947, Keil do Amaral, seguindo o mesmo princípio ideológico, escreve “*O Problema da Habitação em Portugal*”, comunicado no ano seguinte, no Congresso de 1948.

O primeiro Congresso CIAM pós Guerra, decorre em 1947 em Bridgewater, em Inglaterra, sob o tema “*Can our cities survive?*”. Este Congresso reflecte a ambição de reformular os princípios iniciais do movimento moderno, assim como da Carta da Atenas, de 1933, dando agora primazia a uma abordagem mais humanizada

81 FERNANDEZ, Sérgio. *Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1988

82 BOTELHO, Manuel. *Os Anos 40: A ética da estética e a estética da ética*, in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, N.º 0. Outubro de 1987.



Fig. 41 1ª Exposição do Grupo ODAM, Ateneu Comercial do Porto, 1952

da arquitectura. Será neste espaço de debate que se apresentam os arquitectos portugueses da nova geração, entre eles destaca-se, Fernando Távora, que se encontra com Peter e Alison Smithson, Aldo van Eyck e Giancarlo de Carlo.

A finalizar a primeira etapa da sua formação, Rui Pimentel apresenta requerimento, em Setembro de 1947, com inscrição no ano lectivo 1947/48, de modo a regularizar as cadeiras dos anos anteriores, e no mesmo ano elabora um projecto para o Edifício do Alto da Estrada, em Arouca entre 1946 e 1947.⁸³

Também em 1947, surge o grupo ODAM, onde Rui Pimentel junta-se a 28 arquitectos e 5 estudantes, formados ou em formação na EBAP. Esta atmosfera causa no Porto uma geração expectante e activa na defesa e discussão do moderno, desde os docentes aos discentes, que se juntavam com o mesmo propósito. O grupo ODAM transforma um momento potencialmente anacrónico, decorrente da assimetria sócio-cultural com o contexto internacional, num período fundacional para a Arquitectura contemporânea portuguesa. Este grupo de arquitectos, diverso em geração e *estilos*, assume como ponto em comum a ética profissional, e a actualização dos conceitos vigentes a favor de uma arquitectura ajustada às condições sociais, humanistas e históricas da época, através de exposições, conferências e publicações.

*“A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) tem como objectivo divulgar os princípios em que deve assentar a Arquitectura Moderna, procurando afirmar, através da própria obra dos seus componentes, como deve ser formada a consciência profissional e como criar o necessário entendimento entre os arquitectos e os demais técnicos e artistas.”*⁸⁴

Em Setembro de 1948, Rui Pimentel inscreve-se no último ano lectivo, 1948/49 e conclui o 4º ano do *Curso Especial de Arquitectura*, quatro meses após ao 1º Congresso Nacional de Arquitectura. Esta iniciativa do Governo, juntamente com o de Engenharia, decorre com o objectivo de enaltecer a política e documentar os *15 anos de Obras Públicas*. Num país onde existia um enorme controlo de tudo o que era publicado, esta oportunidade foi aproveitada ao máximo pelos arquitectos na discussão de dois temas: *A Arquitectura no Plano Nacional* (do agrado do regime) e *O Problema Português da Habitação*, através de várias comunicações e

83 TENREIRO, José Pedro de Galhano. *O grupo ODAM: organização dos arquitectos modernos: a construção do racionalismo portuense*. Dissertação de Doutoramento, FAUP. 2012

84 BARBOSA, Cassiano, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*. Edições Asa - Porto. 1972



**1.º CONGRESSO NACIONAL DE
ARQUITECTURA**

MAIO / JUNHO DE 1948

*PROMOVIDO PELO SINDICATO NACIONAL
DOS ARQUITECTOS COM O PATROCÍNIO
DO GOVERNO*

**RELATÓRIO DA COMISSÃO EXECUTIVA
TESES
CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO**

Fig. 42 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948

intervenções, onde se contesta a liberdade de criação para os arquitectos, “*posições defendidas até por profissionais bem vistos pelo regime como Cottinelli Telmo e Jorge Segurado, as conclusões do Congresso representaram para o Governo um tiro pela culatra e constituíram uma verdadeira carta de alforria conquistada pela profissão*”.⁸⁵ Os grupos ODAM, do Porto, e ICAT⁸⁶, de Lisboa, fortemente politizados, em defesa pela *Arquitectura Moderna*, juntam esforços para combater o chamado *português suave*, a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar utilizava como instrumento de ordem ideológico para fortalecer o seu poder, reivindicando que “*o portuguesismo da obra de arquitectura não continue a impor-se através da imitação de estilos*”.⁸⁷

Mário Bonito participa no Congresso de 1948, com duas importantes comunicações, sob as Teses apresentadas ao Tema I – *Arquitectura no Plano Nacional*, onde aborda a responsabilidade social do Arquitecto, com os temas: *Tarefas do Arquitecto, e Regionalismo e Tradição*, em busca de uma sociedade progressista e igualitária. Destacam-se também as intervenções: *A formação dos arquitectos*, de Francisco Keil do Amaral, (na época presidente do Sindicato dos Arquitectos); *Arquitectura e Urbanismo*, e *A Arquitectura e as novas fábricas*, de Arménio Losa; e *Tradição na Arquitectura*, de Porfírio Pardal Monteiro. Das Teses apresentadas ao Tema II – *O Problema Português da Habitação*, destacam-se: *A Habitação rural e Urbanismo*, de António Matos Veloso; *O Problema Português da Habitação*, de Viana de Lima; e *Industria e Construção*, de Arménio Losa.⁸⁸

No seguimento destes temas e preocupações, surgem convicções comuns a esta geração de arquitectos, com destaque para o texto da “*Carta de Atenas*”, de Nuno Teotónio Pereira, publicado na *Revista do Instituto Técnico*, em 1944, os textos de Francisco Keil do Amaral, numa série de quatro artigos intitulados “*A moderna arquitectura holandesa*”, publicados na *Seara Nova*, em 1943 e a série de seis

85 TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno. *Keil do Amaral e o Sindicato dos Arquitectos*, in Keil do Amaral o arquitecto e o humanista, ed.: Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. 1999

86 *Iniciativas Culturais de Arte e Técnica* (ICAT), fundada em 1946, em Lisboa, por Keil do Amaral, Celestino de Castro, Adelino Nunes, entre outros, sobre o debate pela resolução do problema da habitação, desenho da cidade e ornamento do território.

87 TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno. *Keil do Amaral e o Sindicato dos Arquitectos*, in Keil do Amaral o arquitecto e o humanista, ed.: Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. 1999

88 *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso*, coord. Ana Tostões, ed.: Ordem dos arquitectos, Lisboa. 2008

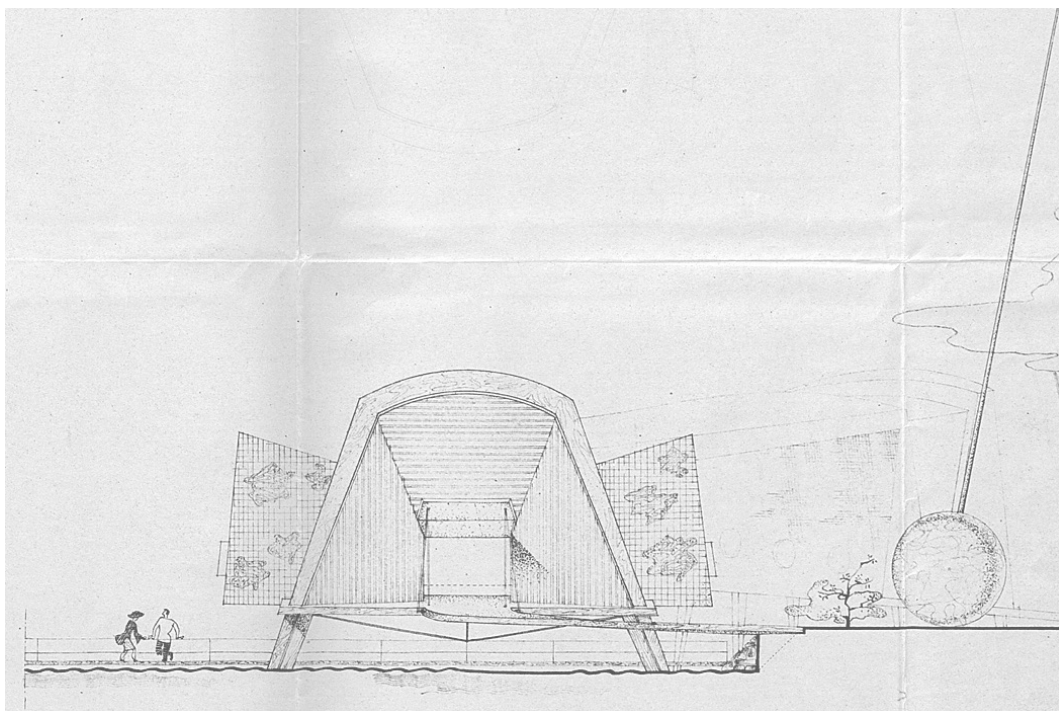


Fig. 43 CODA: *Pavilhão das Ilhas Adjacentes*, Mário Bonito 1948

textos sob o título “*Maleitas da Architectura Nacional*”⁸⁹, publicados na revista *Architectura: Revista de Arte e Construção*, em finais de 1947 e inícios de 1948.

Também no mesmo ano, três meses antes do Congresso de 1948, Mário Bonito apresenta o trabalho *Pavilhão das Ilhas Adjacentes*⁹⁰, ao *Concurso para Obtenção do Diploma de Architecto* e finda a sua formação na ESBAP, Fernando Távora trabalha directamente na Câmara Municipal do Porto até 1954, e decorrem duas exposições importantes, a *Exposição das Obras Públicas* em Lisboa e a *Exposição dos Independentes*, na Livraria Portugália no Porto.

Após o Congresso de 1948, na década de 50, os arquitectos participarão massivamente em actividades culturais e associativas, assentes no debate sobre o problema da habitação e a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária. Para além das reuniões das iniciativas, ICAT, em Lisboa e ODAM, no Porto, destaca-se, as reuniões da UIA (União Internacional dos Arquitectos); do Sindicato Nacional dos Arquitectos; do Cine-Club do Porto e do TEP (Teatro Experimental do Porto).

Neste período, surgirá diversas revistas e publicações, com destaque para *Architecture d’Aujourd’hui*, sob os títulos: *Equipamento da Habitação*, com publicação em Março, Maio e Junho, *Técnicas Americanas do Urbanismo*, em Julho, Brasil, em Setembro, *Saúde Pública*, em Novembro e *Habitação Colectiva I*, em Dezembro de 1947; e a revista *Techniques et Architecture*, sob o título: *Habitação e Residência*.

O tema da habitação plurifamiliar, surge como resposta à densificação da cidade⁹¹, assente na discussão do contexto urbano em resposta aos diversos programas e escalas, onde a habitação moderna desenvolve novas volumetrias. Estes edifícios possibilitam a construção em altura através da sobreposição de módulos/fogos, articulados por várias tipologias e acessos. Neste período, os arquitectos recebem

89 KEIL DO AMARAL, Francisco: *Maleitas da arquitectura nacional*, 1: *A formação do arquitecto*, 2ª Série, nº 17-18 (Jul.-Ago. 1947), p.18-20; *Maleitas da arquitectura nacional*, 2: *O arquitecto e o atelier*, 2ª Série, nº 19 (Jan. 1948), p.17-18; *Maleitas da arquitectura nacional*, 3: *O cliente, as leis e os regulamentos*, 2ª Série, nº 20 (Fev. 1948), p. 17-18; *Maleitas da arquitectura nacional*: 4, 2ª Série, nº 21 (Mar. 1948), p. 17-18; *Maleitas da arquitectura nacional*, 5: *O problema da mão-de-obra*, 2ª Série, nº 22 (Abr. 1948), p. 11-12; *Maleitas da arquitectura nacional*, 6: *A mania das pessoas e o dinamismo, seu filho dilecto*, 2ª Série, nº 23-24 (Mai.-Jun. 1948), p. 24- 25. In COELHO, Fátima. *Exposição Bibliográfica Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral, 1910-1975, Seleção das obras existentes no acervo documental da Biblioteca da Secção Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos*, Lisboa. 2010

90 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

91 FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Edição Faup Publicações, Porto. 1999



- Fig 44 Viana de Lima, casa Aristides Ribeiro, rua Vitorino Damásio 1949-51
 Fig 45 Celestino de Castro, habitação unifamiliar na rua do Amial, 1949-53
 Fig 46 Mário Bonito, bairro *O Lar Familiar*, rua Ciriaco Cardoso e Trvª de Cima 1950-62
 Fig 47 Rui Pimentel e Ricardo Gil da Costa, edifício de habitação plurifamiliar, rua do Malaca do Marechal Saldanha 1948-52

um grande número de encomendas privadas, com destaque para o Bloco da Constituição, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, para a rua da Constituição em 1949 e o Bairro das Estacas, de Sebastião Sanches e Ruy d'Athouguia, em Lisboa no mesmo ano. As fachadas dos edifícios plurifamiliares modernos da década de 50, transportam o sentido de manifesto face ao panorama da arquitectura nacional da época.

Nesta época Alfredo Viana de Lima, desenvolve duas habitações unifamiliares, a Casa Dr. Cortez, na rua Honório de Lima, obra entre 1941 e 1943 e a Casa Aristides, na rua Vitorino Damásio, entre 1949 e 1951; Celestino Castro também projecta duas habitações, na rua Santos Pousada, entre 1948 e 1951 e na rua do Amial, entre 1949 e 1953; Artur de Andrade, na rua Latino Coelho, obra entre 1948 e 1963 e Mário Bonito em co-autoria de Augusto Amaral, projecta um bairro de habitações económicas, promovido pela Cooperativa de Habitação *O Lar Familiar*, obra licenciada e construída entre 1950 e 1962.⁹²

A formação de Rui Pimentel na Escola de Belas-Artes do Porto, para além de consistir no ensino artístico e conhecimento técnico, desenvolverá uma consciência crítica e social sobre as preocupações contemporâneas do país. Nesta época as preocupações resultam na proposta de uma nova relação com a cidade, através de novos tipos de edifícios e de modelos urbanos, num período em que a construção residencial é bastante procurada e explorada.

Desenvolverá em co-autoria com o arquitecto Ricardo Lemos Gil da Costa⁹³, também membro da ODAM de formação na EBAP, o projecto para o bloco de habitações, para a rua de Malaca do Marechal Saldanha, no Porto, obra licenciada e construída entre 1948 e 1952⁹⁴, à encomenda da sociedade Cooperativa *A Previdente, Associação dos Socorros Mútuos*, com a participação nas especialidades do Engenheiro António Augusto dos Santos Soares, com quem colaborará no futuro. Ainda em 1950, Rui Pimentel colabora com Mário Bonito no edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços da *Empresa Industrial do Ouro*, obra licenciada e construída entre os anos 1950 a 1955, na rua Fernandes Tomás no

92 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

93 Livro de matrícula do processo individual do aluno (1938-1952), Serviço de Documentação e Informação do Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. [consulta a 11 de Dezembro de 2017]

94 Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto, Processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952.

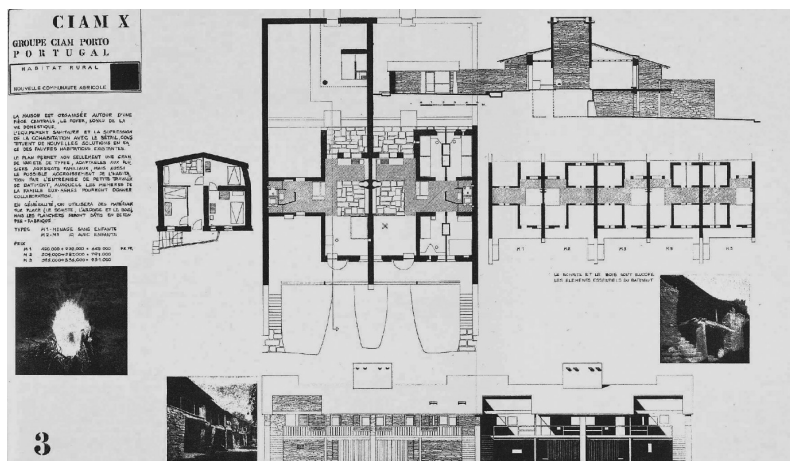
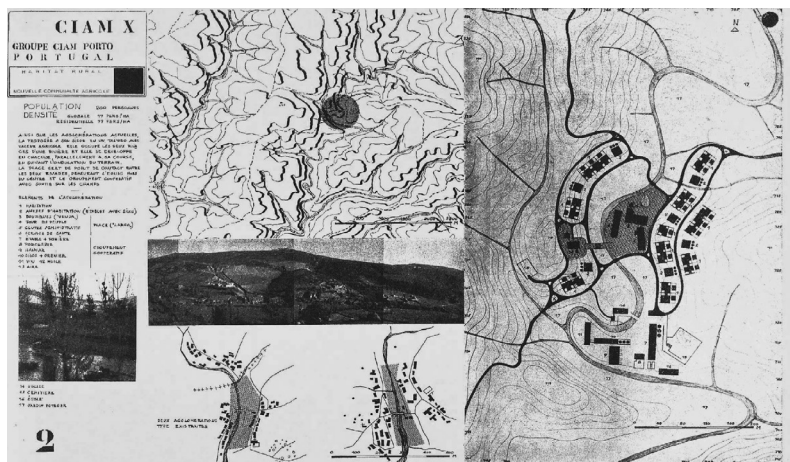
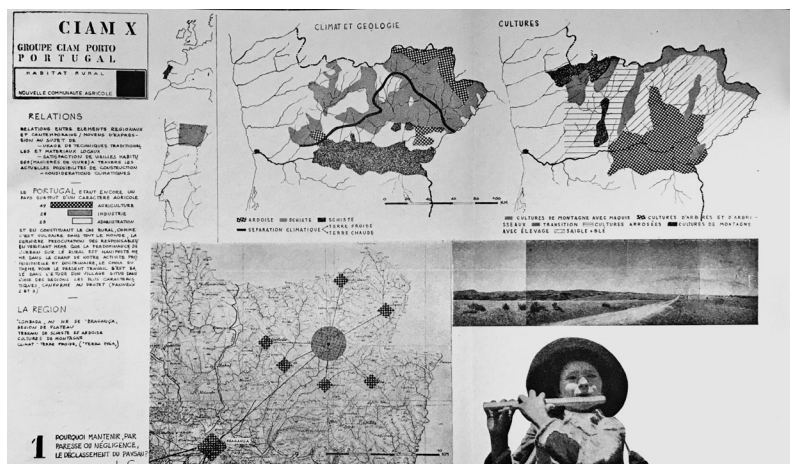


Fig. 48 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painei 1 apresentado no CIAM X, 1956

Fig. 49 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painel 2 apresentado no CIAM X, 1956

Fig. 50 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painei 3 apresentado no CIAM X, 1956

Porto,⁹⁵ posteriormente publicada e exposta na *V Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* em 1956.⁹⁶

A discussão e consciencialização da condição do moderno, estender-se-á à Exposição da ODAM em 1951; à participação nas reuniões dos CIAM VIII em Hoddesdon; Inglaterra; VI Congresso da *Federación de Urbanismo y de la Vivienda e II Reunião Luso Espanhola de Arquitectura*; que posteriormente conduzirá a iniciativa - *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

Depois da participação de Fernando Távora e Alfredo Viana de Lima, no Congresso CIAM VIII em Hoddesdon, sob o debate dos núcleos centrais das cidades históricas⁹⁷, juntam-se a estes os arquitectos do grupo ODAM, criando oficialmente em 1951, o grupo CIAM-Portugal, conhecido por CIAM-Porto, assentes na discussão e diálogo entre modernidade e vernáculo. O grupo português, composto por: Octávio Lixa Filgueiras, Alfredo Viana de Lima, Fernando Távora, Arnaldo Araújo, Carvalho Dias e Alberto Neves, desenvolvem um projecto para uma aldeia transmontana, a noroeste de Portugal, com o título: *Habitat Rural – Nouvelle Communauté Agricole*, integrada na Zona II (Trás-os-Montes e Alto Douro) do *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, coordenada por Octávio Lixa Filgueiras, propondo um programa de habitação para uma comunidade de 40 famílias, apresentará a contribuição portuguesa no congresso CIAM X, em Dubrovnik.⁹⁸

A grelha *Habitat Rural*, apresentará uma referência no debate acerca das ideias de comunidade e identidade. O relatório da primeira sessão da comissão liderada pelos Smithsons, refere como tema central, “*uma discussão acerca do conceito de “cluster” e da forma como se podia assumir como uma alternativa para um dos dogmas do movimento moderno, o “zoning”*”. No relatório refere-se que “*o problema do “cluster” é o de desenvolver uma estrutura totalmente distinta para cada comunidade, e não uma sub-divisão da comunidade em partes.*”⁹⁹

95 [Requerimento de licenciamento com registo no 14 808, de 24 Setembro 1951 (anteprojecto); licença de construção no 568, de 25 Setembro 1952; ocupação do edifício em Março 1955.] in CASAL RIBEIRO, Hélder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto, 2012.

96 Catálogo *V Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação; Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Outubro 1956.

97 FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto, 1988

98 MOTA, Nelson. *Ambivalência e Paradoxo: O Elogio do Mundo Rural no CIAM 10* in Quando o mito da intocável Virgem Branca se desfez. A Arquitectura Vernácula e a emergência de um outro Moderno em Portugal. Revista Arquitectos. Junho 2012

99 Ibidem.

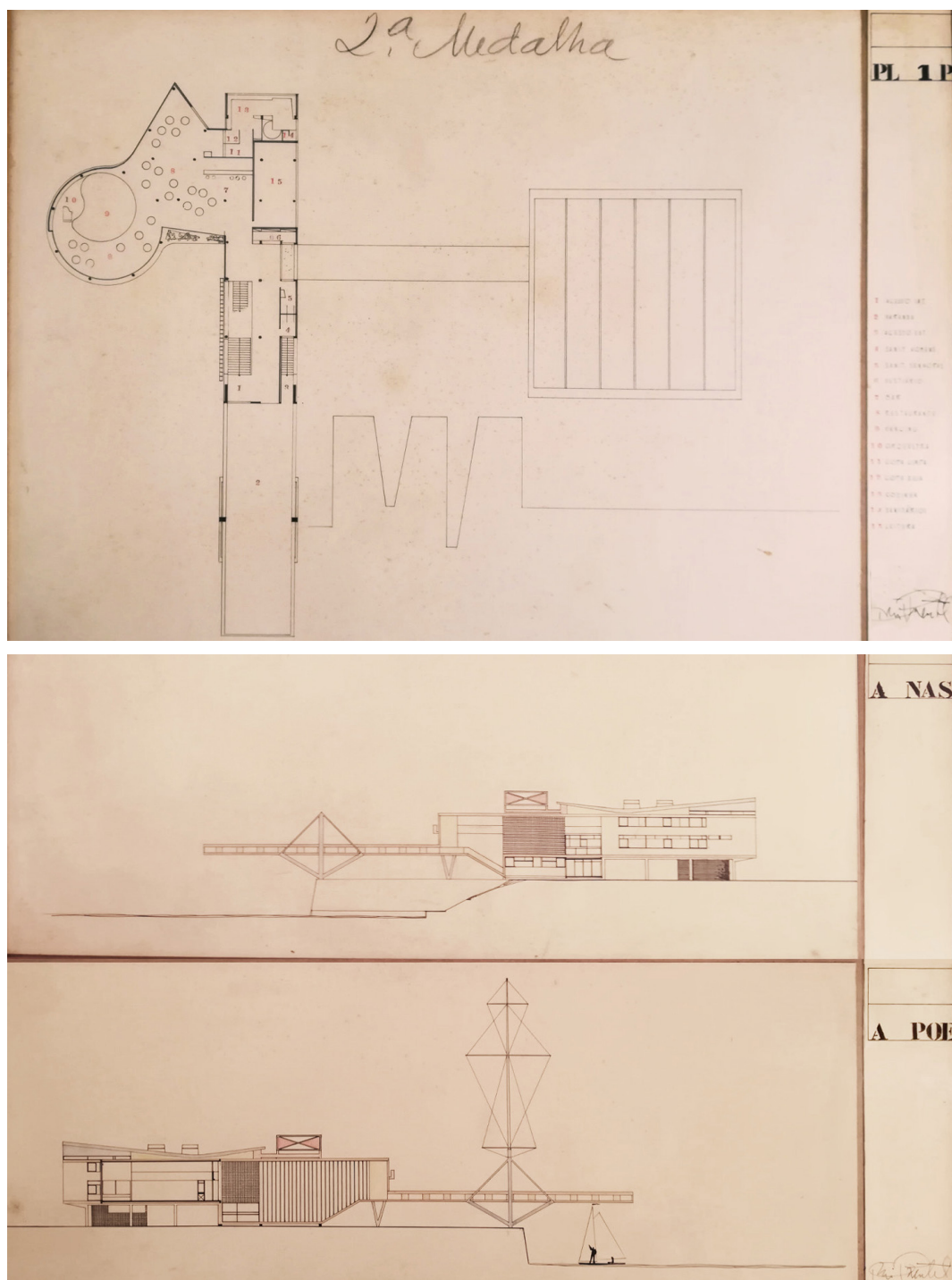


Fig 51 Planta e alçado, projecto de grande composição: *Um Club Náutico*, Rui Pimentel, ESBAP, Julho 1952

Este projecto demonstrará a preocupação pelo meio rural e a possibilidade de integração com os princípios do desenho urbano do movimento moderno¹⁰⁰, elaborado *na base de um profundo inquérito realizado por alunos da ESBAP*, representando uma importante contribuição para a *Carta do Habitat*.¹⁰¹

*“Ainda que no caos contemporâneo seja indispensável reencontrar a unidade, “o paraíso perdido da unidade”, tal unidade não deve significar uniformidade... . A posição do arquitecto que não é mais o ditador que impõe a sua própria forma mas o homem natural, simples e humilde, que se dedica aos problemas dos seus semelhantes não para “se” servir, mas para, os, servir, criando assim uma obra talvez anónima mas apesar de tudo intensamente vivida (Equipa CIAM-Porto, Dubrovnik, 1956)”*¹⁰²

Após um ano sem contacto com a Escola de Belas-Artes do Porto, Rui Pimentel retomarà a sua formação, com inscrição ao ano lectivo 1951/52. Momento em que Carlos Ramos convida quatro jovens arquitectos, Fernando Távora, Mário Bonito, José Carlos Loureiro e Delfim Amorim, todos membros da ODAM, como professores assistentes da ESBAP. No ano seguinte, com a saída de Delfim Amorim para o Brasil, também Agostinho Ricca, é convidado a se juntar a esta equipa, substituindo Mário Bonito, responsável pelo 2º ano, que permuta para o *Curso Superior de Architectura*, passando a leccionar a cadeira - *Projectos de Grande Composição*.¹⁰³ Em Junho deste ano lectivo, desenvolve um trabalho intitulado por: *Um centro náutico*, para a cadeira: *Projecto de grande composição*, sendo-lhe atribuído a classificação da 2ª medalha, com uma proposta valorizada pela composição geométrica e rigoroso do seu desenho, assente no valor plástico e cromático, informado pelas premissas do neoplasticismo.

Rui Pimentel procura explorar a sua linguagem arquitectónica, através das composições assimétricas e ritmadas, inspiradas pelo neoplasticismo, que reforçam os seus princípios de desenho assentes no valor plástico e cromático dos materiais regradados por um rigoroso traçado geométrico, temas apresentados na participação

100 MONIZ, Gonçalo; MOTA, Nelson. *De Alberti aos CIAM: em Direção a uma Abordagem humanista do ensino da Arquitectura e do habitat*, Imprensa do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 2017

101 MENDES, Manuel. *Os anos 50, Entre a autonomia criativa do “novo” e a crítica do espaço indiferenciado, ao modelo transferível – os compromissos realistas do “estilo internacional”* in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, No 0. Outubro de 1987

102 Ibidem.

103 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69), Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

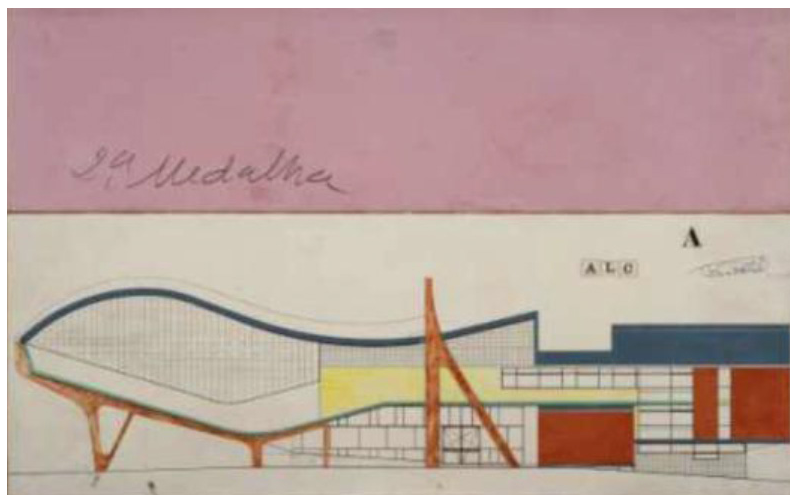
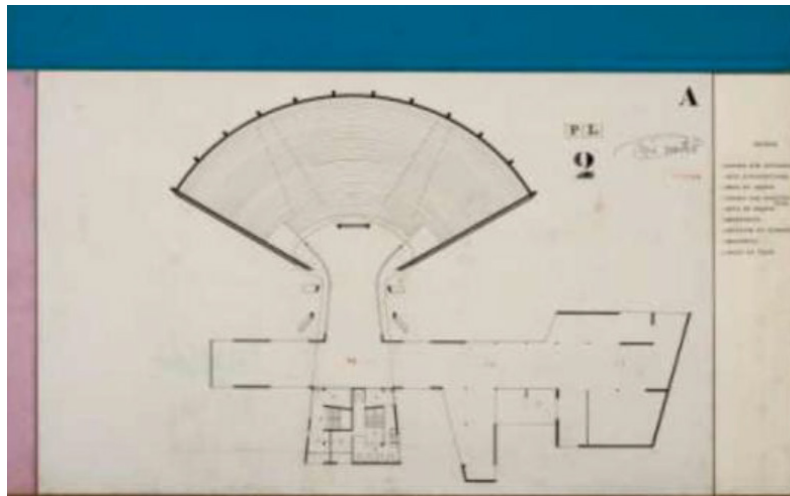


Fig. 52 Planta, projecto de grande composição: *Um Centro Cultural*, Rui Pimentel, ESBAP, Dezembro 1952

Fig. 53 Alçado, projecto de grande composição: *Um Centro Cultural*, Rui Pimentel, ESBAP, Dezembro 1952

Fig. 54 Plantas, corte e alçado, *Uma moradia*, Rui Pimentel, Curso de Verão, Veneza 1952

da primeira exposição ODAM no Ateneu Comercial do Porto em 1951, com o *Edifício do Ouro* em colaboração com Mário Bonito. Esta exposição permitiu aos docentes e estudantes da ESBAP, divulgar e promover a Arquitectura Moderna dentro da Escola, na ação pedagógica, cultural e associativa.

Em 1952, a revista Panorama dedica um número ao Porto, onde publica um artigo de Fernando Távora, sob o tema: *Arquitectura Moderna na cidade*. No mesmo ano, Rui Pimentel e Augusto Leite Amaral, levarão os respectivos trabalhos escolares à *II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo*, com o tema “*um Centro Cultural*”, representando Portugal na qualidade de estudantes da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, e Luiz dos Santos Castro Lobo representará a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Os trabalhos de Rui Pimentel e Augusto Leite Amaral, serão publicados e expostos na *II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, a Outubro de 1953.¹⁰⁴

*“A proposta de Rui Pimentel para o Centro Cultural aproxima-se da interpretação particular de Mário Bonito evocando a estrutura em madeira e a forma livre do Pavilhão das Ilhas Adjacentes, no volume do auditório, revelando a transferência de um processo de desenho que não se fixa na simples reprodução dos modelos importados.”*¹⁰⁵

O trabalho de Rui Pimentel à cadeira - *Projectos de Grande Composição*¹⁰⁶ sob a docência de Carlos Ramos e o seu assistente Mário Bonito, receberá a atribuição da 2ª Medalha, e expressará o gosto pela Arquitectura moderna brasileira, contudo racional e geométrico, espelhando o moderno europeu. Também no mesmo ano participará no concurso escolar, com o trabalho para o *Curso de Verão em Veneza* de 1952, com um edifício urbano, caracterizado por uma rigorosa composição geométrica, sobre o título “*Racionalismo e Imaginação*”, posteriormente publicado na Revista *Cerâmica e Edificação*. O projecto para a habitação plurifamiliar, dispõe de um desenho e programa funcional moderno, sobre o seguinte princípio:

“quatro pilares deixam o piso inferior livre e sustentam os dois superiores, definem zonas. (...) Dois níveis estruturalmente possíveis para

104 *Catálogo II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação; Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Outubro 1953

105 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012, p. 67

106 Rui Pimentel. *Um Centro Cultural*, Dezembro 1952, *Projectos de Grande Composição*, ESBAP, 1952-53, Professor Carlos Ramos e Assistente Mário Bonito. Arquivo CDUA-FAUP

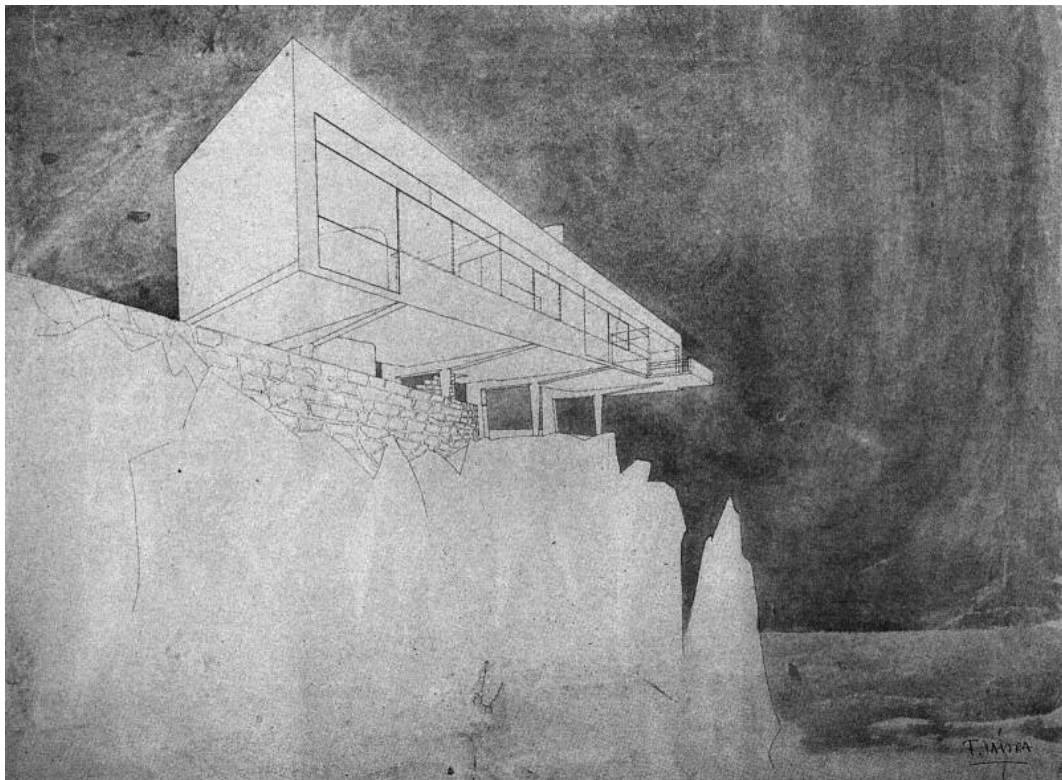


Fig. 55 CODA: *Uma Casa sobre o mar*, Fernando Távora 1952

cada pavimento permitem jogos de pés direitos vários. Tudo é pensado, engenhoso e imaginativo. Um objecto plástico para viver; a máquina para habitar de Le Corbusier sem o sentido maldoso dos que nunca a compreenderam.”¹⁰⁷

Na ESBAP, “*Os cursos de escultura, pintura e arquitectura viviam laboriosamente numa ilha de harmonia a que Mestre Ramos gostava de chamar Convento de S. Lázaro, mundo dentro do mundo, refúgio ordenado do caos, festa na penumbra do fascismo, onde a polícia política era esperada à porta por um director insuspeito que defendia os refugiados, todos livres-pensadores, antes de mais para poderem ser artistas.*”¹⁰⁸ No ano 1952, Carlos Ramos, caracterizado pela actividade pedagógica assente no lema “*máxima liberdade, máxima responsabilidade*”¹⁰⁹, será nomeado director da ESBAP, até 1967, onde implementará a renovação do ensino delineada pela iniciativa de abertura da Escola à cidade, permitindo divulgar os trabalhos dos alunos e a actividade dos docentes à sociedade, assim como refere Octávio Lixa Filgueiras “*O primeiro acto público bem esclarecedor dos caminhos por que ele pretendia conduzir a E.B.A.P., concretiza-se logo a seguir à posse, em Outubro, com a inauguração da Exposição Magna.*”¹¹⁰

Os anos 50, como designa Ana Tostões, serão anos de ruptura mas também de charneira¹¹¹, após tantos anos sob opressão fascizante e “*arquitectura estruturalmente cenográfica*”¹¹², sente-se o desejo de actualizar os conceitos arquitectónicos internacionais, com um moderno ideológico, influenciados por Le Corbusier e a arquitectura brasileira.

Ainda em 1952, Carlos Ramos irá ao Congresso Internacional da Habitação e Urbanismo, e Fernando Távora apresentará ao *Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto*, o projecto intitulado - *Uma Casa sobre o Mar*, e frequentará o primeiro *Curso de Verão dos CIAM*, onde assistirá às conferências de Le Corbusier e Lúcio Costa.

107 ROSA, Edite Maria Figueiredo, *ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*, Dissertação de Doutoramento, Escola técnica superior de arquitectura, Barcelona. 2005

108 ALVES COSTA, Alexandre. *À Memória Presente de Mestre Ramos*, in Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa, ed.: FAUP Publicações, Porto. 2007

109 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69), Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

110 Ibidem

111 BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried, *Portugal: arquitectura do século XX*; textos Pedro Vieira de Almeida, Lisboa. 1998

112 Ibidem.



Fig. 56 Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, rua dos Bragas 1953-57

*“Na exposição “Desenho de Arquitectura”, integrada nas Comemorações do 75º aniversário da Universidade do Porto, em 1987, Joaquim Vieira apresenta um texto intitulado “Seis «casos» na colecção de desenhos da FAUP” onde coloca Mário Bonito no grupo VI – O desenho da razão e do espírito – com Arménio Losa, Vieira da Costa, Delfim Amorim, João Anderson, Fernando Távora e Rui Pimentel. Considera-se significativa a associação do desenho de Mário Bonito com outros autores, cuja obra partilha uma procura militante da condição do moderno, como resposta a uma sociedade culta e responsável pelo seu semelhante.”*¹¹³

Os dois anos lectivos seguintes, são realizados a par de dois projectos construídos na cidade do Porto. O edifício de habitação plurifamiliar, para a rua dos Bragas, obra licenciada e construída entre 1953 e 1957, resulta da encomenda da associação cooperativa *A Previdente, Associação dos Socorros Mútuos*, a Rui Pimentel e ao Engenheiro António Augusto dos Santos Soares. A proposta privilegia a distribuição racional do programa, propondo um volume que assume o desígnio urbano, sobre o perfil da rua afirmando a relação de continuidade através de alinhamentos com as construções vizinhas.

Este período coincide com *Reforma de 57*¹¹⁴, nas escolas de Belas-Artes, assente num ensino moderno da arquitectura, de carácter político-cultural, informado no papel social do arquitecto, activo na sociedade, através de uma pedagogia direccionada em actividades associativas e culturais. No mesmo ano, no início de Janeiro, será publicado o primeiro número da 3.ª série da revista *“Arquitectura”*¹¹⁵, a primeira revista de arquitectura em Portugal, sobre a edição de Nuno Portas, Frederico Santana e Carlos Duarte, recém formados da Escola de Belas-Artes de Lisboa, com o objectivo de exprimir as tendências da revisão do *Movimento Moderno*, consciencializar os arquitectos portugueses acerca das problemáticas vigentes no panorama nacional, e contribuir para o conhecimento no âmbito da arquitectura internacional, com destaque para Walter Gropius, Alvar Aalto e Le Corbusier.

113 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

114 MONIZ, Gonçalo Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Dissertação de doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Julho 2011

115 CORREIA, Nuno. *O início da 3.ª série da revista arquitectura em 1957 a influência das leituras de casabella continuidade e architectural review*, in *Revista de História da Arte*, n.º 10. 2012



- Fig. 57 Rui Pimentel, edifício de habitação unifamiliar, rua da Constituição 1954-56
 Fig. 58 Januário Godinho, *União Eléctrica Portuguesa*, rua Alexandre Herculano 1953-61
 Fig. 59 José Carlos Loureiro, edifício *Parnaso*, rua N^a Sr^a de Fátima 1954
 Fig. 60 Arménio Losa, edif. de habitação, comércio e escritórios, rua de Ceuta 1951-1954
 Fig. 61 Mário Bonito, edif. de habitação, comércio e escritórios, rua de Ceuta e rua José de Falcão 1955-1958

*“A 3.ª série de Architectura publicou-se até 1974 e, durante esse período a revista desempenhou um papel fundamental na divulgação das principais correntes do debate internacional e das obras mais relevantes da arquitectura portuguesa. Sobretudo nos primeiros anos da década de 60, quando foi também maior na Europa, a influência de Casabella e Architectural Review”*¹¹⁶

O outro projecto, será o edifício de habitação unifamiliar na rua da Constituição, obra licenciada e construída entre 1954 e 1956, que resulta da encomenda do Engenheiro Mário Henrique de Barros Delgado, ao abrigo da Sociedade Cooperativa *A Casa Lusitana*, novamente com, o técnico responsável da obra, o Engenheiro António Augusto dos Santos Soares. A proposta desenvolve-se num lote estreito e comprido, e caracteriza-se pelo rigor da composição geométrica e assimétrica, assentes no valor plástico e cromático que valoriza a distribuição racional do programa, propondo um volume em continuidade com o carácter do loteamento existente.

Este período será marcado pela participação de Fernando Távora e Alfredo Viana de Lima, na reunião CIAM IX – *The Charter of habitat*, em Aix-en-Provence, em 1953, no mesmo ano em que Carlos Ramos organiza o III Congresso da U.I.A. em Lisboa e participará no Congresso em Haia, em 1955, e respectivas reuniões em Itália. Entretanto, na ESBAP, decorre a *II Exposição Magna*, como *“resultado das preocupações – de que os mestres igualmente participam – daqueles que frequentam esta Escola no ano lectivo de 1952-1953 e dos que, neste mesmo ano deram por finda a sua vida escolar.”*¹¹⁷

Destacam-se as obras nacionais em curso, o Bloco residencial na rua Costa Cabral, de Alfredo Viana de Lima, obra decorrente entre os anos 1953 e 1955; o edifício de habitação, comércio e garagem, de Fernando Lanhas, em 1953; Estação da União Eléctrica Portuguesa, de Januário Godinho, obra licenciada e construída entre 1953 e 1961; edifício de habitação Parnaso, de José Carlos Loureiro, em 1954; e os edifícios de habitação, comércio e escritórios, na rua de Ceuta, com notoriedade para o Edifício de Arménio Losa, entre 1951 e 1954, o edifício de Agostinho Ricca, entre os anos 1953 e 1955 e o edifício de Mário Bonito, em 1955.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Catálogo *II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação; Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Outubro 1953.



Fig. 62 Rui Pimentel, edif. de habitação plurifamiliar e comércio, rua da Firmeza 1956-60

Fig. 63 Inquérito Arquitectura Popular Portuguesa, *Casa de Lavoura*, Guimarães 1955-60

Em Setembro de 1955, Rui Pimentel inscreve-se no ano lectivo 1955/56, concluirá a cadeira de *Projecto de Construção Geral*, com o tema: *uma estação de serviço* e receberá a atribuição da *1ª Menção*. Ano em que elabora o projecto para um edifício de habitação plurifamiliar e comércio, para a rua da Firmeza, integrado no âmbito da tradição dos *prédio de rendimento*, obra concluída em 1960. A encomenda privada de Abílio de Passos Ângelo, será em co-autoria com o arquitecto António Duarte da Cruz e o Engenheiro Manuel Eduardo Coimbra de Sousa, como técnico responsável da obra, interpretada por uma proposta que privilegia a distribuição racional do programa propondo um volume que completa o perfil da rua, assente numa composição de rigor geométrico.

Será no *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, acompanhando Fernando Távora nas viagens ao noroeste de Portugal, referente ao Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, que Rui Pimentel, em conjunto com António Meneres, encontrará um possível caminho para a revisão do moderno, explorando a dimensão humanista e social da arquitectura, reconhecendo a condição do habitat pelos seus costumes e tradições, como interlocutor privilegiado das novas formas do habitar. Suspenderá a sua formação para se dedicar inteiramente a esta iniciativa que decorrerá entre os anos 1955 a 1960, em resposta activa às preocupações sociais, culturais e políticas, debatidas no Congresso de 1948.

O Sindicato Nacional dos Arquitectos, representado por Keil do Amaral, seleccionam jovens arquitectos e estagiários, organizados em seis equipas, para um levantamento pormenorizado dos materiais e processos correntes de construção, estrutura urbana, influência do clima, das condições económicas e organização social, estudo dos costumes e hábitos dos habitantes,¹¹⁸ compreensão da expressão e valor plástico dos edifícios e aglomerados urbanos. Os arquitectos desta geração ainda motivados pelo discurso do Congresso de 1948, sentem a necessidade de procurar a verdadeira identidade na Arquitectura vernácula, e contribuir com a sua prática profissional nesta iniciativa.

O inquérito será “*subsidiado oficialmente com o objectivo de fundamentar, em termos mais científicos, uma proposta formal que servisse o conceito de arquitectura nacional, ou nacionalista* (informada pela ideia de Raul Lino da *Casa Portuguesa*) *que o regime queria continuar a impor; unificando os portugueses também pela via da imagem arquitectónica com que deveriam identificar-se, recusando definitivamente*

118 *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988.

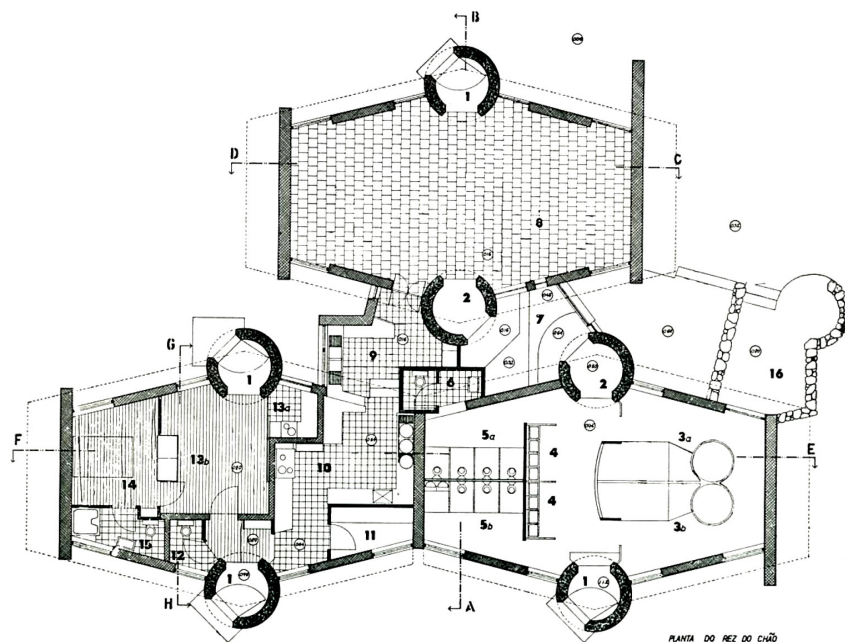
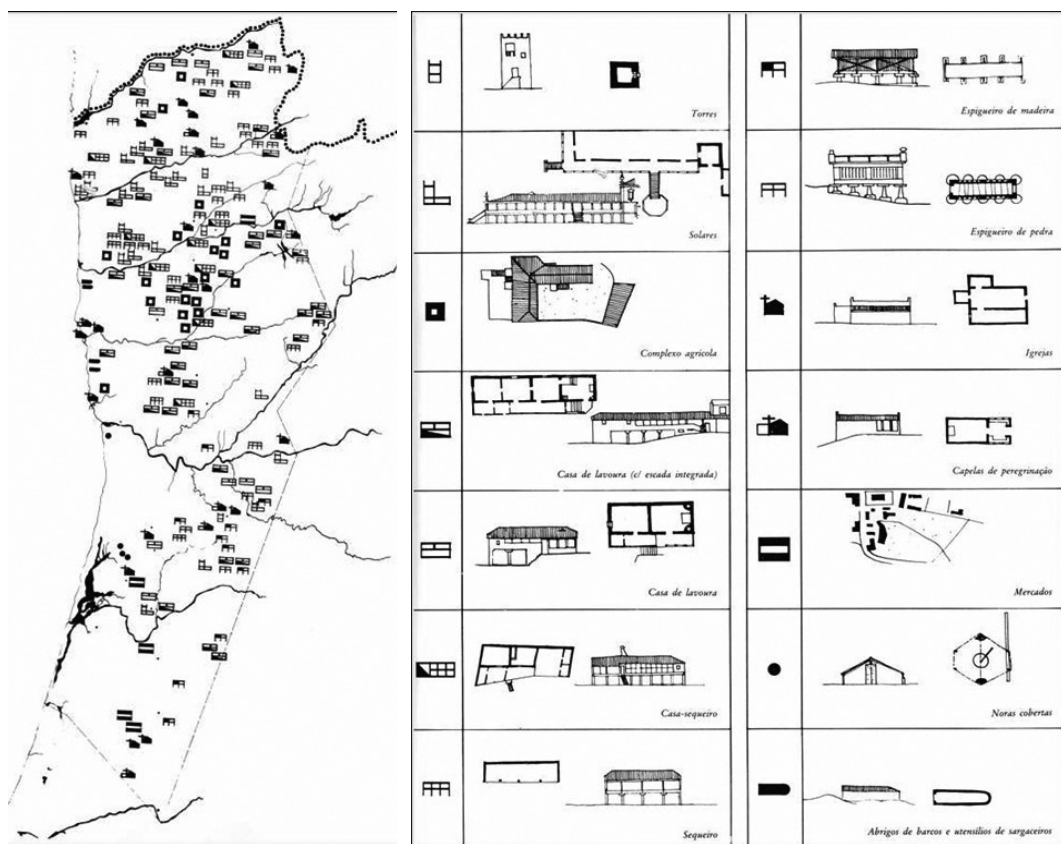


Fig. 64 Inquérito Arquitectura Popular Portuguesa, *Mapa tipológico*, Zona 1, 1955-60

Fig. 65 III Exposição Extra-Escolar dos alunos da ESBAP: *Estalagem da N.ª Sr.ª da Mó em Arouca*, Rui Pimentel 1961

uma abertura às correntes modernas cuja fundamentação era reconhecidamente antagónica da ideologia retrógrada e agrária do fascismo português.”¹¹⁹

Rui Pimentel juntamente com a equipa da zona 1, balizada entre o rio Minho e o rio Mondego, iniciará o levantamento e estudo do clima, da hidrografia, orografia e geologia da região. A sua equipa registará que a zona tem um “*grande número de afluentes menores e rios que retalham o território numa malha apertada de cursos de água de todo o tamanho, consequência da profusão de nascentes naturais*”¹²⁰; registam o domínio do solo granítico, intersectado por uma faixa xistosa; na cultura agrícola o predomínio do cultivo do milho sobre os restantes cereais; o clima será caracterizado por húmido e regular, pluviosidade elevada e variação reduzida das temperaturas.

Este projecto tornou-se uma ferramenta importante para os arquitectos, do conhecimento “*in situ*” das características de cada região do país, conforme relata a equipa da Zona 1, coordenada por Fernando Távora:

*“Porque muito densamente povoada e porque povoada desde sempre – Zona rica em construções, que vão desde o espigueiro simples do Lindoso ao solar senhorial da Ribeira Lima, como da nora de Válega à casa urbana do Porto.”*¹²¹

Rui Pimentel retomará o ano lectivo 1960/61, e participará na *III Exposição Extra-Escolar dos alunos* da ESBAP, com o projecto de uma *Estalagem da Nossa Senhora da Mó em Arouca*¹²². Anos antes terá colaborado nos escritórios dos arquitectos Fernando Tudela e Fernando Barbosa e em 1961 iniciará o tirocínio nos escritórios de Arménio Losa, durante o período de três anos. Também um precursor de Le Corbusier, Arménio Losa participa no III Congresso da U.I.A. (União Internacional de Arquitectos), realizado no Porto, onde apresenta uma comunicação sobre o habitat, alojamento e urbanismo, e trabalha entre 1939 a 1945 no primeiro gabinete de urbanização da Câmara Municipal do Porto.

119 ALVES COSTA, Alexandre. *A Problemática, a Polémica e as propostas da Casa Portuguesa*, in Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa, ed.: FAUP Publicações, Porto. 2007

120 *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988. p11

121 Ibidem.

122 Catálogo 242, *III Exposição extra-escolar dos Alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto, Junho 1961; Lisboa, Julho 1961; Coimbra, Novembro 1961.



Fig. 66 Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, rua João de Deus 1962-65

Fig. 67 Rui Pimentel, edifício de habitação unifamiliar, vista da entrada, rua João de Deus 1962-65

O estágio terá uma importante influência na formação de Rui Pimentel, pois Arménio Losa, lhe transmitirá a importância e preocupações do urbanismo, o rigor do seu desenho e o seu *racionalismo à maneira do Movimento Moderno*. Na mesma época, participará na elaboração do plano regulador do Porto de Leixões em colaboração com Fernando Távora.

Após o tirocínio, Rui Pimentel apresentará o requerimento à admissão da prova final do curso, com o programa - *um imóvel de rendimento de habitações*,¹²³ para o Edifício na Rua de João de Deus, assente na pedagogia de Carlos Ramos e inserido no conjunto dos CODA, nas décadas de 40 a 60, do século XX, com trabalhos que respondem à funcionalidade em contexto real com conhecimento técnico.

O projecto apresentado ao *Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto*, em Julho de 1964, será composto por - memória descritiva, caderno de encargos e peças desenhadas, obtendo a classificação de vinte valores. O edifício será licenciado e construído, entre 1962 e 1965 ao abrigo da Sociedade Cooperativa, *Sacove – Sociedade de Construções e Vendas Ld.^a*, juntamente com, o técnico responsável da obra, o Engenheiro José Aires Rodrigues Pereira, sobre uma interpretação que valoriza a distribuição racional do programa, respondendo aos objectivos da encomenda pela rentabilização do lote, propondo um volume em continuidade com o carácter do loteamento existente.

Eduardo dos Santos Fernandes, na sua investigação sobre os CODA, exemplifica que estes trabalhos são reflexo da transição entre a academia e a actividade profissional, exprimem a actividade pedagógica, e principalmente o debate sobre a Arquitectura na consciência da aprendizagem e das referências dos arquitectos tirocinantes.¹²⁴

“Depois de 1955, encontramos uma nova mudança de linguagem dos CODA que é quase completa: desaparecem os projectos com as linguagens estabelecidas pelo Estado Novo, rareiam os que apresentam uma influência estilo internacional não contaminada por qualquer elemento regionalista ou orgânico e surge em maioria, nos desenhos e nos discursos, a expressão de uma vontade de conciliar um desenho

123 FERREIRA, Rui Pimentel. Imóvel de habitação na rua João de Deus, Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUP FAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]

124 FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos. *Os CODA da EBAP nos anos 40: das linguagens do Estado Novo à emergência de uma consciência moderna*, in *repositorium.sdum.uminho.pt*

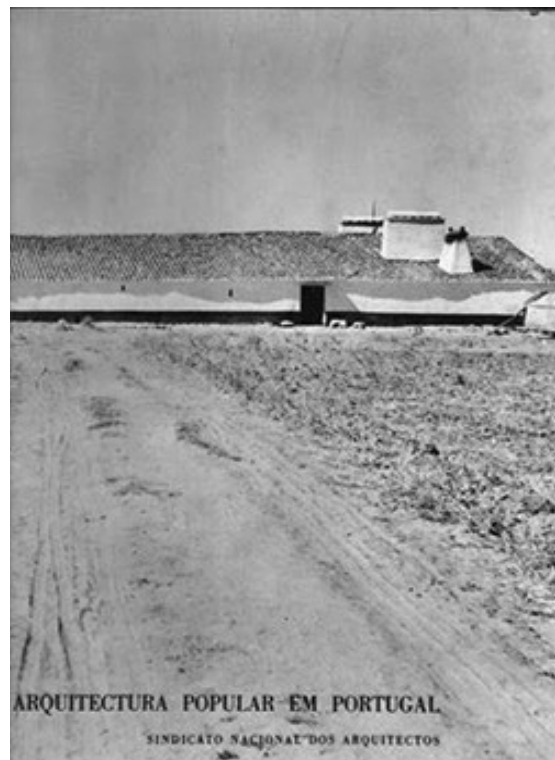


Fig. 68 *Arquitectura Popular em Portugal*, 1ª edição 1961

Fig. 69 *Arquitectura Popular em Portugal*, 2ª edição 1980

*moderno com uma tectónica de raiz vernacular, com claras influências das lições do Inquérito”.*¹²⁵

No início dos anos 60, a atmosfera de entusiasmo na ESBAP, levaria a tertúlias, reuniões e discussões extra-muros da Escola, com destaque para os encontros no *Magestic* e no *Lobito*, onde os grupos mais activos se reúnem e formavam por exemplo, a ilha dos artistas, “no n.º 78 da rua de S. Cosme, e a sua cooperativa de gravura – além dos escritórios dos jovens profissionais da *Arquitectura*, entremeando a prática e a docência, com proveito para ambos os lados.”¹²⁶ Rui Pimentel, terá o seu *atelier* no mesmo edifício, que estes jovens arquitectos, “no 1.º andar-frente (...) a quem se juntou depois o Duarte Castel-Branco – enquanto nas traseiras ficava a cooperativa de gravura, (...) o meu atelier (Octávio Lixa Filgueiras), com o Alcino Soutinho e o Pedro Ramalho ocupava, juntamente com o Arnaldo Araújo, o 2.º andar desse prédio.”¹²⁷

O *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, será publicado em 1961, documentando a relação coerente entre o homem e o seu meio, no âmbito social, económico e geográfico, como testemunho das tradições construtivas mais vernáculas, coincidentemente a tempos conturbados no panorama nacional, com destaque para a intensificação da Guerra Colonial Portuguesa, juntamente com as contradições internas do regime e a radicalização da oposição, “acontecimentos que virá a agravar ainda as condições sócio-económicas existentes.”¹²⁸ Na ESBAP, o *Inquérito* terá uma grande relevância para os alunos, onde lecciona Fernando Távora, Octávio Lixa Filgueiras, e posteriormente, Arnaldo Araújo, todos membros das equipas das zonas de maior significado da região norte.

*“Abrem-se perspectivas para uma reflexão mais profunda sobre a validade escolar; até aí fundamentalmente enfeudado aos modelos racionais que, despojados do seu conteúdo real, se traduziam em representações de carácter eminentemente gráfico.”*¹²⁹

No mesmo ano será realizada a *Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian*, com destaque para os projectos de Alfredo Viana de Lima, Fernando

125 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69)*, Carlos Ramos, *exposição retrospectiva da sua obra*, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

126 Ibidem.

127 Ibidem.

128 FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1988

129 Ibidem.

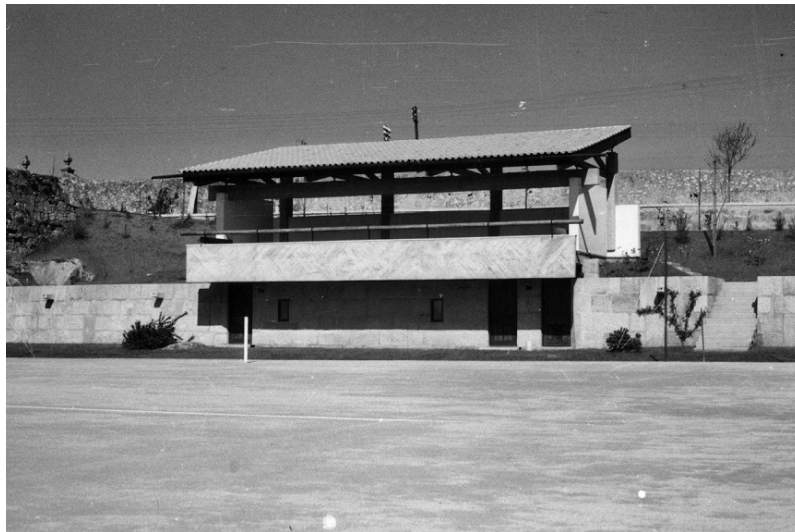


Fig. 70 Teotónio Pereira, Bloco das Águas Livres, Lisboa 1956

Fig. 71 Fernando Távora, Quinta da Conceição, Matosinhos 1956-58

Fig. 72 Agostinho Ricca, edifício de habitação *Montepio Geral*, rua Júlio Dinis 1960-63

Fig. 73 Agostinho Ricca, edifício de habitação Parque Residencial da Boavista 1962-73

Távora, Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas. Algumas das propostas destes autores, refletem uma linguagem alusiva à arquitectura popular.¹³⁰

Durante este período, a ESBAP organiza a *X Exposição Magna* e a *III Exposição Extra-Escolar*, em 1956, ano em que Carlos Ramos irá ao V Congresso da U.I.A., em Londres, e Fernando Távora participará no XXVI Congresso da Unesco, em Paris, enquanto que em Lisboa decorre a *II Exposição Geral das Artes Plásticas*. Em Lisboa, Nuno Teotónio Pereira, projecta o Bloco das Águas Livres, e no Porto, Fernando Távora desenvolve projecto para a casa da Quinta da Conceição, obra entre 1956 e 1958.

A política do Estado Novo continua a mostrar-se incapaz de resolver as problemáticas nacionais e o necessário desenvolvimento económico, e as carências de habitação são cada vez maiores, afectando gravemente os grupos sociais mais desfavorecidos. No início dos anos 60, Nuno Teotónio Pereira e Braula Reis, estarão ligados à Federação das Caixas de Previdência, sob o debate da habitação social, promovendo estudos e programas de intervenção, assente em padrões de qualidade, com destaque para as obras de Vítor Figueiredo, “*arquitecto formado no Porto mas cuja prática profissional se desenvolve no sul, uma grande capacidade de resposta às mais variadas situações (...) ligado aos problemas da habitação social.*”¹³¹

Aos projectos de arquitectura em desenvolvimento na época, destacam-se o edifício de habitação Montepio Geral, na rua Júlio Dinis, entre 1960 e 1963 e o edifício do Parque Residencial da Boavista, licenciado e construído entre 1962 e 1973, de Agostinho Ricca; as Piscinas das Marés, de Álvaro Siza Vieira, em Leça da Palmeira, entre 1961 a 1966; a habitação de Júlio Resende, em 1961, o Bloco de habitação colectiva, na rua da Constituição, em 1968, e na rua da Circunvalação, em 1969, de José Carlos Loureiro; Bloco de habitação colectiva, na Pasteleira, de Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho, em 1963; e a Faculdade de Economia do Porto, de Alfredo Viana de Lima, entre 1961 a 1974.

Rui Pimentel será convidado excepcional da Cadeira de Grande Composição do 4.º e 6.º ano do *Curso Especial de Arquitectura*, na ESBAP, do ano lectivo

130 FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1988

131 Ibidem.

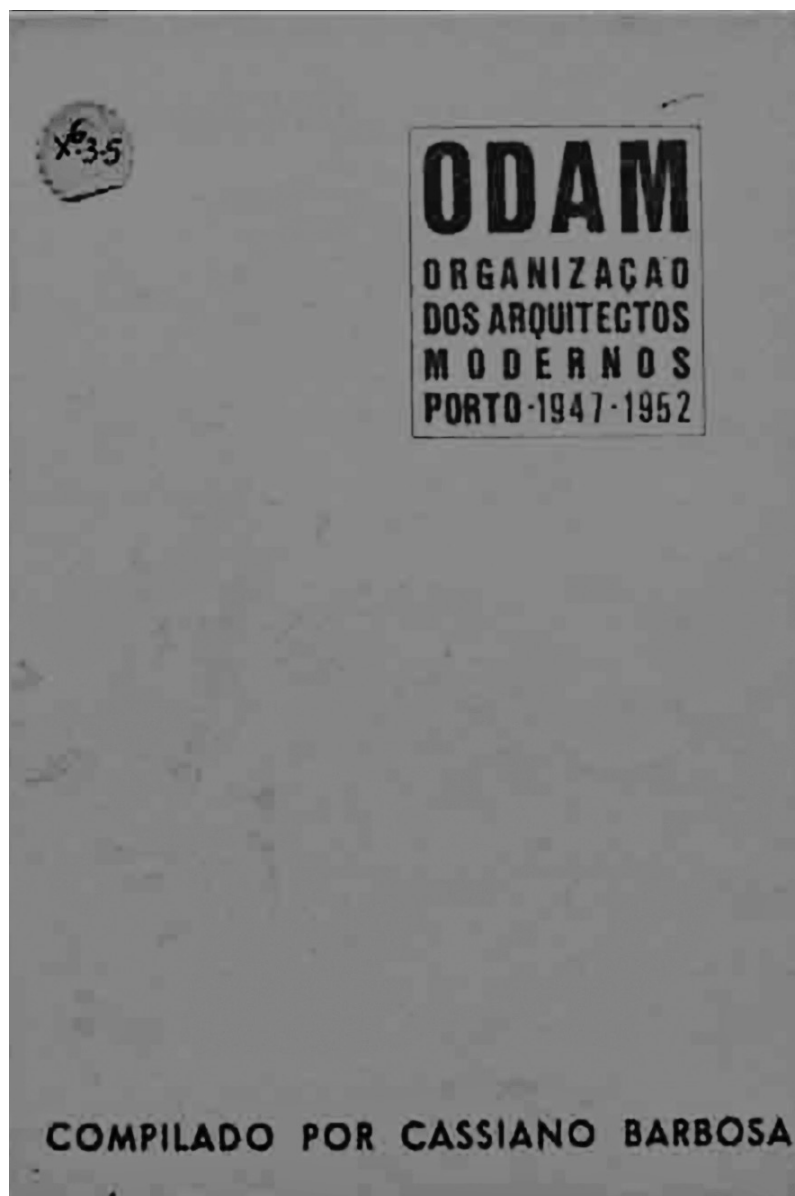


Fig. 74 *ODAM*, compilado por Cassiano Barbosa 1972

1962/1963¹³², ano em que Carlos Ramos o convidará, juntamente com o escultor Henrique Lagoa, para organizar a exposição de *Arte Negra*.¹³³ No ano seguinte, Fernando Távora irá leccionar a cadeira *Teoria e História da Arquitectura*, na ESBAP, até 1966, onde propõe aos alunos programas com uma forte relação com um contexto social e físico, de contexto urbano e/ou rural, alusivos a uma perspectiva mais integradora e humanista.

Nos anos subsequentes, Rui Pimentel exercitará a sua profissão em Moçambique, onde será convidado pela Câmara Municipal de Lourenço Marques, actual Maputo, a colaborar nos trabalhos do Gabinete de Urbanização, no período de um ano, e a coordenar a direcção artística da fábrica de móveis SIESTA, até 1972, em simultâneo ao projecto do plano de urbanização da Costa do Sol. Data coincidente com a publicação de Cassiano Barbosa, da compilação das reuniões, tese e debates do grupo ODAM.

Formará o seu próprio gabinete em Moçambique, em 1971, desenvolvendo projectos, com destaque para a casa dos Magistrados em Lourenço Marques; laboratórios e biblioteca da Faculdade de Medicina de Lourenço Marques, até 1974. Após dois anos regressará a Portugal, no ano em que Álvaro Siza Vieira ingressará como docente na ESBAP, enquanto professor assistente de construção.

Esta época será fortemente assinalada por um dos marcos mais importante na história de Portugal, a Revolução de 25 de Abril de 1974, também conhecida por Revolução dos Cravos, que decorre três décadas após a segunda Guerra Mundial, e vem pôr término ao longo regime ditatorial, que governara desde 1926, dando lugar a um regime democrático.

*“O processo aberto pelo 25 de Abril trará, de imediato, à sociedade portuguesa alterações que, se não têm o significado de destruição das estruturas vigentes, terão numa primeira fase, o de dar caminho à liberdade e com ela à esperança de um povo que vê abrirem-se perspectivas para a definição de novos objectivos.”*¹³⁴

132 FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *A Escola do Porto (1940/69), Carlos Ramos – Exposição retrospectiva da sua obra*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

133 Ibidem.

134 FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1988



Fig. 75 Álvaro Siza Vieira, bairro da Bouça, rua Águas Férreas 1975-77

Fig. 76 Álvaro Siza Vieira, bairro de São Victor, rua Sr^a das Dores 1974-79

Em 1977, Rui Pimentel será convidado a gerir o sub-grupo de “*Móveis de Estilo*”, do grupo “*Fomento de Substituição de Importações*”, do ministério do Planeamento e mais tarde apresentará o “*Estudo do Móvel em Portugal*”.¹³⁵

Entretanto neste período, realiza-se diversas actividades no panorama nacional, com destaque para a viagem de estudo de Carlos Ramos com os alunos da ESBAP a Évora; a apresentação da tese *Da organização do espaço* de Fernando Távora, em 1962, ano em que participa no encontro de *Royaumont*, na reunião Team X, em Paris, publicado posteriormente em *Arquitectura 79*, e no *XVII Congresso da Federação Internacional de Arquitectura e Urbanismo*, também em Paris. Carlos Ramos participa nas reuniões dos Congressos da U.I.A., em Praga e Paris nos anos subsequentes e falece em 1969. No mesmo ano, Fernando Távora e Manuel Tainha organizam o II encontro de Estudo da Secção Portuguesa da U.I.A. e do Sindicato Nacional dos Arquitectos, e Nuno Portas escreve *In memoriam*, publicado no Diário de Notícias, a 17 de Julho de 1969, em homenagem e semelhanças entre Carlos Ramos e Walter Gropius.

A formação na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, e sobretudo a memória de Carlos Ramos, que falecera em 1969, será recordada e descrita em textos publicados posteriormente, com destaque para os textos de Octávio Lixa Filgueiras e Pedro Vieira de Almeida em *Carlos Ramos. Exposição retrospectiva da sua obra*; nos textos de Nuno Portas, Fernando Távora e Raul Rego, publicados na rA: Revista de Arquitectura, 1987; e os textos de Alexandre Alves Costa na *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*.

Após a revolução do 25 de Abril de 1974, Portugal finalmente se liberta do regime ditatorial, iniciando um caminho rumo à democratização, com o objectivo de iniciar novas condicionantes socio-políticas que permitirão ver a realidade existente de uma outra forma. As operações SAAL, surgem entre 1974 e decorrerão até 1976, com um programa promovido pelo Governo Provisional, instituído por despacho conjunto do Ministro da Administração Interna, Costa Brás, e do Secretário de Estado da Habitação e do Urbanismo, Nuno Portas, a 31 de Julho de 1974, com o propósito de resolver o acentuado problema da habitação em Portugal. A novidade deste programa residirá no seu entendimento do habitar como uma realidade construída socialmente, assentes nas preocupações pela definição do espaço e pelos

135 *Antigos Estudantes ilustres da Universidade do Porto*, Memória Universidade do Porto, Universidade Digital / Gestão de Informação, 2009. in WWW.sigarra.up.pt



Fig 77 da direita para a esquerda: Siza Vieira, **Rui Pimentel**, Fernando Távora, Jorge Gigante, Pedro Ramalho, José Semide, Alcino Soutinho, Vila do Conde 1964

factores de produção. Esta iniciativa terá a participação das Comissões de Moradores, Associações de Moradores e Cooperativas de Habitação, mobilizadas em torno de um objectivo comum, a reconversão de bairros e ilhas através de um regime de auto-construção. Os arquitectos portugueses de relevo participam activamente nas Operações SAAL, com destaque para as obras de Álvaro Siza Vieira, no Bairro da Bouça, entre 1973 a 1977 e o Bairro de São Victor, entre 1974 e 1979, como momento de síntese do seu pensamento sobre a cidade.

*“Conservar a Cidade – inverter a cidade. Cidade projectada – cidade espontânea. Tradição – inovação. Desejo – qualidade. Responsabilidade do projectista e a cidade como construção colectiva. Processos de participação: renascimento ou fragmentação.”*¹³⁶

Rui Pimentel projecta para outras cidades em Portugal, para além das obras acima referidas na cidade do Porto, com destaque para o conjunto habitacional na Rua Cidade de Moçamedes, em Lisboa; o conjunto de unidades habitacionais, para os Olivais, em co-autoria com Duarte Castel-Branco; o conjunto habitacional na rua Almada Negreiros, em Lisboa, em co-autoria com Alfredo Silva Gomes; Casa em Santarém; projecto para um conjunto de 500 habitações em Lidador, na Maia; e a Agência bancaria da Caixa Geral de Depósitos, em Alcoutim.¹³⁷

Em 2005, falece Fernando Távora, no dia 3 de Setembro, ficando conhecido pelo *“pai da escola do Porto, mas bisavô da Europa. É uma figura histórica e universal”*.¹³⁸ Figura notável no percurso profissional de Rui Pimentel e da sua geração, na transmissão e partilha de todos os acontecimentos nas participações em Congressos e Iniciativas relevantes para a discussão e revisão do *Moderno* - Congresso de 1948; *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*; reuniões CIAM. Deixou também um importante legado através das suas publicações: *“O problema da Casa Portuguesa”*¹³⁹, onde responde à necessidade de pôr um fim à *mentira arquitectónica* acerca da *casa portuguesa*, preconizada por Raul Lino; e *“Da Organização do Espaço”*, onde consciencializa a posição do arquitecto na sociedade como um organizador social – *“Seja assim o arquitecto – homem entre homens – organizador do espaço – criador de felicidade”*.¹⁴⁰

136 VIEIRA, Álvaro Siza. *O 25 de Abril e a Transformação da Cidade*, Porto 7 de Dezembro de 1984, [1] Publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais n.º 18/19/20, Fevereiro. 1985

137 TENREIRO, José Pedro de Galhano. *O grupo ODAM: organização dos arquitectos modernos: a construção do racionalismo portuense*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

138 MOURA, Eduardo Souto. in *Jornal O Público*, 4 de Setembro de 2005, WWW.publico.pt

139 TÁVORA, Fernando. *O problema da Casa Portuguesa*, Editorial Organizações, Coleção Cadernos de Arquitectura, Lisboa. 1947

140 TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 1996

H. D.	B
PROJECTO	V / 54
REQUERENTE SOCIEDADE COOPERATIVA 'A CASA LUSITANA'	
Pandar	1 / 50
Pgeral	1 / 100
 ENG ^o JORGE DELGADO ANTONIO SOARES	
PROJECTO DE RUI PIMENTEL	
 2	

I H A P	C
PROJECTO	II / 55
Requerente "A PREVIDENTE" Associação de Socorros Mútuos	
planta tipo	1 / 50
 Eng ^o Jorge Delgado António Soares	
Projecto de Rui Pimentel	
 3	

Fig. 78 Rui Pimentel, rótulos das peças gráficas dos processos de licenciamento n^o 591/54 e 602/55

Três meses antes, Rui Pimentel falecera a 5 de Junho de 2005, com 81 anos de idade, dois anos após ter sido nomeado Membro Honorário da Ordem *dos Architectos*. Ficará conhecido pelo seu modo irrequieto de dimensão polivalente, um agente cultural atento às preocupações e fragilidades da sociedade na sua acção como projectista e activista de uma nova ideia de arquitectura. A sua artisticidade, claramente inspirada nos princípios da arte multidisciplinar com influência directa na pedagogia de Carlos Ramos, possibilitou que se dedicasse a outras áreas artísticas, como ao gosto pela pintura e a participação em várias exposições, e a sua cooperação social activa, com uma singular sensibilidade e poder de síntese temática manifestada, em paralelo, na área da arquitectura.

A sua obra arquitectónica afirmará um processo de desenho informado por composições assimétricas e ritmadas, inspiradas pelo neoplasticismo, assentes no valor plástico e cromático dos materiais regrados por um rigoroso traçado geométrico, e pelo aprofundamento das novas formas do habitar colectivo, princípios adoptados na concepção da habitação e dos novos espaços domésticos dos anos 50, partindo da referência da casa *Existenzminimum*, temas debatidos e afirmados na sua participação nas reuniões preparatórias do grupo CIAM Porto.

*“As colaborações de Rui Pimentel e Augusto Amaral, alunos da EBAP/ESBAP e, também, futuros docentes na ESBAP, estarão associadas a estes projectos que apresentam grafismos portadores de sinais e códigos modernos, associados ao universo corbusiano, como no tipo de letra de diversas dimensões, com destaque para as abreviaturas em maiúsculas na composição e no traçado dos rótulos.”*¹⁴¹

141 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

Quadro de formação, obra e contexto

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1940	Ano lectivo 1940/41 do curso especial de arquitectura: 1ª Cadeira - 1ª parte; 2ª Cadeira - 1ª parte; 3ª Cadeira - 1ª parte; 8ª Cadeira - 1ª parte; 11ª Cadeira - 1ª parte; 13ª Cadeira - 1ª parte.		Exposição do Mundo Português. Edifício de habitação e comércio Rua de Cedofeita - Arménio Losa. Consulado francês, Porto - Cassiano Branco. Presidente do SNA - Porfírio Pardal Monteiro. Pavilhão do Brasil, Exposição Colonial, Lisboa - Raul Lino
1941	Ano lectivo 1941/42 do curso especial de arquitectura: 8ª Cadeira - 1ª parte; 9ª Cadeira - 1ª parte; 13ª Cadeira - 2ª parte; 1ª Cadeira - 1ª parte.		Exposição <i>Nova Architectura Alemã</i> (8 Novembro 1941). Edifício de habitação e comércio Rua de Cedofeita - Arménio Losa. <i>Uma Biblioteca-Arquivo para o Ensino Universitário</i> - CODA Alfredo Viana de Lima. Presidente do SNA - Porfírio Pardal Monteiro.
1942	Ano lectivo 1942/43 do curso especial de arquitectura: 1ª Cadeira - 2ª parte; 3ª Cadeira - 2ª parte; 3ª Cadeira - 3ª parte; 9ª Cadeira - 2ª parte; 13ª Cadeira - 2ª parte; 4ª Cadeira - 1ª parte.		Prédio de rendimento Adão Polónia (1942-44) - ARS architectos. Ed. António Soares Marinho - António Justino e Rogério de Azevedo. Casa Joaquim Malheiro Pereira - Viana de Lima. Presidente do SNA - Porfírio Pardal Monteiro.
1943	Ano lectivo 1943/44 do curso especial de arquitectura: 1ª Cadeira - 2ª parte; 4ª Cadeira - 1ª parte; 9ª Cadeira - 2ª parte; 13ª Cadeira - 2ª parte.		<i>I Exposição dos Independentes</i> - EBAP. Hotel Império, praça da Batalha - Alfredo Viana de Lima. Presidente do SNA - Porfírio Pardal Monteiro. Edifício Companhia Portuguesa da Seda Artificial, rua Monte dos Burgos (1943-46) - Arménio Losa e C. Barbosa.
1944	Ano lectivo 1944/45 do curso especial de arquitectura: 2ª Cadeira - 2ª parte; 4ª Cadeira - 2ª parte; 9ª Cadeira - 2ª parte; 13ª Cadeira - 2ª parte; 14ª Cadeira - 3ª parte.		<i>II Exposição dos Independentes</i> - Ateneu Comercial do Porto. Exposição da <i>Arte Alemã</i> - SNBA. Carlos Ramos torna-se professor inteiro da 4.ª Cadeira Arquitectura da EBAP. Cinema da Batalha; Café Rialto (1944-47) - Artur de Andrade. Presidente do SNA - Porfírio Pardal Monteiro.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1945	Ano lectivo 1945/46 do curso especial de arquitectura: 4ª Cadeira - 3ª parte; 14ª Cadeira - 1ª parte; 14ª Cadeira - 3ª parte.	Escreve o artigo: <i>Escala humana</i> , em <i>A Tarde, Supl. Arte</i> , n.º1 (publicado no Jornal de Notícias a 9 de julho de 1945)	Fim da Guerra Mundial. Regime ditatorial português perde o apoio internacional. <i>III Exposição dos Independentes</i> - Coliseu do Porto. Carlos Ramos leciona a 16ª Cadeira, <i>Urbanologia</i> , no Porto. Fernando Távora inicia actividade como arquitecto, e o seu artigo " <i>O Problema da Casa Portuguesa</i> " é publicado no semanário <i>ALÉO</i> . Estabelecimento e Garagem, Av. França, Porto (1945-47); Bloco da Carvalhosa (1945-50); Edifício DKW, rua Sá da Bandeira (1945-56) - A. Losa e Cassiano Barbosa. Bloco residencial Manuel Duarte - Januário Godinho. Casa Cassiano Branco, Lisboa - Cassiano Branco. Presidente do SNA - José Cottinelli Telmo. <i>Quatro Palavras sobre Urbanização</i> - Raul Lino. Raul Lino, vice-presidente da academia de Belas-Artes.
1946	Ano lectivo 1946/47 do curso especial de arquitectura: 2ª Cadeira - 2ª parte; 8ª Cadeira - 2ª parte; 9ª Cadeira - 2ª parte; 14ª Cadeira - 2ª parte; 14ª Cadeira - 3ª parte.	Projecta Edifício do Alto da Estrada, Arouca (1946-47). Participa na <i>I Exposição Geral das Artes Plásticas</i> na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa.	Fundação da ICAT - Lisboa. <i>IV Exposição dos Independentes</i> - Livraria Portugália - Porto. <i>Exposição Geral das Artes Plásticas</i> - 1946. Carlos Ramos leciona a 16ª Cadeira-Urbanologia - EBAP. Mural do Cinema da Batalha, Porto - Júlio Pomar. Carlos Ramos professor da 15.ª Cadeira Urbanologia ESBAL. <i>Architecture d'Aujourd'hui</i> 05/06 - Neutra; 09 - Urbanismo. <i>Techniques et Architecture - Função, Estrutura e Forma</i> . Presidente do SNA - José Cottinelli Telmo.
1947	Ano lectivo 1947/48 do curso especial de arquitectura: 2ª Cadeira - 2ª parte; 9ª Cadeira - 2ª parte.	Ingressa no grupo ODAM. Participa na <i>II Exposição Geral das Artes Plásticas</i> , na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa.	Fundação da ODAM - Porto. Carlos Ramos regressa à EBAP, leciona 4ª Cadeira. CIAM VI - <i>Can our cities survive?</i> - Brigwater - Inglaterra. Edifício de habitação, rua João de Deus - Viana de Lima e Agostinho Ricca. Edifício de Escritórios, Rua dos Bragas; Casa António Neves, V.N.Gaia (1947-49); Casa Cassiano Barbosa, rua de Belém, Porto (1947-49) - Arménio Losa, C. Barbosa. Pavilhão das Ilhas adjacentes (1947-48) - CODA Mário Bonito. <i>Architecture d'Aujourd'hui - Equipamento da Habitação</i> (Março e Maio-Junho); <i>Técnicas Americanas do Urbanismo</i> (Julho); <i>Brasil</i> (Setembro); <i>Saúde Pública</i> (Novembro); <i>Habitação Colectiva I</i> (Dezembro). <i>Techniques et Architecture - Habitação - Residência</i> . Unité d'habitation, Marseille - Le Corbusier. Presidente do SNA - José Cottinelli Telmo.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1948	Ano lectivo 1948/49 do curso especial de arquitectura: 9ª Cadeira - 2ª parte.		<p><i>Congresso de 48.</i></p> <p><i>O problema Português da Habitação</i> - A. Viana de Lima.</p> <p>Exposição das obras públicas.</p> <p><i>Exposição dos Independentes</i> - Livraria Portugália - Porto.</p> <p>Fernando Távora entra para C.M.Porto (1948-54).</p> <p>Edifício de habitação plurifamiliar, rua Aires de Ornelas (1948-50) - Mário Bonito.</p> <p>Edifício habitação e garagem, rua Santos Pousada - Artur de Andrade.</p> <p>Bairro Engº Duarte Pacheco, Olhão (1948-53) - Eugénio Correia.</p> <p>Presidente do SNA - António Canto Martins (substitui José Cottinelli Telmo após sua morte). Francisco Keil do Amaral é eleito Presidente do SNA.</p>
1949	Ano lectivo 1949/50, 1.º ano do curso superior de arquitectura: Esboceto de grande composição - <i>um monumento</i> ; Esboceto de grande composição - <i>um bairro operário</i> (1ª mensão); Arqueologia artística geral e portuguesa; Esboceto de grande composição - <i>uma moradia</i> (2ª medalha); Esboceto de grande composição decorativa - <i>um lazer</i> (1ª mensão).	Projecta edifício de habitação plurifamiliar na Rua Marechal Saldanha, Praça de Goa, Porto (1949-52).	<p><i>VI Exposição dos Independentes</i> - Braga.</p> <p><i>I Exposição os Surrealistas.</i></p> <p>CIAM VII - <i>Concerning architectural culture</i>, Bérgamo, Itália.</p> <p>Edifício de habitação Rua do Amial, Bloco da Constituição - Arménio Losa, Cassiano Barbosa.</p> <p>Edifício habitação e comércio R. Santos Pousada e R.Latino Coelho - Artur de Andrade.</p> <p>Casa Aristides Ribeiro - A. Viana de Lima.</p> <p>Presidente do SNA - Francisco Keil do Amaral. Inácio Peres Fernandes substitui Keil do Amaral após ser demissão pelo Estado Novo.</p> <p>Raul Lino assume a direcção dos Monumentos Nacionais.</p>
1950		Colabora no projecto <i>Edifício do Ouro</i> , na Rua Fernandes Tomás, Porto, onde colabora com Mário Bonito (1950-55).	<p><i>VII Exposição dos Independentes</i>, Livraria Portugália, Porto.</p> <p>Carlos Ramos presidente da Secção Portuguesa da UIA.</p> <p><i>II Exposição os Surrealistas.</i></p> <p>Cooperativa O Lar Familiar (1950-62) - Mario Bonito.</p> <p>Casa de Férias, Corujeira (1950-52); Bloco da Constituição (1950-52); Edifício Soares e Irmãos, rua de Ceuta (1950-54) - Arménio Losa e Cassiano Barbosa.</p> <p>Casa Maria Borges, Porto - A. Viana de Lima.</p> <p>Habitação Unifamiliar, rua Gago Coutinho, Lisboa, Cassiano Branco.</p> <p>Chapelle Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp - Le Corbusier.</p> <p>Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1951	Ano lectivo 1951/52 do curso superior de arquitectura: Projecto de grande composição - <i>uma sala de concertos</i> (2ª medalha); Projecto de grande composição - <i>um clube náutico</i> (2ª medalha); Arqueologia artística geral e portuguesa.	Participa na 1.ª <i>Exposição ODAM</i> no Ateneu Comercial do Porto, com o <i>Edifício do Ouro</i> em colaboração com Mário Bonito.	1.ª <i>Exposição ODAM</i> , Ateneu Comercial do Porto. Fernando Távora, Mário Bonito, José Carlos Loureiro, Agostinho Ricca e Delfim Amorim, assistentes da ESBAP. Carlos Ramos vai ao I Congresso da UIA em Casablanca, Marrocos. Carlos Ramos e F. Távora participam no II Congresso UIA, Rabat. Última Exposição de Arte Moderna no S.N.I. CIAM VIII - <i>The heart of the City</i> , Hoddesdon, Inglaterra. F. Távora e V. de Lima participam na 8ª reunião, CIAM Porto. Pavilhão dos Desportos, Palácio de Cristal (1951-55) - J.C.Loureiro. Bairro de Ramalde (1951-60) - Fernando. Távora. Casa Maria Borges - Oswaldo Silva e Viana de Lima. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.
1952	Ano lectivo 1952/53 do curso superior de arquitectura: Projecto de grande composição - <i>um centro cultural</i> ; Projecto de grande composição - <i>centros cívicos</i> (1ª medalha); Projecto de grande composição - <i>um centro cívico</i> (1ª medalha); Esboço de grande composição - <i>Edifício principal centro cívico</i> (1ª menção); Arqueologia artística geral e portuguesa.	Participa na II Bienal de São Paulo com trabalho académico - <i>um Centro Cultural</i> ; Participa no <i>Curso de Verão de Veneza</i> , trabalho publicado na revista <i>Cerâmica e Edificação</i> 1952, com o título - <i>Regionalismo e imaginação</i> ;	<i>II Bienal de São Paulo</i> . Carlos Ramos é nomeado Director da ESBAP (1952-1967). Carlos Ramos vai ao Congresso Internacional da Habitação e Urbanismo. <i>I Exposição Magna ESBAP</i> . Fernando Távora frequenta 1º Curso de Verão dos CIAM e assiste às conferências de Le Corbusier e Lúcio Costa. Estação dos telefones - Octávio Lixa Filgueiras. Chandigarh, Índia - Le Corbusier. Unidade Residencial de Ramalde (1952-60); Bloco de habitação, Av. do Brasil, Porto (1952-54) Fernando Távora. Casa Sol, Lobito, Angola - Francisco Castro Rodrigues. Edifício de habitações AC (1952-54), Edifício de habitações APC (1952-56), rua Santos Pousada - A. Losa e C.Barbosa. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes. Fernando Távora - CODA <i>uma casa sobre o mar</i> (19 valores).
1953	Ano lectivo 1953/54 do curso superior de arquitectura: Arqueologia artística geral e portuguesa.	Projecta o edifício de habitação plurifamiliar, na Rua dos Bragas, Porto (1953-57). Participa na <i>II Exposição Magna da ESBAP</i> , com trabalho académico - <i>um Centro Cultural</i> , levado à II Bienal de São Paulo	<i>II Exposição Magna da ESBAP</i> . Carlos Ramos organiza o III Congresso da U.I.A. - Lisboa. CIAM IX - <i>The Charter of habitat</i> - Aix-en-Provence. Fernando Távora e Viana de Lima representam Portugal no IX CIAM - Aix-en-Provence. Bloco Residencial, rua Costa Cabral (1953-55) - Viana de Lima. Edifício de habitação, comércio e garagem, rua da Maternidade, Porto - Fernando Lanhas. Pavillon du Brésil (1953-59) - Le Corbusier e Lúcio Costa. Casa Mário Amaral - Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Casa Unifamiliar, rua do Amial - Celestino de Castro. Estação União Eléctrica Portuguesa (1953-61) - Januário Godinho. Mercado Municipal Vila da Feira - Fernando Távora.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1954		Projecta o Edifício de habitação unifamiliar na Rua da Constituição, Porto (1954-56).	<p><i>III Exposição Magna da ESBAP.</i> Fernando Távora e Francisco Figueiredo abrem escritório na rua Duque de Loulé, Bairro Operário, Gueifães (1954-62); Complexo habitacional e turístico, Moçambique (1954-66) - A. Losa e C. Barbosa. Edifício de habitação bifamiliar, rua Coutinho de Azevedo (1954-61); Edifício de habitação e comércio, rua do Bonfim (1954-57) - Mário Bonito. Edifício Parnaso - José Carlos Loureiro. Casa em Matosinhos (1954-57) - Álvaro Siza Vieira. Blocos de habitação Av. do Brasil, Lisboa (1954-62) - Jorge Segurado. <i>Construir, Morar e Pensar</i> - Martin Heidegger. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>
1955	Ano lectivo 1955/56 do curso superior de arquitectura: Projecto de construção geral - uma estação de serviços (1ª menção)	Rui Pimentel junta-se à Zona 1, do <i>Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa</i> , com Fernando Távora e António Meneres (1955-60).	<p>Carlos Ramos vai ao III Congresso da U.I.A, Haia e respectivas reuniões em Itália. <i>IV Exposição Magna da ESBAP.</i> Álvaro Siza Vieira inicia colaboração com F. Távora (1955-58). Campo do Luso - Carlos Loureiro. Bloco do Gaveto - Alfredo Viana de Lima. Edifício de habitação, comércio e escritórios, rua Ceuta - Mário Bonito. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>
1956		<p>Projecta o Edifício de Habitação e Comércio na Rua da Firmeza, Porto. 1956-57, em co-autoria com António Duarte Cruz, Manuel Coimbra de Sousa.</p> <p>Participa na <i>V Exposição Magna da ESBAP</i>, com o projecto em colaboração com Mário Bonito, do Edifício de habitação, comércio e serviços da <i>Empresa Industrial do Ouro</i>.</p>	<p>Reunião da UIA - Berlim. <i>V Exposição Magna da ESBAP.</i> Exposição Geral de Artes Plásticas - Lisboa. Bloco das Águas Livres - Nuno Teotónio Pereira. CIAM X, <i>Team 10</i> - Dubrovnik. CIAM-Porto - Fernando Távora, Viana de Lima, João Andersen, Arnaldo Araújo e Octávio Lixa Filgueiras apresentam <i>Plano de uma comunidade agrícola</i>. Casa de Chá da Boa Nova - Álvaro Siza Vieira. Bloco Leão que Ri, Maputo-Moçambique (1956-58) - Pancho Guedes. Casa, Pavilhão de ténis e arranjos exteriores da Quinta da Conceição (1956-58) - Fernando Távora, Siza Vieira. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>
1957			<p><i>Reforma de 57</i> - do ensino das Belas-Artes.. <i>VI Exposição Magna da ESBAP.</i> Edifício habitação, comércio e serviços, Av. Fernão Magalhães (1957-60)- Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Bloco residencial Av. Sidónio Pais - Fernando Lanhas. Escola Alemã - Konrad Wiesner, Arménio Losa. Convento Sainte-Marie de la Tourette - Le Corbusier. Escola primária do Cedro (1957-61); Casa de Férias, Ofir (1957-58) - Fernando Távora. Complexo hospitalar, Bragança - A. Viana de Lima. Bloco habitacional, rua dos Navegantes, Lisboa - Cassiano Branco. Park Hill, Sheffield - Jack Lynn Ivor Smilh. Casa Carneiro de Melo, Matosinhos - Siza Vieira. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1958			<p><i>VII Exposição Magna da ESBAP.</i> Cursos de Verão na ESBAP. Edifício Rua Diu, Porto - Arménio Losa (1958-62). Carlos Ramos vai ao V Congresso da U.I.A. Homenagem a Carlos Ramos pela Reforma do Ensino. Fernando Távora, docente no Curso de Férias da U.I.A. Pavillon Philips em Bruxelas - Le Corbusier. Edifício Bayer - Márcio de Freitas. Residência 404, rua da Alegria (1958-62); Edifício A. Vieira Pinto, rua da Alegria (1958-62); Casa de férias Arménio Losa, Esposende (1958-70); Unidade residencial COPRAL, rua do Campo Alegre (1958-60) - Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira. Siza Vieira. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>
1959			<p><i>VIII Exposição Magna da ESBAP.</i> <i>I Exposição Extra-Escolar da ESBAP.</i> <i>Exposição 50 Artistas Independentes.</i> Carlos Ramos vai a reunião UIA, Paris e é eleito Vice-Presidente da UIA na A. G. de Lisboa. Fernando Távora e Viana de Lima participam na reunião CIAM, Otterlo, Holanda. Fernando Távora e A. Viana de Lima participam <i>World Design Conference</i>, Tóquio. Parque Residencial Luso (1959-63) - José Carlos Loureiro. Unidade residencial COCAL, Rua do Campo Alegre, Porto - Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Presidente do SNA - Inácio Peres Fernandes.</p>
1960	Ano lectivo 1960/61 do curso superior de arquitectura: Projecto de arqueologia - <i>levantamentos setecentistas</i> (1ª menção); Projecto de arqueologia - <i>levantamento de um edifício religioso</i> (1ª menção).	Término do Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa. (1955-60)	<p><i>IX Exposição Magna da ESBAP.</i> <i>II Exposição Extra-Escolar ESBAP.</i> Edifício de habitação, Av. Sidónio Pais - Fernando Lanhas. Habitação Unifamiliar, Rua Marechal Gomes da Costa - J. Carlos Loureiro e L. Pádua Ramos). Edifício habitação Montepio Geral (1960-61) Agostinho Ricca. Unité d'habitation de Firminy - Le Corbusier. 6 Moradias, Quilunda, Luanda(1960-63) -Simões de Carvalho. Blocos habitacionais Olivais Norte, Lisboa (1960-64) - Cândido Palma de Melo e Artur Pires Martins. Edifício de habitação e comércio, rua Faria Guimarães (1960-67); Instalações Industriais da CUFP, Matosinhos (1960-64) - Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Consultor urbanista da C.M. de Bragança - A. Viana de Lima. Presidente do SNA - Manuel Tainha.</p>

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1961		<p>Tirocínio no escritório de Arménio Losa.</p> <p>O Sindicato Nacional dos Architectos edita dois volumes sobre <i>Arquitectura Popular em Portugal</i>.</p> <p>Participa na <i>III Exposição Extra-Escolar dos alunos da ESBAP</i>.</p>	<p><i>X Exposição Magna da ESBAP</i>. <i>III Exposição Extra-Escolar ESBAP</i>. Carlos Ramos vai ao V Congresso da U.I.A - Londres. Fernando Távora participa no <i>XXVI Congresso da Unesco</i> - Paris. <i>II Exposição Geral das Artes Plásticas</i> - Lisboa. Carpenter center of the visual arts em Harvard, Cambridge, Massachusetts - Le Corbusier. Piscinas de Leça (1961-66) - Álvaro Siza Vieira. Faculdade de Economia (1961-74); Casa Marques Pinto, Porto - Viana de Lima. Loja Rubi, Rua de Stº António, Porto - A. Losa e C.Barbosa. Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, Gondomar - Fernando Távora. Presidente do SNA - Manuel Tainha.</p>
1962		<p>Tirocínio no escritório de Arménio Losa.</p> <p>Carlos Ramos convida Rui Pimentel e o escultor Henrique Lagoa para montar exposição de <i>Arte Negra</i>.</p> <p>É convidado excepcional da Cadeiras de Grande Composição do 4º e 6º ano do Curso de Arquitectura do ano lectivo 1962-63 (ESBAP).</p> <p>Projecta o de um edifício plurifamiliar na Rua João de Deus, Porto (1962-65).</p>	<p><i>XI Exposição Magna da ESBAP</i>. Carlos Ramos acompanha alunos da ESBAP na viagem de estudo a Évora. Fernando Távora apresenta tese <i>Da organização do espaço</i>; participa no encontro de Royaumont na reunião Team X -Paris e no <i>XVII Congresso da Federação Internacional de Arquitectura e Urbanismo</i> - Paris. Parque Residencial da Boavista (1962-73) - Agostinho Ricca. Casa a Ponte da Arrábida - Edgar Cardoso. Blocos hab.Olivais Norte,Lisboa - Pedro Cid e Fernando Torres. Casa Honório de Lima e Armando Ribeiro, publicada na revista <i>Arquitectura</i> n.º74. Presidente do SNA - Manuel Tainha.</p>
1963	Ano lectivo 1960/61 do curso superior de arquitectura: Prova do Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto - <i>um imóvel de rendimento</i> (20 valores).	<p>Tirocínio no escritório de Arménio Losa.</p> <p>É convidado excepcional da Cadeiras de Grande Composição do 4º e 6º ano do Curso de Arquitectura do ano lectivo 1963-64 (ESBAP).</p>	<p><i>XII Exposição Magna da ESBAP</i>. Carlos Ramos vai a reunião da UIA - Praga. <i>O encontro de Royaumont</i>, Fernando Távora é publicado em <i>Arquitectura</i> 79. Plano zona central e Edifício Municipal, Aveiro - F. Távora. Casa Dr. Fernando Gonçalves, Ofir - Viana de Lima. Blocos mega-estruturais, Tel Aviv - Bakema e Van den Broek. Presidente do SNA - Fernando Peres Guimarães.</p>
1964		<p>Tirocínio no escritório de Arménio Losa.</p> <p>É convidado pela Câmara Municipal de Lourenço Marques a trabalhar no Gabinete de Urbanização.</p>	<p><i>XIII Exposição Magna da ESBAP</i>. Bloco da Pasteleira (1964-73) - Sérgio Fernandez e Pedro Ramalho. Casa Alves Costa, Moledo (1964-71) - Siza Vieira. Presidente do SNA - Fernando Peres Guimarães.</p>
1965		<p>Responsável pela direcção artística da fábrica de móveis SIESTA em Moçambique (até 1972).</p>	<p>Carlos Ramos vai ao VI Congresso da UIA - Paris. <i>XIV Exposição Magna da ESBAP</i>. <i>IV Exposição Extra-Escolar ESBAP</i>. Fernando Távora, escreve "<i>École primaire à Vila Nova de Gaia, Portugal</i>" em <i>L'Architecture d'Aujourd'hui</i>. Presidente do SNA - Fernando Peres Guimarães.</p>

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1966			<p>Carlos Ramos vai ao Congresso da UIA - Paris.</p> <p><i>XV Exposição Magna da ESBAP.</i></p> <p><i>V Exposição Extra-Escolar da ESBAP.</i></p> <p>Bairro residencial, Lourenço Marques, Moçambique - João José Tinoco.</p> <p>Hotel Dom Henrique - José Carlos Loureiro, L. Pádua Ramos e Chaves de Almeida.</p> <p>Mercado de Vinhais - Alfredo Viana de Lima.</p>
1967			<p>Carlos Ramos vai ao IX Congresso da UIA - Praga.</p> <p><i>VI Exposição Extra-Escolar ESBAP.</i></p> <p>Viagem de Estudo da ESBAP a Paris apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.</p> <p>Direcção Árvore - Cooperativa de Actividades Artística, composta por: Henrique Alves Costa; Eduardo da Rocha Matos; Fernando Távora; Sérgio Fernandez; Ângelo de Sousa e Mário Bonito.</p> <p>Raul Lino presidente da Academia Nacional de Belas-Artes.</p> <p>Carlos Ramos deixa a ESBAP por limite de idade.</p>
1968			<p><i>XVI Exposição Magna da ESBAP.</i></p> <p>Mercado de Barcelos - J. C. Loureiro e Luís Pádua Ramos.</p> <p>Torres Vermelhas, Aveiro (1968-75) J. C. Loureiro e L. Pádua Ramos.</p> <p>Habitação Unifamiliar Dr. Marques Guedes - Rogério Ramos, João Archer de Carvalho.</p> <p>Sede da Caixa de Previdência - Alfredo Matos Ferreira, Arménio Losa, B. Madureira).</p> <p>Estação dos Correios, Portimão - Cassiano Branco.</p> <p>Legitimizing Architecture - De Carlo.</p>
1969			<p>Falecimento de Carlos Ramos</p> <p>Fernando Távora e Manuel Tainha organizam <i>II Encontro de Estudo da Secção Portuguesa da UIA</i> e do Sindicato Nacional dos Arquitectos.</p> <p>Edifício de habitação e comércio, rua de Gondarém - J. C. Loureiro e L. Pádua Ramos.</p> <p><i>Exposição Bauhaus</i> - ESBAP.</p> <p><i>In memoriam</i>, in Diário de Lisboa - Nuno Portas.</p> <p>Fernando Távora demite-se da ESBAP.</p>
1970		Participa no projecto do plano de urbanização da Costa do Sol (1970-72) - Moçambique.	<p>Edifício de habitação e comércio, rua Santos Pousada - Fernando Lanhas.</p> <p>Instalações Industriais, Moçambique - João José Tinoco.</p> <p><i>Exposição Retrospectiva da Obra de Raul Lino</i>, F. C. G.</p> <p>Edifício de habitação Sopete, Póvoa de Varzim (1970-75) - José Carlos Loureiro e L. Pádua Ramos.</p> <p>Centro Cultural (CODA), Vila do Conde - Cassiano Barbosa e Mário Rodrigues Teixeira.</p>
1971		<p>Abre o seu próprio atelier em Moçambique (1971-74).</p> <p>Desenvolve o projecto para a Casa dos Magistrados em Lourenço Marques, Moçambique.</p> <p>Laboratórios e Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lourenço Marques, Moçambique.</p>	<p>Edifício de Escritórios e Comércio, Av. da Boavista (1971-74) - Arménio Losa.</p> <p>Bairro do Restelo, Lisboa (1971-75) - Nuno Teotónio Pereira, Pedro Viana Botelho e João Paciência.</p> <p>Edifícios UAP Seguros, rua Santa Catarina (1971) - José Carlos Loureiro e L. Pádua Ramos.</p> <p>Paços do Conselho, Vila da Feira (1971-76); Palácio da Justiça, Caminha (1971) - Viana de Lima.</p> <p>Agência Banco Borges e Irmão, rua Passos Manuel - Agostinho Ricca.</p>

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1972		Participa no projecto do plano de urbanização da Costa do Sol (1970-72) - Moçambique.	Compilação Grupo Odam por Cassiano Barbosa ed. 1972. Centro Comercial Invictos, rua Passos Manuel (1972-73) - José Carlos Loureiro e L. Pádua Ramos. Bloco Pantera Cor-de-rosa, Lisboa - Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita. Casa de férias, Alfaiates - Cassiano Barbosa. Casa Napoleão Amorim (1972-78) - Viana de Lima. Edifício de habitação Montepio Geral, rua da constituição; Instalações industriais EFACEC, Moreira da Maia - Agostinho Ricca.
1973			SAAL, Bairro da Bouça (1973-77) - Álvaro Siza Vieira. Edifício de escritórios Banco Pinto de Magalhães - J. Carlos Loureiro e L. Pádua Ramos. Conjunto habitacional Cinco Dedos, Lisboa - Vítor Figueiredo. Casa da Covilhã, Guimarães - Fernando Távora. Domingos Tavares ingressa como docente da ESBAP.
1974			Revolução de 25 de Abril de 1974 (Fim do regime do Estado Novo e instauração da democracia em Portugal). <i>Percurso Arquitectura Portuguesa 1930/1974</i> - Sérgio Fernandez. SAAL, Bairro da Bouça (1973-77) - Álvaro Siza Vieira. SAAL, Zona das Antas (1974-1974) - Pedro Ramalho. SAAL, Leal (1974-77) - Sérgio Fernandez. Conjunto da Bela Vista, Setúbal - José Charters Monteiro e José Sousa Martins. Paços do Conselho, Vila da Feira - Viana de Lima. <i>O Romantismo e a "Casa Portuguesa"</i> , Raul Lino (1879-1974).
1975			Restauro e adaptação do Convento de Santa Marinha a Pousada, Guimarães - Fernando Távora.
1976		Rui Pimentel regressa a Portugal	Álvaro Siza ingressa na ESBAP como professor assistente de Construção. Casa de Francelos (projecto), Vila Nova de Gaia - Siza Vieira. Pavilhão Consultas Externas do hospital geral de Santo António, rua D. Manuel II - Celestino de Castro.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1977			Palácio da Justiça, Vila da Feira - A. Viana de Lima. Bairro da Malagueira, Évora (1977-97) - Siza Vieira. Plano de urbanização e consultoria à C.M.Lamego (1977-80); Plano de urbanização de Viana do Castelo (1977) - Arménio Losa.
1978			Casa Napoleão Amorim, Aguda - A. Viana de Lima. Agência do Banco Borges & Irmão, Vila do Conde (1978-86) - Siza Vieira. Hospital Distrital de Guimarães (1978-91) - Celestino de Castro.
1979			Cooperativa de Aldoar - Manuel Correia Fernandes. Casa Maria Margarida Aguda, Arcozelo, Vila Nova de Gaia (1979-87) - Siza Vieira. Torre Campo Alegre - Alfredo Viana de Lima
1980			Plano geral de urbanização, Guimarães - Fernando Távora. Bonjour Tristesse, Berlim, Alemanha (1980-84); Casa Avelino Duarte, Ovar (1980-84); Casa J. M. Teixeira, Taipas, (1980-91) - Siza Vieira.
1981			Câmara Municipal de Matosinhos 1981-87 - Alcino Soutinho. Casa das Artes (1981-91) - Eduardo Souto Moura. A. Viana de Lima vai para a Ilha de Moçambique para estudar e propor medidas de preservação e revitalização arquitectónicas e urbanísticas, pela F. C. Gulbenkian.
1982			Ilha de Moçambique - Alfredo Viana de Lima. Edifício de escritórios e comércio, Guimarães (1982-88)— Siza Vieira.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1983			Urbanização Quinta de Miramar - Agostinho Ricca. Alfredo Viana de Lima vai para o estado Rondônia, Brasil, para estudar e propor medidas de preservação e revitalização do Forte Príncipe do Beira, Brasil, pela F. C. Gulbenkian. Alfredo Viana de Lima ingressa como docente da ESBAL.
1984			Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1984-99) - Álvaro Siza Vieira. Alfredo Viana de Lima preside o <i>II Congresso Associação dos Arquitectos Portugueses</i> .
1985			<i>Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930/1974</i> , editado pela 1ª vez em 1985 - Sérgio Fernandez. Edifício de habitação e comércio em Matosinhos - Artur de Andrade. Reabilitação da Praça da República, Viana do Castelo - Alfredo Viana de Lima. Restauro Casa da Rua Nova, Guimarães - Fernando Távora.
1986		Agência do Banco Nacional Ultramarino (Lisboa). Casa Alves Pereira (Arouca).	A. Viana de Lima vai para a Tailândia, para estudar a revitalização e protecção patrimonial do Campo Português de Ayutthaya - Igreja e Convento de São Domingos, pela F. C. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto; Pavilhão Carlos Ramos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1986-96); Escola Superior de Educação de Setúbal (1986-94) — Siza Vieira. Praça da República, Viana do Castelo - Viana de Lima.
1987			Reabilitação urbana, Centro histórico de Guimarães (Praça do município; praça de Santiago; Largo de João Franco; Largo da Condessa do Juncal) - Fernando Távora. Restauro e adaptação do Mosteiro, Refóios do Lima para Escola Superior Agrária, Ponte de Lima - Fernando Távora. Casa Dr. Teotonio dos Santos, Braga - Agostinho Ricca.

DATA	FORMAÇÃO ACADÉMICA	ACTIVIDADE E OBRA	CONTEXTO
1988			<p><i>A Propósito de um percurso</i> (1988) - Sérgio Fernandez.</p> <p>Casas em banda, Foz (1988-94) - José Bernardo Távora e Miguel Mesquita.</p> <p>Posto de Limpeza Urbana 2 (1988-92) - Maria João Rebelo Lima.</p> <p>Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (1988-98) Luís Ramalho e Pedro Ramalho.</p> <p>Secção PSP, Guimarães - Fernando Távora.</p> <p>Residência Universitária do Campo Alegre (1988-2000) - Noé Diniz.</p> <p>Plano de reconstrução do Chiado, Lisboa. Siza Vieira.</p> <p>Siza Vieira recebe prémio de Arquitectura contemporânea Mies Van der Rohe e Medalha de Ouro do Colégio de Arquitectos de Madrid.</p>
1989			<p>Casa Eng. Nunes de Sousa (1989-94) - Manuel Botelho.</p> <p>Cooperativa de Habitação de Massarelos (1989-95) - Francisco Barata Fernandes e Manuel Fernandes de Sá.</p> <p>Anfiteatro e anexos, Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Fernando Távora.</p> <p>Casa Ana Costa em Santo Ovídio, Lousada - Siza Vieira.</p> <p>Casas sociais em Doedijnstraat, Schilderswijk, e Haia (1989-93) - Siza Vieira.</p>
1990			<p>Edifício de Habitação da Boavista (1990-98) - Álvaro Siza Vieira e António Madureira.</p> <p>Igreja de Santa Maria e centro paroquial de Marco de Canaveses - Siza Vieira.</p> <p>Remodelação e ampliação do Museu Nacional Soares dos Reis (1990-2001) - Fernando Távora e José Bernardo.</p> <p>Edifício de habitação Caixa Geral de Depósitos, Ovar; Palácio da Justiça, Baião - Agostinho Ricca.</p>
[s/ data]		<p>Projecta: Conjunto habitacional Rua Cidade de Moçamedes, 252,253 e outros, Lisboa co-autoria com Duarte Castel-Branco;</p> <p>Conjunto habitacional, rua Almada Negreiros, 443 a 456, Lisboa, co-autoria com Alfredo Silva Gomes;</p> <p>Projecto Casa Santarém;</p> <p>Projecto Conjunto 500 habitações, Lidador, Maia; Casa Jordão Felgueiras, Foz, Porto;</p> <p>Agência da Caixa Geral de Depósitos, Alcoutim; Laboratórios de Física e Química e Manutenção da produção Float da Covina: Casa Óscar Pires</p>	<p>Ampliação da Assembleia da República, Lisboa (1994-99) Restauo Palácio do Freixo, Porto (1995-2003); Casa dos 24, Porto (1995-2003);</p> <p>Ampliação e remodelação do Museu Soares dos Reis, Porto (1992-2001); Anfiteatro, Faculdade de Direito de Coimbra (1994-2000) - Fernando Távora.</p> <p>Escola de Miragaia (1991) - Agostinho Ricca e Helena Ricca; Quartel G.N.R. de Santo Tirso (1994) - Agostinho Ricca.</p>
2005		Rui Pimentel falece com 81 anos de idade.	<p>Fernando Távora falece com 82 anos de idade.</p> <p>Serpentine Gallery Pavilion, nos Kensington Gardens, Londres, Reino Unido - Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura.</p> <p>Estação de Metropolitano de São Bento, Porto;</p> <p>Sports Center Llobregat, Barcelona - Siza Vieira</p>

Terceira parte



Ficha obra F.O.1

1949 localização 1

Data projeto Junho 1949

Data obra 1952

Cliente A Previdente, Associação de Socorros Mútuos

Programa Habitação Plurifamiliar

Localização Rua de Malaca do Marechal Saldanha, Pr^a de Goa

Autoria Rui Pimentel Ferreira

Ricardo Gil da Costa



Ficha obra F.O.2

1951 localização 2

Data projeto Setembro 1951

Data obra Março 1955

Cliente Empresa Industrial do Ouro

Programa Habitação Purifamiliar, comércio e serviços

Localização Rua Fernandes Tomás, n.º 47-107

Autoria Mário Bonito

Co-autoria Rui Pimentel Ferreira



Ficha obra F.O.3

1954 localização 3

Data projeto Janeiro 1954

Data obra Julho 1957

Cliente A Previdente, Associação de Socorros Mútuos

Programa Habitação Plurifamiliar

Localização Rua dos Bragas n.º 66, 68

Autoria Rui Pimentel Ferreira



Ficha obra F.O.4

1954 localização 4

Data projeto Maio 1954

Data obra Maio 1956

Cliente Sociedade cooperativa A Casa Lusitana

Programa Habitação Unifamiliar

Localização Rua da Constituição n.º 2622

Autoria Rui Pimentel Ferreira



Ficha obra F.O.5

1956 localização 5

Data projeto Dezembro 1956

Data obra Dezembro 1960

Cliente Abílio de Passo Ângelo

Programa Habitação plurifamiliar e comércio

Localização Rua da Firmeza n.º 384, 388, 394

Autoria Rui Pimentel Ferreira

António Duarte Cruz



Ficha obra F.O.6

1962 localização 6

Data projeto Dezembro 1962

Data obra Dezembro 1965

Cliente Sacove, sociedade de construção de vendas Ld^a

Programa Habitação plurifamiliar

Localização Rua de João de Deus n.º 169, 175

Autoria Rui Pimentel Ferreira





1948-52 - Edifício de habitação plurifamiliar **Rua de Malaca do Marechal Saldanha, Praça de Goa**

O edifício de habitação plurifamiliar, para a rua de Malaca do Marechal Saldanha, de Junho de 1949, com um programa de nove habitações, garagens e quintais, apresenta um projecto para 3/4 partes do loteamento, distribuído segundo o plano urbanístico da zona.¹⁴² A encomenda da sociedade Cooperativa *A Previdente, Associação dos Socorros Mútuos*, será elaborada em co-autoria com o arquitecto Ricardo Lemos Gil da Costa¹⁴³ e o Engenheiro Mário Henrique de Barros Delgado, técnico responsável da obra, propondo um edifício com três pisos, apresentando um volume que privilegie a distribuição racional do programa, desenhado a acompanhar a praça de Goa, implantado a eixo da rua de Timor, em continuidade com o carácter do loteamento existente.

142 Memória justificativa, a 15 de Fevereiro de 1950, folha 22.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952.

143 Ricardo Lemos Gil da Costa, membro da ODAM, de formação académica na Escola de Belas Artes do Porto, apresenta ao *Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto*, em 31 de Maio de 1947, com um projecto de medições e orçamentos para o Bloco de habitação e escritórios no Gaveto da rua Júlio Dinis e Praça Mousinho de Albuquerque.

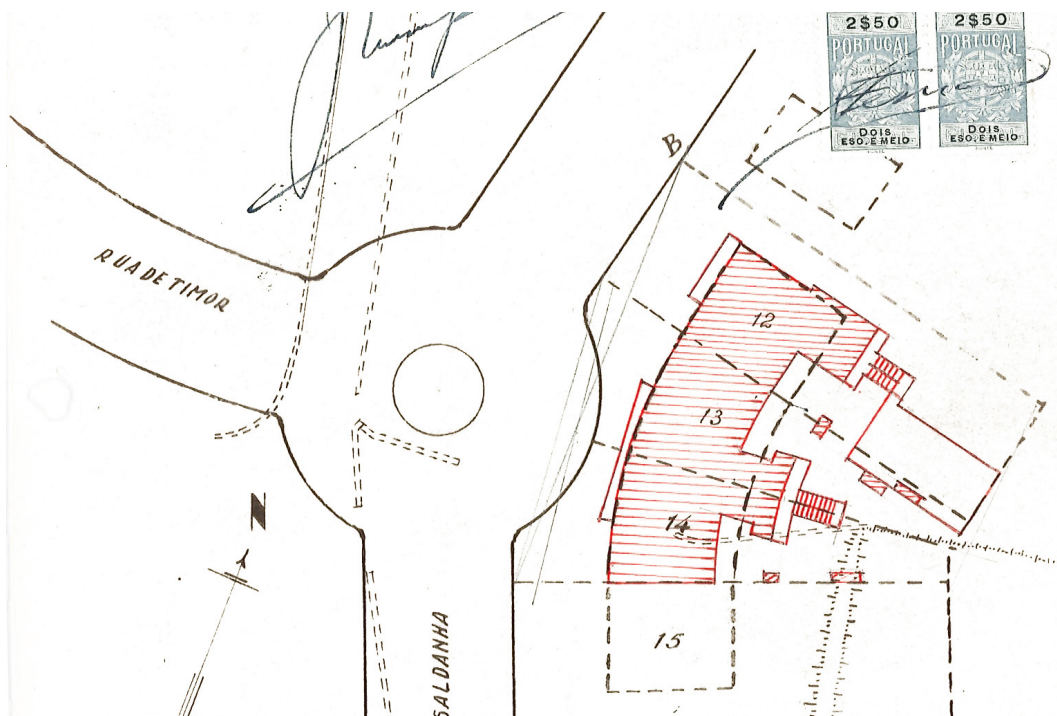


Fig. 79 Alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar

Fig. 80 Excerto da planta topográfica, 10 de Dezembro 1948

O princípio de implantação e a volumetria, cumprem os objectivos propostos com um programa habitacional, enquadrado nos *prédios de rendimento*, visando “*construir maior número de lares em boas condições higiénicas e salubres com uma baixa acentuada no preço de aluguer de cada moradia*”¹⁴⁴ que “*dada a situação do terreno no âmbito citadino, necessitou-se instalar garagens privativas*”. A estratégia urbana, completa o desenho do perfil topográfico da praça de Goa, em resposta ao plano urbanístico, conforme apresenta a planta topográfica de 10 de Dezembro de 1948¹⁴⁵, com um edifício informado pela geometria radial, eixos estruturadores e circunferências concêntricas.

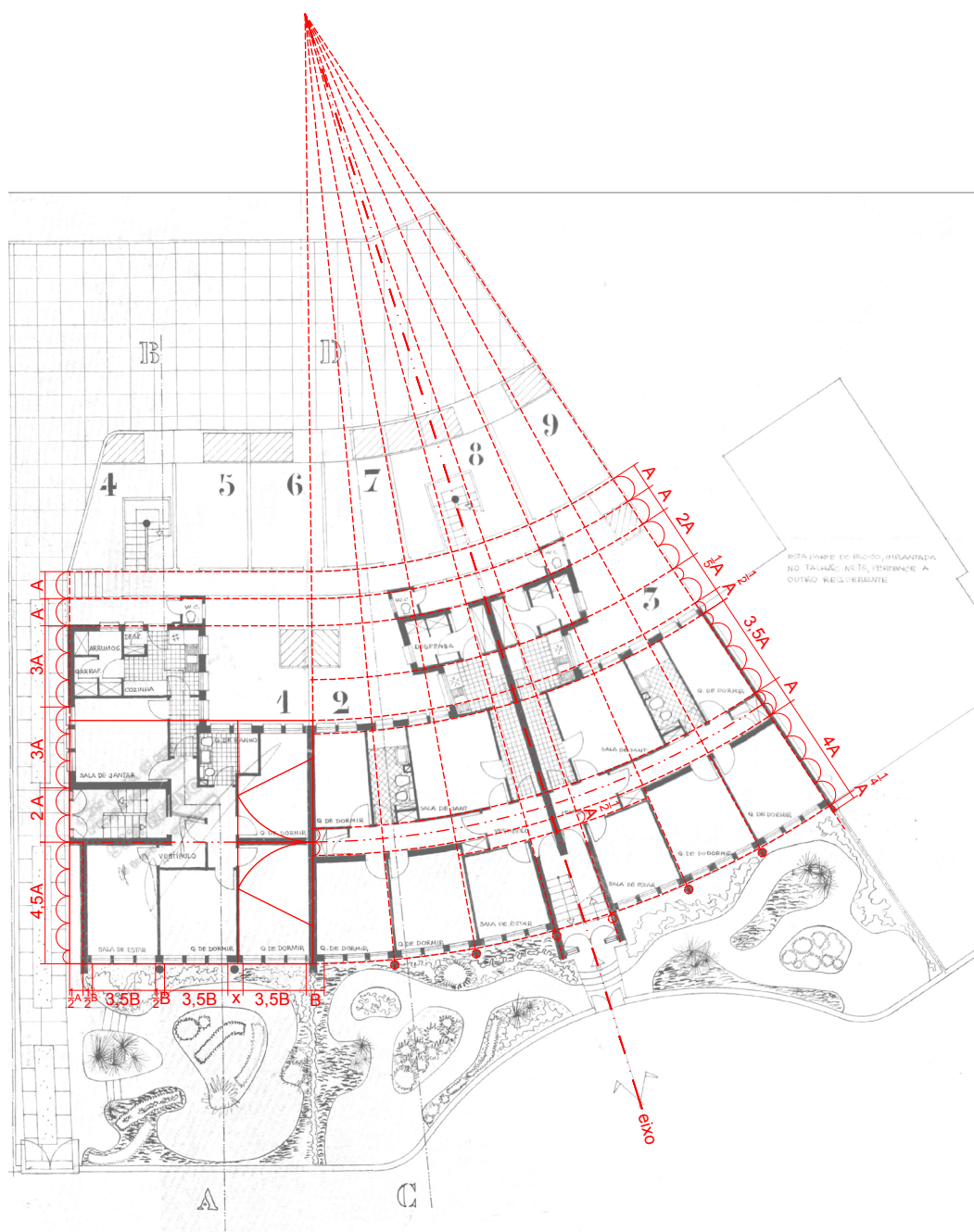
Os principais temas de desenho abordados, serão a racional distribuição funcional, a procura de uma clareza na articulação volumétrica e o rigor compositivo na constituição dos alçados, através da decomposição dos vários planos/corpos e individualização dos elementos arquitectónicos. O rigor da composição geométrica, disciplinada pelos respectivos traçados reguladores, serão conduzidos por uma métrica base, que permitirá interpretar o tema da repetição e o desenho de conjunto, assente numa simetria radial. A linguagem arquitectónica abordada informa a interpretação da relação interior/exterior e cheio/vazio, explorando a hierarquização dos espaços interiores e a proporção dos alçados. “*O facto deste bloco apresentar um aspecto simétrico, bordejado por uma praça e colocado no topo e a eixo duma rua ascendente, confere-lhe desenvolvimento particular, embora totalmente integrado no conjunto urbanístico do local.*”¹⁴⁶

A proposta desenvolve um edifício em extensão, a partir de um volume principal, que desenha a praça de Goa, complementado por dois corpos secundários, compostos pelos serviços, em comunicação com o logradouro. Esta articulação volumétrica explora a profundidade do edifício e reforça a relação de cada habitação com o logradouro, afirmando o sentido de *moradia/vivenda*, mais ligado à habitação unifamiliar, contrário ao sentido de *Bloco de habitação plurifamiliar*. O processo de licenciamento apresenta o desenho de todos os alçados do conjunto, incluindo o *talhão 15* de outro requerente, na procura de uma linguagem coesa, baseada no princípio de continuidade, “*por razões técnicas e estéticas tornou-se necessário, dada a configuração do bloco que os técnicos conciliassem as suas soluções, de*

144 Memória justificativa, a 15 de Fevereiro de 1950, folha 21.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952

145 Planta topográfica, a 10 de Dezembro de 1948, folha 33.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952.

146 Memória justificativa, a 15 de Fevereiro de 1950, folha 20.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952



Esquema 1 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta da cave, sem escala

modo a conferir-lhe um aspecto homogéneo, solicitado inclusivamente pela Ex. Comissão de Estética”¹⁴⁷, conforme o aditamento a Fevereiro de 1950.

A organização espacial do núcleo diurno, reafirma o eixo transversal da entrada, sobretudo de serviço, e enquadra-se na tipologia *reunião-trabalho autónomo*, como refere Nuno Portas¹⁴⁸, em que, os espaços – estar, comer e cozinhar, apresentam áreas reduzidas, onde a funcionalidade prevalece sobre o social, contudo, a separação entre o estar e o comer, denota ainda um sentido de compartimentação, informado pelo modelo tradicional, contrario ao sentido das novas formas do habitar de *open space*, apresentado em obras da época, com destaque para o Bloco da Carvalhosa, na rua da Boavista, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, de 1946-1959, e o Edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços da *Empresa Industrial do Ouro*, de Mário Bonito em co-autoria com Rui Pimentel, obra licenciada e construída entre 1950 a 1955.

A proposta do módulo assenta na distribuição: três quartos (dois voltados para a fachada principal e um para o alçado do logradouro); sala de estar; sala de jantar; quarto de banho; cozinha; despensa; arrumos; e varanda de serviço com um quarto de banho. A organização espacial compartimentada, as caixas de escadas de área reduzida, a ausência de átrio de recepção e a reduzida dimensão dos *halls* comuns demonstram que a solução não privilegia o sentido colectivo dos espaços comuns, devido às condicionantes da encomenda. O corpo secundário, composto pelos serviços voltado para o logradouro, será fragmentado num volume saliente para libertar as zonas habitáveis, explorando a máxima rentabilidade do lote.

A caixa da escada interior, de acesso aos módulos do corpo principal (circular) será desenhada por um volume alinhado pelas varandas, pertencente à composição da fachada principal, que permite o acesso autonomizado aos fogos, através de um desfasamento, em diálogo com a topografia da rua, sendo o dispositivo arquitectónico importante na resolução de diversos problemas, com destaque para a implantação do piso da cave. “*A topografia local (desníveis entre os próprios talhões e variação de traineis das ruas) reduz todo o problema estético e técnico a um estudo das caves, ao serem mantidas as cérceas horizontais contínuas.*”¹⁴⁹

147 Memória justificativa, a 15 de Fevereiro de 1950, folha 20.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952

148 PORTAS, Nuno, *A habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Vol. 1: texto, Porto. 2004, p.157

149 Memória justificativa, a 15 de Fevereiro de 1950, folha 20.º do processo de licenciamento de 23 de Junho de 1949, alvará de construção 21/1952

A escada exterior será de acesso secundário, a partir do logradouro, permitindo circuitos alternativos de apoio ao núcleo de serviços, e uma maior flexibilidade na gestão dos três núcleos da habitação. A caixa de escada interior, dos módulos de remate pertencente à composição da fachada lateral, permite, também um acesso autonomizado aos fogos, através de um desnível, que tira partido da topografia da rua e o desenho de conjunto. A implantação do piso da cave, desenhada com o desnível abaixo da cota da rua e com um jardim em frente ao edifício, poderá remeter para o Bloco da Carvalhosa, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa.

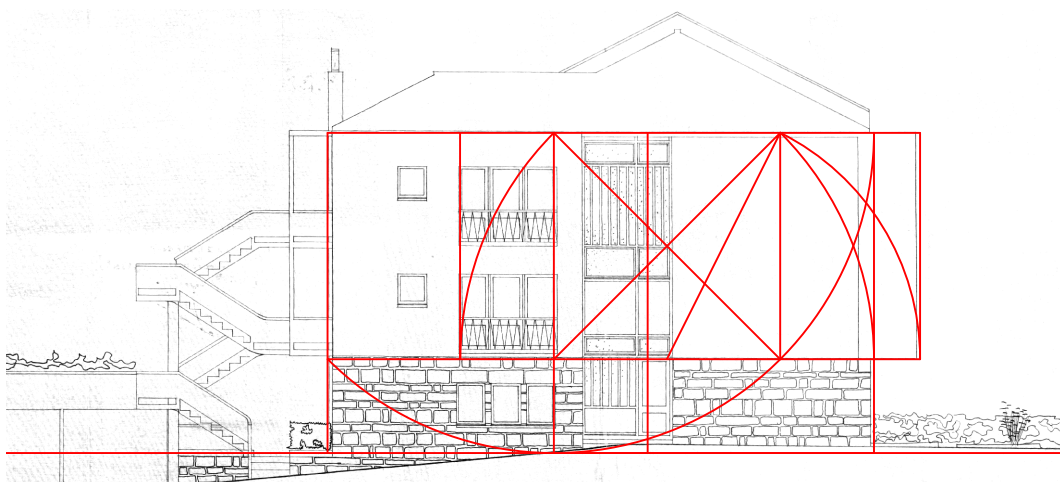
A composição geométrica do interior, dimensiona o desenho de conjunto e responde à proporção dos espaços a partir dos eixos estruturantes principais e secundários, conforme a sua função. O princípio compositivo repete-se na concepção de todos os pisos, evidenciando a legibilidade do sistema construtivo independente, tirando partido da modulação para a concepção do desenho do interior e de conjunto. (Esquema 1)

O corpo principal, informado por uma geometria radial, será constituído pela repetição de 8 eixos de composição, concêntricos, marcado pelo eixo de charneira geométrico, que dispõe de 3 partes iguais para cada lado. O módulo de remate, em *topo livre*, parte de um quadrado de proporção 3 x 3, a eixo do corredor do volume do corpo principal, e será composto por 4 eixos perpendiculares à rua, dividido em 3 partes iguais. O módulo do quarto, parte da proporção do “*rectângulo de ouro*¹⁵⁰”, na procura de um equilíbrio das partes. (Esquema 2)

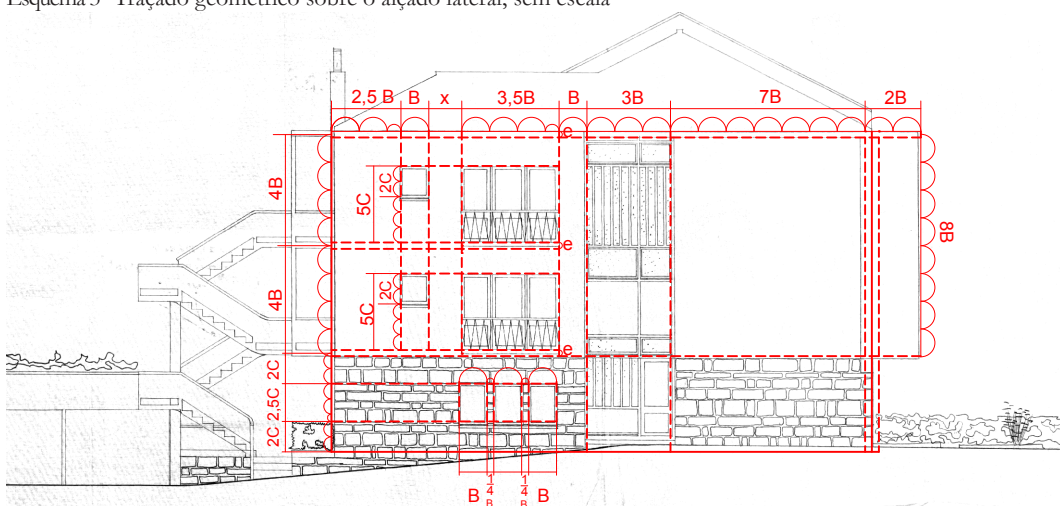
O desenho dos alçados, parte da relevância atribuída ao alçado principal, convocado pelo diálogo com a praça de Goa, explorando uma composição em tensão e movimento, utilizando a repetição como matriz base da continuidade e harmonia do conjunto. O alçado do logradouro, será baseado nos mesmos princípios compositivos, no entanto destacam-se os volumes salientes dos serviços, informados pela relação de cheio/vazio, com o objectivo de libertar o corpo principal e introduzir uma tipologia baseada na rentabilização do lote. A intenção de desenho do alçado lateral será distinta, compondo uma frente com sentido de remate da composição e de articulação volumétrica do conjunto.

A composição volumétrica do edifício, de carácter homogéneo e simétrico assenta

150 Divisão de um segmento em média e extrema razão, escrito pelo matemático Euclides, porque ao dividir-se a base desse rectângulo pela sua altura, obtêm-se o nº de ouro 1,618, utilizado mais tarde por vários arquitectos na procura de uma composição assente na proporção e harmonia.



Esquema 3 Traçado geométrico sobre o alçado lateral, sem escala



Esquema 4 Métrica compositiva sobre o alçado lateral, sem escala



Fig 81 Corpo de remate do alçado do logradouro, edifício de habitação plurifamiliar



Fig. 82 Corpo de remate do alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar

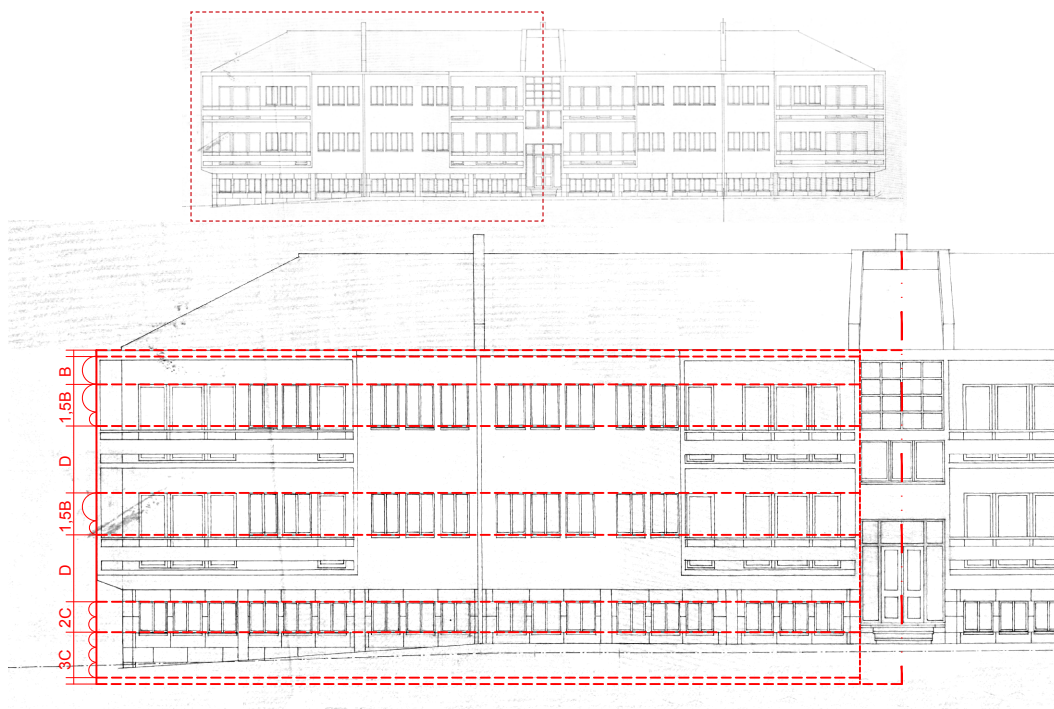
no valor plástico e cromático dos materiais, composto por eixos estruturantes, que marcam o ritmo constante e procura de proporções que transmitam uma leitura coesa do conjunto. O rigor compositivo dos alçados, informados pelas premissas do neoplasticismo, alude a uma relação cheio/vazio, através da decomposição dos elementos arquitectónicos, com diferentes texturas e planos, de forma a evidenciar os corpos salientes. As sombras reflectidas a nascente e poente, respectivamente, quer no alçado principal e alçado do logradouro, serão o resultado da desmultiplicação dos elementos nos respectivos planos, de forma a clarificar a sua autonomia e diversidade da composição.

O volume autonomiza o edifício na relação com a rua, através do carácter distinto da base, sobre o embasamento em pedra, como elemento contínuo que liberta a linha dos pilares do piso da cave, salientando o corpo principal através do seu avanço. As molduras das varandas, afirmam e acentuam a horizontalidade do corpo principal, interpretando o diálogo com a rua principal, segundo o seu pretendido desígnio urbano. O porticado da base marca o ritmo constante visível pelo recuo na cave, evocando o *pilotis*, segundo um desenho contínuo através de pilares circulares, enquanto elementos estruturais aparentes, pautados pelos eixos estruturantes da composição geométrica.

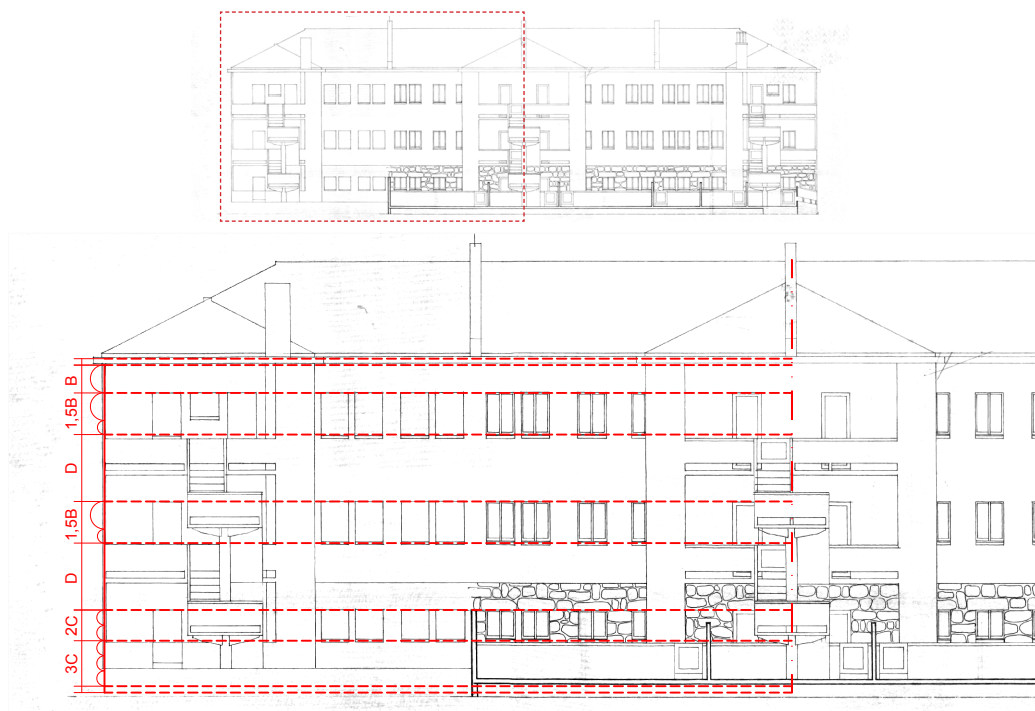
Quanto ao alçado lateral, poderá ser analisado a partir de um desenho composto pela junção e sobreposição de formas geométricas na procura de uma composição baseada na proporção e harmonia. O desenho do corpo principal, composto pelos pisos: rés-do-chão e piso 1, parte da junção de um quadrado e um “*rectângulo de ouro*”, que compõem a largura do volume, e o corpo saliente da varanda será regrado pela junção do quadrado com o *rectângulo* $\sqrt{2}$ ¹⁵¹. O embasamento, representa o piso da cave e será definido pela proporção do *rectângulo* $\sqrt{2}$, afirmando a horizontalidade da base. (Esquema 3)

A métrica da volumetria, estrutura-se a partir de uma medida base que através da sua decomposição, configura a proporção dos vários elementos arquitectónicos, pautada pela dimensão de larguras, alturas e profundidades do edifício. A leitura da métrica do módulo de remate, explora um ritmo disciplinado através da repetição, desmultiplicação e subdivisão das medidas base adoptadas. A medida base “A”, proporciona as dimensões da profundidade dos espaços interiores, e a medida base

151 Rectângulo de raiz que é produzido directamente do quadrado, baseando-se na divisão do espaço conseguido pelo rectângulo de raiz e seus derivados, fazendo parte da geometria clássica.



Esquema 5 Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala



Esquema 6 Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala

“B” equivale às larguras da compartimentação, informada por alinhamentos e traçados reguladores da composição do conjunto. (Esquemas 1 e 2)

A análise da métrica compositiva do alçado principal, poderá ser interpretada pela derivação das medidas base “B”, “C” e “D” que regulam as alturas de todos os elementos arquitectónicos, e orientam os alinhamentos verticais do volume, onde os vãos serão guiados pela medida de “B”, os intervalos entre os vãos serão compostos pela medida “D”, e a base será composta pela derivação da medida base “C”. (esquema 5) O alçado do logradouro, parte do mesmo princípio de métrica compositiva do alçado principal, onde a derivação das medidas base “B”, “C” e “D” regulam as alturas de todos os elementos arquitectónicos e orientam os alinhamentos verticais do volume, respectivamente, na mesma proporção. (Esquema 6)

A métrica compositiva do alçado lateral de remate, será composta por maior número de unidades métricas, devido às condicionantes de implantação. As larguras de todos os elementos arquitectónicos, equivalem à decomposição da medida base de “B” sendo que “X” corresponde a uma medida de excepção. A derivação das medidas base “B”, “C” e “E” disciplinam as alturas de todos os elementos arquitectónicos, gerando alinhamentos verticais, onde “B” corresponde à altura livre entre os pisos rés-do-chão e piso 1, “E” corresponde à medida da laje, e “C” conforma as medidas de todos os vãos deste alçado e dimensiona o piso da cave. (Esquema 4)

Em termos construtivos, o projecto assenta num sistema de construção tradicional, com paredes em alvenaria de pedra ou tijolo, rebocadas e pintadas; lajes, vigas, pilares e escadas em betão armado; e cobertura de telha sobre armação em madeira. A escada que compõe o alçado do logradouro, é construída de forma autónoma, em betão armado e com um pilar central como apoio estrutural, afirmando a singularidade formal de um elemento arquitectónico através de uma solução estrutural independente.

No Porto, o tema dos *prédios de rendimento*, surge nos finais dos anos 30 e inícios dos anos 50, do século XX, com edifícios que representam uma actualização formal por parte dos arquitectos modernistas e investidores, com destaque para



Fig. 83 Corpo de escadas, acesso secundário pelo logradouro
 Fig. 84 Pormenor da entrada, acesso principal

o Bloco de habitação plurifamiliar, na rua Sá da Bandeira com a rua Fernandes Tomás, de Júlio José de Brito, em 1936; edifício de habitação plurifamiliar, na rua Sá da Bandeira, de José Ferreira Peneda, obra entre 1937 e 1939; edifício de habitação plurifamiliar, na rua Sá da Bandeira, de José Porto, em 1939; edifício de habitação plurifamiliar, na rua Fernandes Tomás e na rua dos Bragas, de ARS Arquitectos, em 1939; edifício de habitação plurifamiliar, na rua Adolfo Casais Monteiro, de Arthur Almeida Júnior, em 1940; Bloco da Carvalhosa, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, em 1945; edifício na rua João de Deus, de Agostinho Ricca, obra entre 1947 e 1949;¹⁵² e o Edifício de habitação plurifamiliar, na rua Aires Ornelas, de Mário Bonito em co-autoria com José da Cruz Lima, obra licenciada e construída entre 1948 e 1950¹⁵³.

A estratégia projectual, aborda temas importantes para a construção da cidade em resposta ao perfil da rua, na procura de uma proposta afirmada na continuidade urbana, com a respectiva hierarquização dos alçados, explorando uma composição assimétrica, assente na repetição como matriz base. Poderá, confirmar-se a importância atribuída ao rigor da composição geométrica e da respectiva métrica conceptual que regula o desenho de conjunto, informado pelas relações: claro/escuro, interior/exterior e público/privado, assente na expressão plástica, tirando partido do sistema construtivo adoptado.

152 MENDES, Manuel (coord.). *(In)formar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*; ed.: FAUP publicações, Porto. 2001

153 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*, Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

1954-56 - Edifício de habitação unifamiliar **Rua da Constituição, nº 2622 e 2624**

O edifício de habitação unifamiliar, na rua da Constituição, de Abril de 1954, resulta da encomenda do Engenheiro Mário Henrique de Barros Delgado, ao abrigo da Sociedade Cooperativa *A Casa Lusitana*, juntamente com o técnico responsável da obra, o Engenheiro António Augusto dos Santos Soares. O projecto desenvolve-se num lote estreito e comprido, de onze metros de frente, e dispõe de três pisos: rés-do-chão; cave e 1º andar, geminada a poente, sobre uma interpretação que valoriza a distribuição racional do programa, propondo um volume em continuidade com o carácter do loteamento existente.¹⁵⁴

A intervenção, assente numa leitura do contexto existente, será implantada num loteamento de forma triangular, com lotes de características idênticas, respondendo às condicionantes, com destaque para a tipologia de habitação unifamiliar, de carácter *moradia geminada*; altura das cérceas e alinhamentos de acordo com

¹⁵⁴ Planta topográfica, a 20 de Abril de 1954, folha nº5 do processo de licenciamento de 19 de Abril de 1954, alvará de construção 59/1954; ocupação do edifício em Maio de 1956

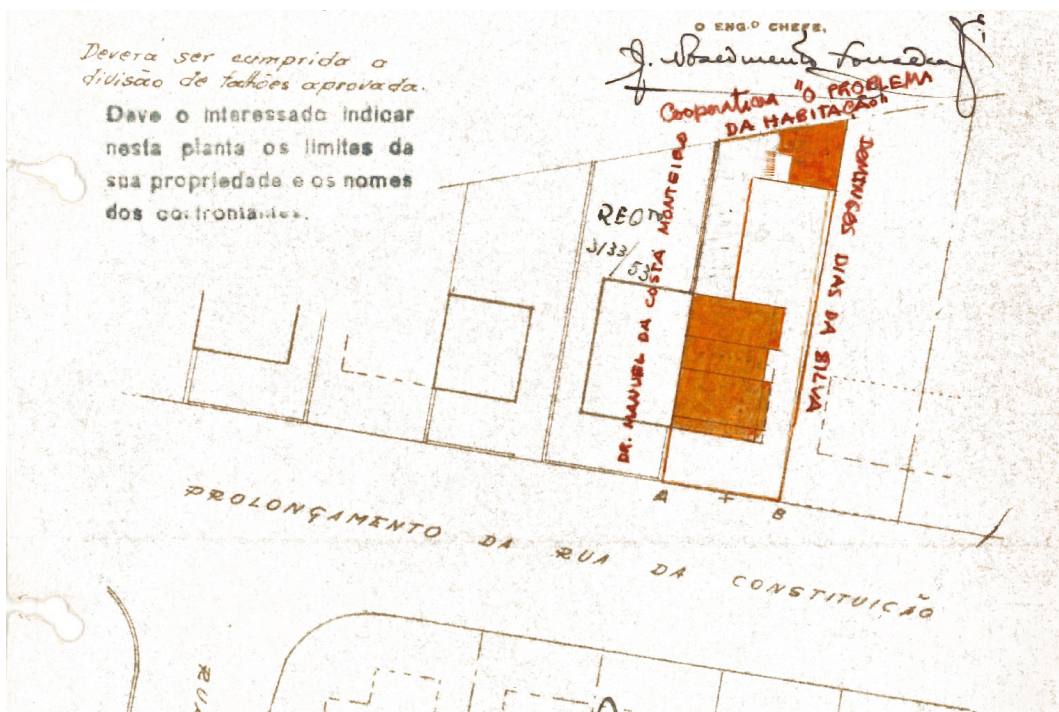


Fig. 85 Alçado principal, edifício de habitação unifamiliar

Fig. 86 Excerto da planta topográfica, 20 de Abril 1954

as profundidades das habitações vizinhas. A proposta desenvolve o programa em profundidade, de forma a localizar a caixa de escadas no eixo transversal e central, desenhando um volume sobrelevado, de cinco degraus da cota de soleira, respeitando os princípios adoptados nas construções adjacentes.

Os principais temas de desenho apresentarão uma experimentação programática, firmada na racional distribuição funcional, hierarquização espacial e clareza na articulação volumétrica, apresentando uma decomposição dos alçados em vários planos, baseados numa rigorosa composição geométrica e depurada, que permite a individualização dos vários elementos arquitectónicos, apoiados na relação cheio/vazio. A linguagem arquitectónica abordada, anuncia a interpretação da relação interior/exterior, explorando a fluidez espacial através da solução estrutural e construtiva, regrada pelo traçado geométrico e pela proporção da volumetria, com base no valor plástico e cromático dos materiais.

A proposta exprime um volume de rigor compositivo, com três pisos, onde os espaços são desenhados com a sua respetiva função, e em constante contacto com o exterior. A distribuição do programa respeita a identidade de cada espaço interior, separados por piso e função, regrados por eixos estruturantes e alinhamentos que evidenciam a estrutura construtiva abordada. A conformação do volume, que apesar da sua frente estreita, dispõe de duas entradas independentes para a habitação.

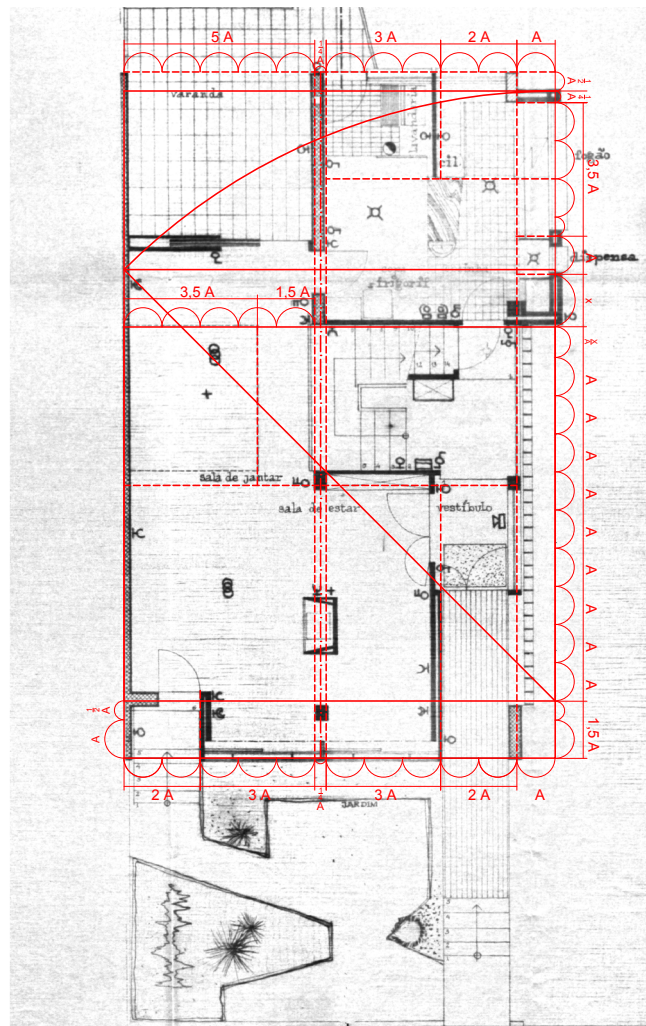
A estratégia de organização dos espaços interiores dispõe diferentes núcleos: o núcleo diurno, no piso de entrada, o núcleo noturno no primeiro piso, e o núcleo técnico e de serviços na cave.¹⁵⁵ A distribuição espacial do interior prenuncia a influência da colaboração de Rui Pimentel no escritório de Mário Bonito, e verifica-se a semelhança com a célula do *Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar*,¹⁵⁶ obra licenciada e construída entre 1950 e 1962.

A proposta poderá ser interpretada pelas premissas *corbusianas*¹⁵⁷, informadas pelos *cinco pontos de uma nova arquitectura*. A *planta livre*, poderá ser compreendida através dos elementos estruturais que permitem, no piso de entrada, a fluidez do

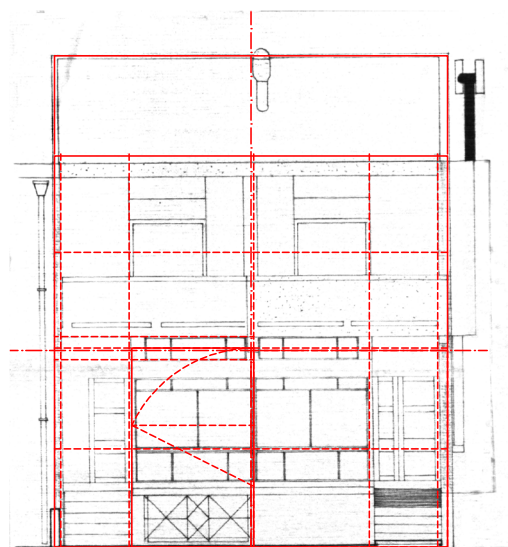
155 Memória descritiva, a 19 de Abril de 1954, folha nº4 do processo de licenciamento de 19 de Abril de 1954, alvará de construção 59/1954; ocupação do edifício em Maio de 1956.

156 CASAL RIBEIRO, Helder. A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60, Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

157 *Os cinco pontos para uma nova arquitectura* - planta livre; fachada livre; pilotis; terraço jardim; janela horizontal (fenêtre en longueur) - definidos pelo arquitecto Le Corbusier e Pierre Jeanneret, em 1926 e publicado na revista *L'Esprit Nouveau*.



Esquema 7 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do rés do chão, sem escala



Esquema 8 Traçado geométrico sobre o alçado principal, sem escala

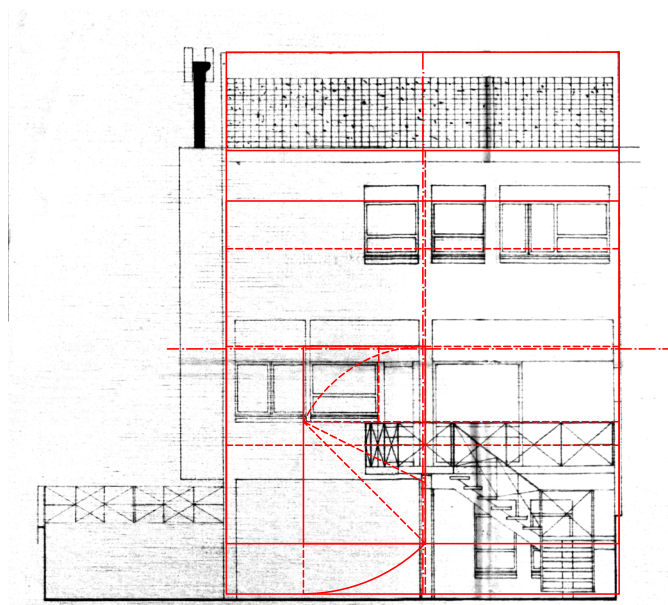
espaço e leitura contínua, das funções de estar e jantar, com acentuada comunicação com o exterior; a *fachada livre* pela compreensão da concepção do alçado principal e do alçado do logradouro; a *janela horizontal (fenêtre en longueur)*, existente na livre composição dos vãos do alçado lateral; e os *pilotis*, presente no recuo do plano da fachada no piso da cave. O único ponto não utilizado nesta proposta será o *terraço jardim*, em cobertura plana e visitável, optando por uma cobertura decomposta em duas águas e dois volumes independentes, afirmando a composição dos alçados extremos.

A implantação e a volumetria da proposta respondem aos objectivos da encomenda, com um programa habitacional, organizado através da planta rectangular de aproximadamente 7,70 metros de largura, demarcada por um eixo central, pontuado pelos pilares estruturais, e eixos secundários que derivam dos alinhamentos com o objectivo de hierarquizar os diversos espaços e o seu uso. O desenho do jardim representa o percurso do acesso principal em dois momentos: público e privado, disciplinado pela articulação alusiva das suas respectivas funções.

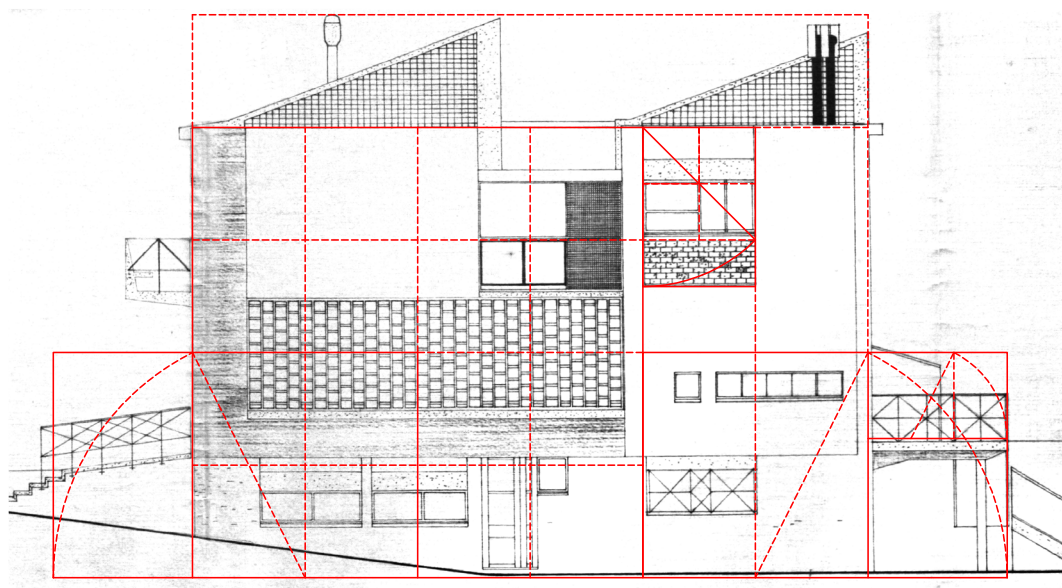
A caixa de escada inscrita no eixo transversal, pertencente ao desenho da fachada lateral, surge como elemento arquitectónico presente nos temas principais de desenho, e na concepção espacial do edifício em todos os pisos. A sua localização liberta a fachada da rua da Constituição e o alçado do logradouro, permitindo um autónomo desenho dos envidraçados, através do sistema construtivo adoptado, cuja composição valoriza os espaços interiores.

A composição geométrica em planta sugere o rectângulo $\sqrt{2}$, dimensionada pelo conjunto da composição que responde à proporção dos espaços a partir dos eixos estruturantes e de uma métrica conceptual base. O desenho organiza o programa através da repetição de três eixos perpendiculares à rua, modulando o edifício em duas partes iguais. O eixo estrutural central, marcado pelo sistema construtivo, liberta o espaço comum do piso de entrada, e o seu alinhamento desenha o único núcleo encerrado composto pelos serviços - copa, cozinha e lavandaria, em comunicação com o logradouro. (Esquema 7)

Quanto ao alçado da rua, a composição geométrica resulta da procura de proporções que traduzam uma leitura coesa do conjunto, contudo dinâmica. O corpo principal



Esquema 9 Traçado geométrico sobre o alçado do logradouro, sem escala



Esquema 10 Traçado geométrico sobre o alçado lateral, sem escala

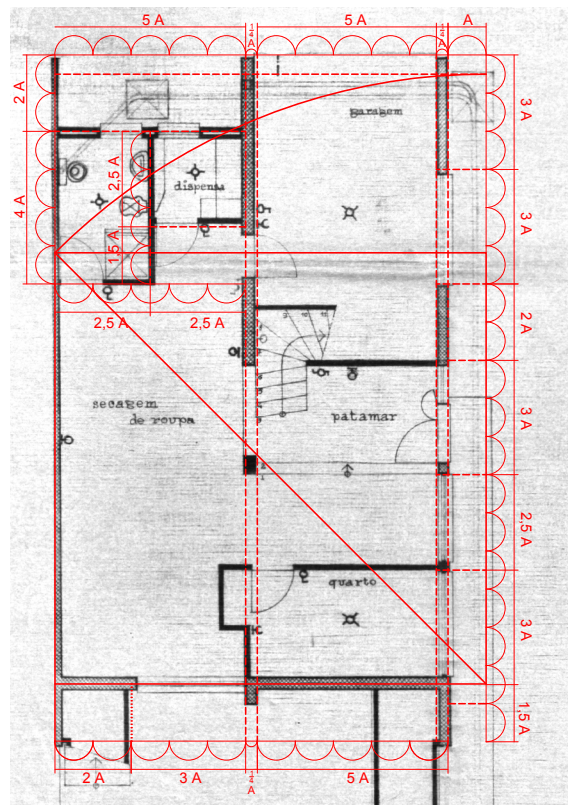
parte do eixo central estrutural, informado pelo desenho assimétrico, e composto pela subdivisão do quadrado, marcado pelos eixos de composição horizontais que organizam e individualizam os elementos arquitectónicos. O desenho dos vãos centrais, regrado pelo “*rectângulo de ouro*”, resultam da procura da harmonia na proporção do seu desenho. A altura da cobertura é definida por uma parte do plano proporcional à subdivisão do quadrado em quatro partes iguais. (Esquema 8)

O rigor e o equilíbrio compositivo do alçado principal, baseado na relação cheio/vazio, assenta na decomposição dos elementos arquitectónicos, associado ao sentido neoplástico, e informado pelos diversos planos alcançados através de superfícies de diferentes texturas, de forma a salientar os corpos das varandas em sacada, individualizando os elementos arquitectónicos.

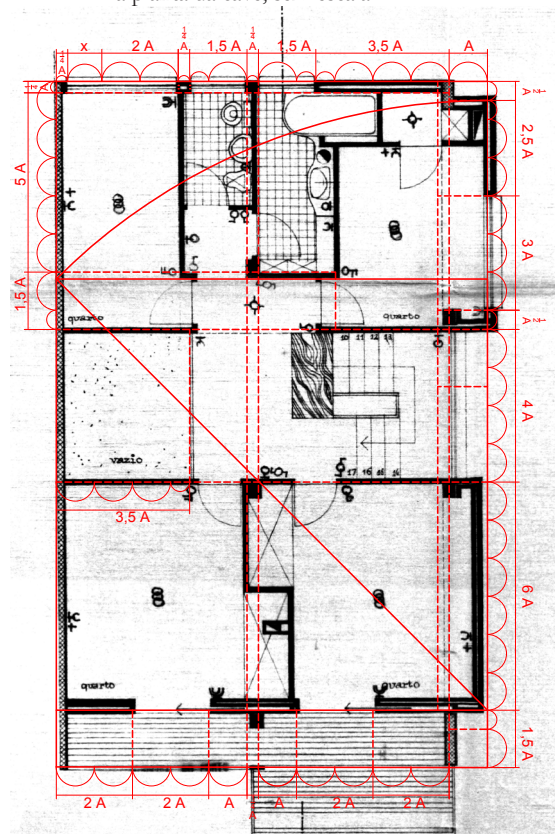
A composição do alçado do logradouro, parte do mesmo princípio geométrico do alçado principal, marcado pelo eixo estrutural ao centro, proporcionalmente composto pela subdivisão do quadrado que desenha o corpo principal. A cota de entrada para o piso da cave é conseguida através da proporção do *rectângulo* $\sqrt{2}$ que completa o desenho e o princípio adoptado no alçado principal. Esta composição permite transmitir a fluidez dos espaços interiores, e uso de grandes envidraçados em continuidade com a ampla varanda. (Esquema 9)

O alçado lateral, dispõe de uma composição geométrica, baseada na subdivisão do quadrado em quatro partes iguais, e a profundidade da volumetria advém da multiplicação das partes, compondo um *rectângulo* de proporção 6 x 5. A cobertura inclinada de duas águas, explora a articulação de um conjunto de formas triangular viradas a norte, onde a sua altura é alcançada através da proporção do quadrado que compõe o conjunto. (Esquema 10) O desenho do acesso à entrada principal e da varanda do logradouro, organizado pelo *rectângulo de ouro*, proporciona a dimensão dos elementos arquitectónicos, e o uso do *rectângulo* $\sqrt{2}$ conforma a janela do quarto alinhada pela janela da garagem, através do uso de diferentes superfícies e texturas.

A modulação dos três alçados parte da ênfase atribuída ao alçado principal afirmando o seu desígnio urbano, em diálogo com a rua da Constituição. A intenção de desenho do alçado lateral será distinta, assente na articulação da volumetria,



Esquema 11 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta da cave, sem escala



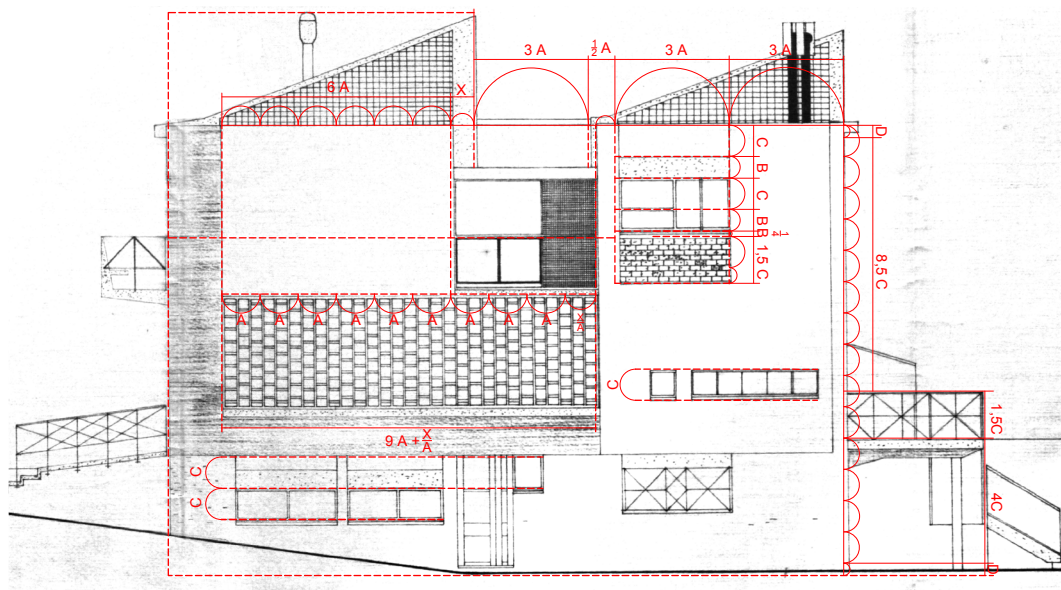
Esquema 12 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do piso 1, sem escala

convocando outras texturas que expressam o sentido neoplástico da composição. A mudança de tema no primeiro piso, do alçado lateral, corresponde aos núcleos de serviço, que requerem espaços e vãos mais contidos. A circulação e vestíbulo são marcados pelo elemento arquitectónico modular e tipicamente brasileiro – *Cobogó*, que permite decompor o volume e afirmar a horizontalidade do percurso, explorando assim a iluminação e ventilação natural.

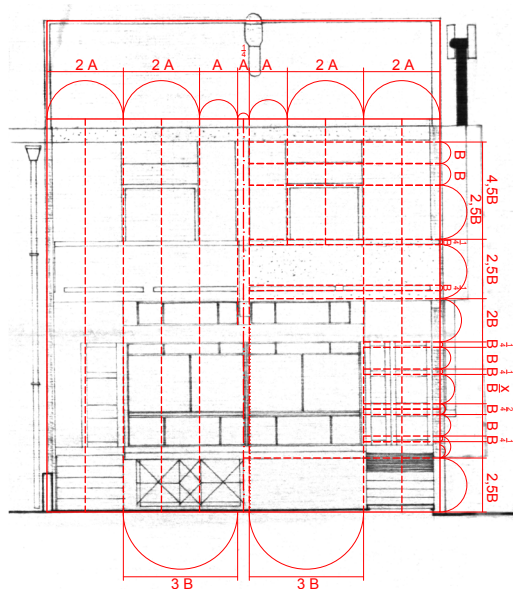
A métrica compositiva dos alçados estrutura-se a partir da medida base, que conforma a proporção dos vários elementos arquitectónicos, e compõe as medidas de largura e altura do edifício. A leitura da métrica do alçado principal, poderá ser interpretada pela medida base “A”, que através da sua repetição, multiplicação e subdivisão, regula a largura de todos os elementos arquitectónicos e gera os alinhamentos verticais, enquanto que a medida “B”, corresponde às alturas e aos alinhamentos horizontais da composição, derivados da medida base. (Esquema 14) O alçado do logradouro parte do mesmo princípio de métrica compositiva do alçado da rua, verticalmente derivado da medida “A”, correspondente às larguras de todos os elementos arquitectónicos, e as alturas derivam da medida “B”, com excepção em momentos que necessitam de incorporar as medidas “C” e “D”. (Esquema 15)

Relativamente à configuração do alçado lateral, distinto pela sua função de articulação volumétrica, origina uma métrica base composta por mais medidas na sua composição. A medida “A” continua a compor a maioria das larguras dos elementos arquitectónicos, exceptuando-se dois momentos em que X corresponde a uma medida sem repetição. As alturas dos elementos arquitectónicos, é conseguida através da repetição, multiplicação e subdivisão de três medidas – “B; C, D”. Poderá deduzir-se assim, que este alçado teve a necessidade de introduzir mais medidas devido às condicionantes de implantação e alinhamentos com as construções vizinhas. (Esquema 13)

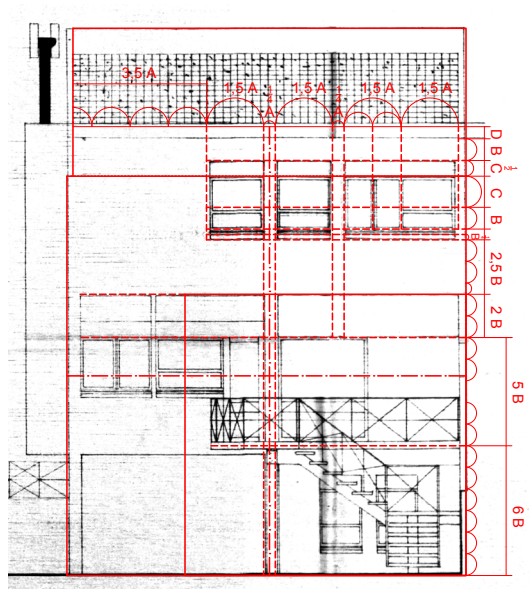
A métrica compositiva do interior, resulta da procura da proporção, derivada da medida “A”, que corresponde às larguras e profundidades dos espaços, permitindo a hierarquização. (Esquemas 11 e 12) Os seus alinhamentos compõem o conjunto valorizado pela organização racional em todos os pisos, informados pelos traçados reguladores. A continuidade do espaço interior para o exterior, e a flexibilidade da amplitude espacial, procuram iluminação e ventilação natural, devido à



Esquema 13 Métrica compositiva sobre o alçado lateral, sem escala



Esquema 14 Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala



Esquema 15 Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala

condicionante da profundidade do edifício, como se verifica na comunicação entre a sala de estar e a sala de jantar. (Esquema 7)

O desenho dos grandes envidraçados e varandas contínuas, no alçado principal e logradouro, sugerem a continuidade espacial afirmada na relação directa com o exterior. As sombras reflectidas a sul e nascente, respectivamente, na fachada principal e lateral, são o resultado da desmultiplicação dos elementos nos respectivos planos, de forma a clarificar a sua autonomia e diversidade da composição.

Em termos construtivos, o projecto assenta num sistema estrutural tradicional de construção de lajes, pilares e vigas em betão armado, paredes em alvenaria, rebocadas e pintadas e as caixilharias das janelas, de correr e em batente, em madeira envernizada. A escada é construída de forma autónoma, em cimento armado e inscrita no quadrado demarcado pelos pilares estruturais, possibilitando uma solução estrutural independente, muito ao gosto de Auguste Perret.¹⁵⁸

No Porto, o tema da habitação unifamiliar desta época sobressai, enquanto “*laboratório a pequena escala permitindo investigações ao nível da aplicação de novos materiais ou tecnologias, propostas de outros modos de vida com diferentes especialidades*”¹⁵⁹, com destaque para a Casa Engenheiro José Praça, na rua Naulila, de Januário Godinho, em 1933; Casa José Prata de Lima, na rua Pêro da Covilhã, de José Porto, em 1937; Casa Joaquim Malheiro Pereira, na rua Carlos Malheiro, de Alfredo Viana de Lima, em 1942; Casa Aristides Ribeiro, na rua Vitorino Damásio, também de Alfredo Viana de Lima, em 1949; Casa Mário Amaral, na rua Latino Coelho, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, em 1953; Casa unifamiliar, na rua do Amial, de Celestino de Castro, em 1953. Mas será sobretudo com a Habitação Alfredo Guimarães, na rua Fernão de Magalhães, de Mário Bonito, licenciada e construída entre 1955 e 1958, que a proposta apresenta maiores afinidades. Destacam-se o desenho dos envidraçados, varandas, distribuição programática, e a individualização dos elementos arquitectónicos como sintaxe chave para afirmar o sentido moderno do edifício.

A proposta de Rui Pimentel para a habitação unifamiliar na rua da Constituição,

158 Auguste Perret (12 de Fevereiro de 1874 – 25 de Fevereiro de 1954), de formação francesa, estudou arquitectura na *École des Beaux-Arts* de Paris em 1891. Foi o primeiro arquitecto a explorar o betão armado como meio de expressão, e as suas obras e escritos influenciaram os arquitectos modernos portugueses.

159 TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Baseado na dissertação de mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1995. Faup Publicações, Porto.

destaca-se pelo exercício projectual que afirma a modulação do espaço interior, na articulação volumétrica e na concepção dos alçados, em constante tensão compositiva, informados pelo sentido neoplástico. Convoca temas importantes para a resolução da proposta afirmados nas relações: interior/exterior; claro/escuro e público/privado, através de uma geometria pura. Desenvolve a leitura e interpretação do edifício, permitindo a relação e diálogo com o existente, ao integrar o desenho no contexto em articulação com a profundidade da empena e em continuidade da mancha de implantação, como se verifica na fotografia com perspectiva do projecto proposto, em Abril de 1954¹⁶⁰, e como refere o aditamento de Julho de 1954, “*procurar-se-á durante o curso da construção acertar as linhas principais da habitação de molde a criar o indispensável equilíbrio*”,¹⁶¹ e individualmente, poderá também deduzir-se que o projecto valoriza o conjunto da malha urbana.

160 Folha n.º 4 do processo de licenciamento de 19 de Abril de 1954, alvará de construção 59/1954; ocupação do edifício em Maio de 1956.

161 Aditamento a 30 de Julho de 1954, folha 18.º do processo de licenciamento de 19 de Abril de 1954, alvará de construção 59/1954; ocupação do edifício em Maio de 1956.

1950-60 Edifício de comércio e habitação plurifamiliar Rua da Firmeza, nº 384, 388, C394

O edifício de habitação plurifamiliar e comércio, para a rua da Firmeza, de Dezembro de 1956, em acesso vertical múltiplo de quatro pisos, inserido num lote de pouca profundidade com duas frentes de 12 metros de largura, e constituído por um piso de comércio e três de habitação plurifamiliar, integra-se dentro da tradição dos *prédio de rendimento*.¹⁶² O projecto será elaborado em co-autoria com o arquitecto António Duarte da Cruz e o Engenheiro Manuel Eduardo Coimbra de Sousa, como técnico responsável da obra. A encomenda privada de Abílio de Passos Ângelo, será interpretada por uma proposta que privilegia a distribuição racional do programa propondo um volume que completa o perfil da rua.¹⁶³

162 “Estudado o problema assentou-se num programa mínimo para as habitações, que são constituídas por vestibulo, dois quartos de dormir, banho, dala comum, cozinha e respectivos armários, roupeiro e despensa.” In Memória descritiva, a 15 de Dezembro de 1956, folha nº3 do processo de licenciamento com alvará de construção 851/1957; ocupação do edifício em Dezembro de 1960.

163 Conforme fotografia antes da construção, folha nº4 e planta topográfica a 18 de Setembro de 1956, do processo de licenciamento com alvará de construção 851/1957; ocupação do edifício em Dezembro de 1960.

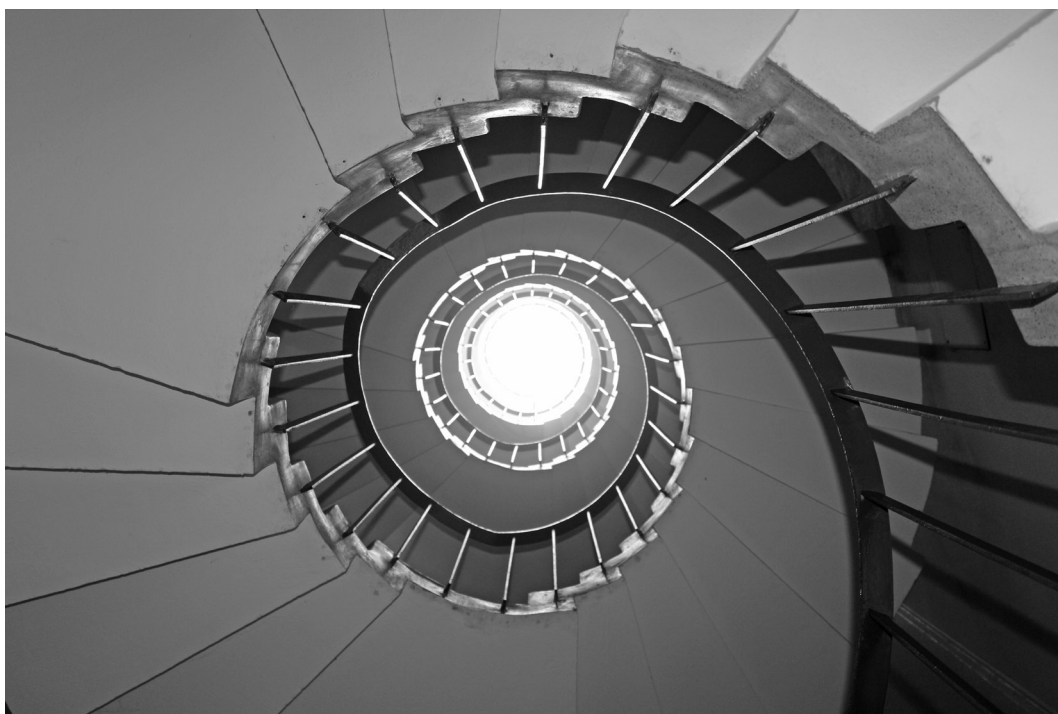
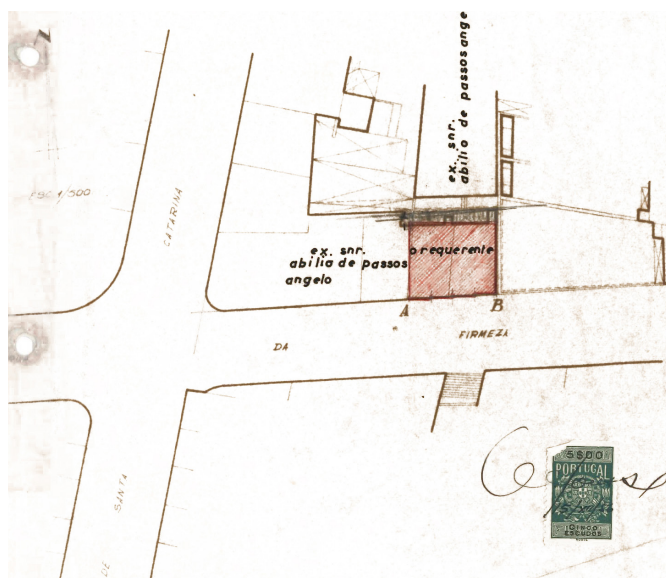


Fig. 87 Alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar e comércio

Fig. 88 Excerto da planta topográfica, 18 de Setembro 1956

Fig. 89 Caixa de escada central, edifício de habitação plurifamiliar e comércio

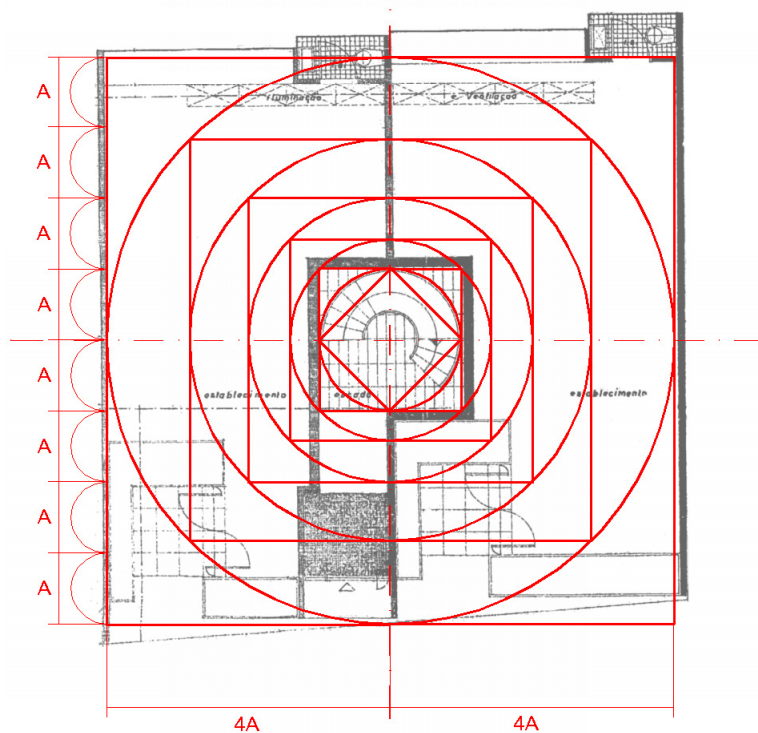
Os principais temas de desenho abordados serão a procura de uma clareza volumétrica e de um rigor compositivo no sistema de acesso (caixa de escadas) e na relação cheio/vazio com a decomposição dos alçados em vários planos através da individualização dos elementos arquitectónicos. A composição assimétrica e ritmada, é marcada pelos volumes das varandas, assentes no valor plástico e cromático dos materiais regrados por um rigoroso traçado geométrico. A linguagem arquitectónica abordada informa a interpretação da relação interior/exterior, colectivo/privado, explorando a hierarquização dos espaços interiores e a proporção dos alçados.

O projecto enquadra-se numa resposta operativa a uma encomenda que visa a rentabilização do lote, através de um *programa mínimo para as habitações*¹⁶⁴, sem explorar a flexibilidade espacial da célula, desenvolve a organização racional do programa e hierarquização das respectivas funções.

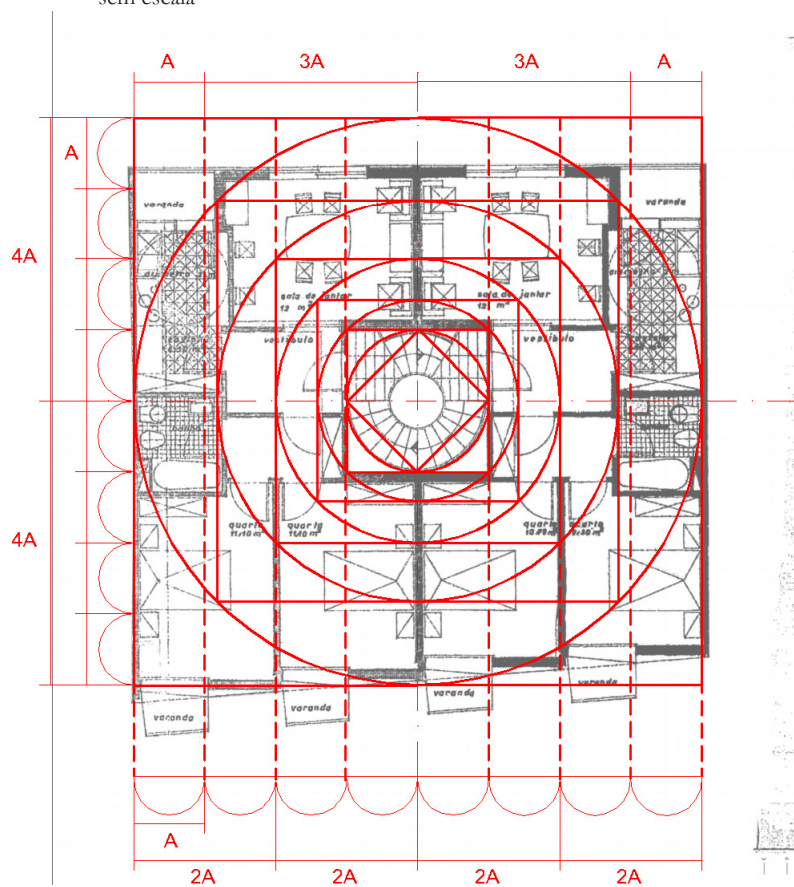
A implantação e a volumetria da proposta respondem aos objectivos programáticos com o programa habitacional organizado através da planta quadrangular, de 12 metros de lado, demarcada por um eixo central, evocando o *Sistema de Coordenadas Cartesianas*, criado por René Descartes, com o objectivo de localizar os eixos estruturadores paralelos às abcissas e ordenadas, afirmado pelo volume central quadrado, onde se inscreve a escada circular. (esquema 16) A configuração circular permite organizar o espaço colectivo, sobre um percurso valorizado pela esbelteza do seu sistema construtivo. A localização do corpo da escada liberta ambas as fachadas, permite o acesso autonomizado aos fogos, através de um desfasamento, de cinco degraus, em diálogo com a acentuada pendente da rua da Firmeza, sendo o dispositivo arquitectónico importante na resolução de diversos problemas.

A circunscrição do eixo central, permite justificar a métrica conceptual do projecto, através de eixos estruturadores, principais e secundários, conforme a sua função. A distribuição espacial visa a autonomia dos espaços, organizando-se de forma a localizar a zona nocturna a sul, diurna a norte e no centro os serviços. O vestíbulo e distribuição à zona nocturna são diferenciados pela sua proporção aliada à função. Os quartos serão resguardados pelo núcleo de serviços, e a variação do comprimento é obtida pela composição geométrica que acompanha o desenho do perfil da rua. (Esquema 17)

¹⁶⁴ Memória descritiva de licenciamento de 15 de Dezembro de 1956, alvará de construção 851/1957; ocupação do edifício em Dezembro de 1960.



Esquema 16 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do rés do chão, sem escala



Esquema 17 Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta tipo, sem escala

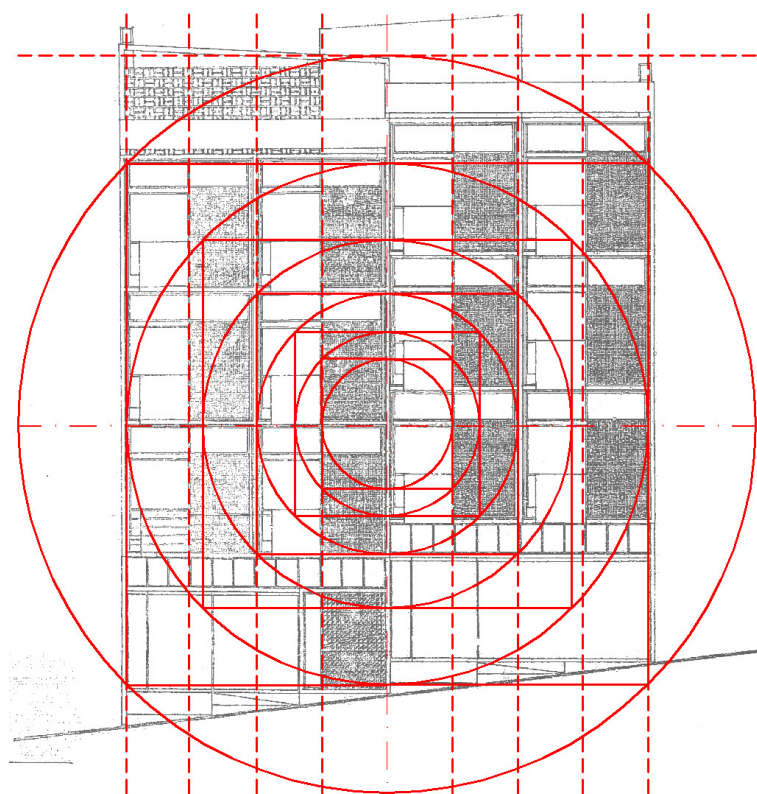
A localização da caixa de escadas anuncia o tema principal deste edifício, acompanha a distribuição colectiva e prenuncia a volumetria do mesmo, assente na racionalidade espacial, tendo por base a rentabilização da área dos espaços e função do interior, reflete, também nas fachadas a hierarquização espacial através das dimensões dos vãos. A caixa de escadas, será o elemento arquitectónico principal, assente no plano cartesiano que organiza a composição baseada na dicotomia – nocturno/diurno e esquerdo/direito, sobre uma matriz axial, que compõe um conjunto assimétrico e ritmado, anunciando o programa da habitação. A composição geométrica em planta, será informada pelo “*ad quadratum*”¹⁶⁵, organizando o programa através da repetição de cinco eixos perpendiculares à rua, modulando o edifício em quatro partes, desenhadas pelo módulo do quarto.

A leitura do alçado principal, poderá ser interpretada, a partir do rebatimento deste princípio geométrico, que transpõe o desenho da planta para a composição da fachada, assente na relação interior/exterior. (Esquema 18) A repetição dos eixos estruturadores principais, são derivados da multiplicação do quadrado base (caixa de escadas), e desenharam as molduras que compõe o alçado sobre a intencionalidade urbana. O desenho cheio/vazio da fachada da rua, decorre do submúltiplo da modulação dos eixos estruturadores principais, expressando a definição de uma medida modular base que proporciona as partes e o conjunto. A composição geométrica do alçado do logradouro, é composta pela dimensão dos vãos em proporção à necessidade da sua função, que integra a sala de estar e a largura da cozinha, marcado pelo negativo da varanda. Os eixos estruturadores secundários, organizam o mobiliário fixo dos quartos e os compartimentos de serviços – cozinha e quartos de banho. (Esquema 19)

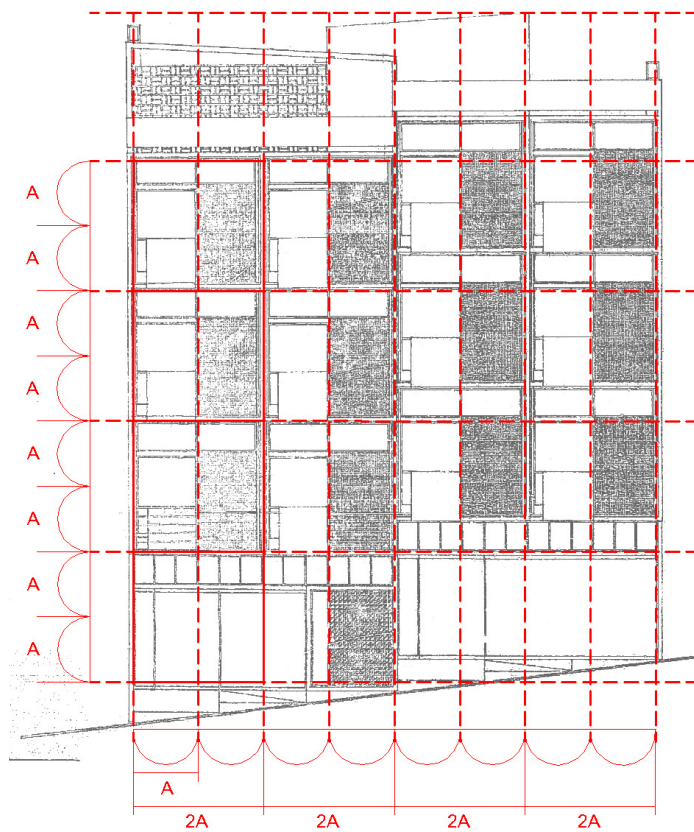
A composição da fachada principal parte do eixo central e anuncia o programa habitacional, marcado pelo sentido de repetição associado à largura dos quartos iluminados assimetricamente pelo ritmo constante de um cheio/vazio. As sombras reflectidas a sul, são o resultado da desmultiplicação dos elementos nos respectivos planos, de forma a clarificar a sua autonomia e diversidade da composição.

O alçado do logradouro, a norte, resulta num jogo de sombras marcado pelo negativo das varandas, alinhado pelo recuo das cozinhas, sobre os eixos estruturadores secundários, em contraste ao corpo à face do edifício, assente na relação interior/exterior.

¹⁶⁵ *Ad quadratum*: método construtivo que relaciona a geometria com a arquitectura através de um sistema de proporções. Fundamento geométrico utilizado por vários arquitectos, com destaque para a obra Villa Capra detta la Rotonda em 1566 de Andrea Palladio.



Esquema 18 Traçado geométrico sobre o alçado principal, sem escala



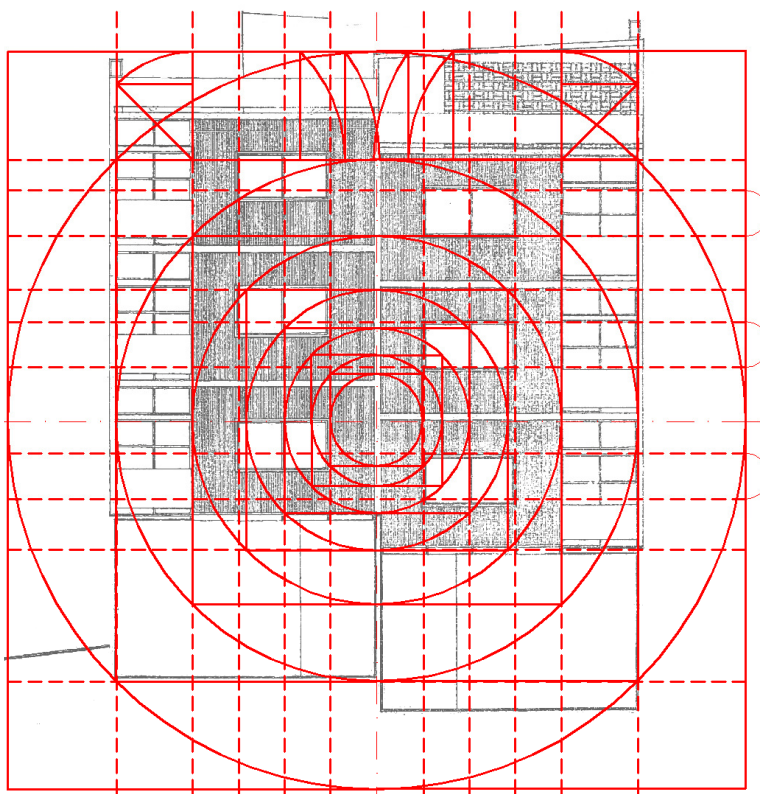
Esquema 19 Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala

A articulação do volume que compõe o alçado principal, assenta na afirmação de três momentos de significado distinto através da clara intencionalidade de individualização das partes. Os grandes envidraçados dos comércios, no rés-do-chão, afirmam a horizontalidade da base, o corpo principal é marcado verticalmente pela decomposição de dois planos com remate superior da platibanda e o terceiro momento é marcado pelo recuo da fachada do piso de serviços.

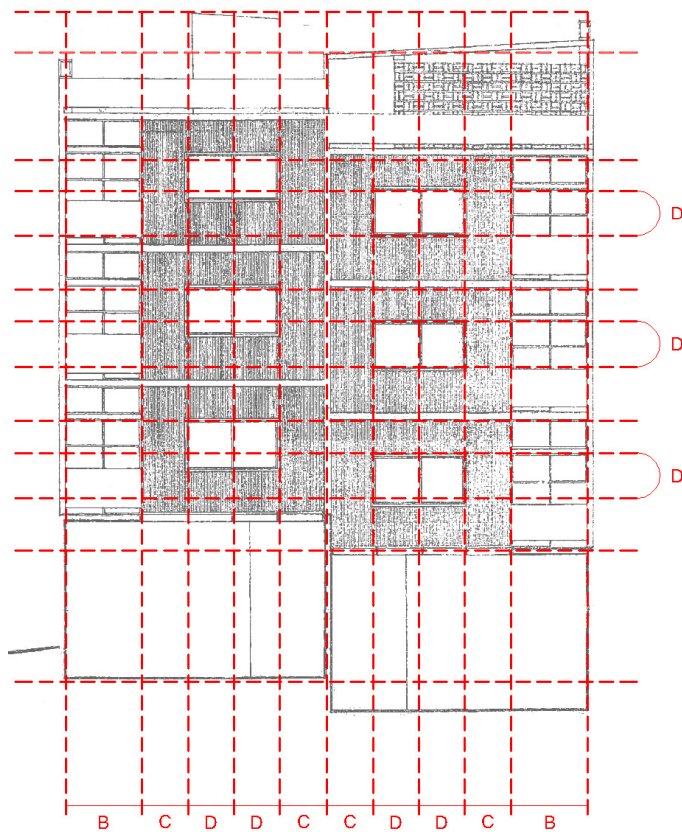
A decomposição do corpo principal, do alçado da Rua da Firmeza, poderá ser interpretada pela articulação de dois planos – o primeiro, constituído pelo volume da varanda, composto por laje de betão armado e guarda-corpos em metal e vidro, e o segundo, marcado pelo ritmo entre os elementos arquitectónicos opacos (alvenaria em reboco) e transparentes (vidro), com remate da janela em bandeira. A moldura em cimento inscreve o conjunto da composição e unifica os elementos arquitectónicos, formulando uma quadrícula que se repete quatro vezes na horizontal e três vezes na vertical, baseada na relação cheio/vazio e claro/escuro.

A porta de acesso às habitações no piso do rés-do-chão, também apresenta um desenho regrado pela articulação do traçado geométrico do conjunto da composição, juntamente com a soleira que responde à topografia da rua. A forma como o remate do edifício complementa a composição, é demarcada pela faixa de reboco, proporcional ao desenho da bandeira em vidro, dando sentido de escala através do recuo do piso de acesso à cobertura.

A decomposição do alçado do logradouro, demarca o eixo central pela espessura da parede de meação entre as células, a moldura de reboco pronuncia as lajes de pavimento, e o remate do edifício é demarcado pelo elemento da platibanda que desenha uma faixa horizontal, e estabelece continuidade de leitura no seu conjunto. Também neste alçado, o recuo do piso de serviços de acesso à cobertura, permite resolver o sentido de escala. O corpo principal, à face do edifício, dispõe de uma janela rectangular ao centro, que espelha a proporção e a função do interior da sala de estar. O conjunto de elementos arquitectónicos, inscrito na moldura rectangular de reboco, estão justapostos três vezes na vertical, e duas na horizontal, e anunciam a leitura de conjunto unificadora do todo, definido pelo desfasamento em resposta ao perfil da rua da Firmeza. (Esquema 20)



Esquema 20 Traçado geométrico sobre o alçado do logradouro, sem escala



Esquema 21 Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala

O desígnio urbano da fachada principal, responde à cidade evocando as premissas do movimento moderno, ao longo de um ritmo introduzido pelas varandas enquanto corpo saliente, enquadrado pela moldura de reboco. Esta composição assimétrica reforça os princípios de desenho adoptados e será inspirada pelo neoplasticismo. A proporção dos diversos elementos arquitectónicos será também conseguida através de alinhamentos sobre a métrica base de uma grelha que permite evocar o tema da repetição característico da habitação plurifamiliar.

O edifício vinca o seu tempo, pela continuidade urbana, assente no desenho geométrico e depurado, que não se autonomiza na relação com a rua. A intenção do desenho do alçado do logradouro é distinta do alçado da rua da Firmeza, apresenta uma composição de expressão formal inversa, organizada em duas partes, alinhadas pelo eixo central que separa os dois fogos, assentes no sentido dos lotes típicos do Porto - estreitos e compridos. (Esquema 21)

Em termos construtivos o projecto assenta num sistema estrutural tradicional, composto por: lajes, pilares e vigas em betão armado, paredes exteriores em perpiano, rebocadas e pintadas, paredes interiores em tijolo, e caixilharias em madeira envernizada.¹⁶⁶ A escada é construída de forma autónoma em betão armado, o que possibilita uma solução estrutural independente, com uma expressão plástica, associada à arquitectura de Auguste Perret, experimentada por vários arquitectos modernos portugueses da época, com destaque para a obra do Bloco de habitação colectiva da Carvalhosa, licenciada e construída entre 1945 e 1949, na Rua da Boavista e o edifício de escritórios na Rua Sá da Bandeira, em 1946, ambos de Arménio Losa e Cassiano Barbosa.

O edifício em estudo enquadra-se no tempo de várias obras de arquitectos modernistas de relevo, com destaque para o edifício de habitação plurifamiliar, na rua de Bonjóia em 1957, na rua Diu em 1958 e o edifício de habitação e comércio *Copral*, na rua Campo Alegre entre 1958-60, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa; o edifício de habitação plurifamiliar e comércio, na rua do Bonfim licenciada e construída entre 1954 e 1957 e o edifício de habitação escritórios e comércio, na rua de Ceuta entre 1955 e 1958 de Mário Bonito.

No Porto, os *prédios de rendimento*, foram bastante explorados pelos arquitectos modernistas na reformulação do centro urbano, entre os anos 30 e fins dos anos 50,

¹⁶⁶ Memória descritiva, a 15 de Dezembro de 1956, folha nº3 do processo de licenciamento com alvará de construção 851/1957; ocupação do edifício em Dezembro de 1960.



Fig 90 Acesso autonomizado aos fogos, com desfasamento de cinco degraus

Fig 91 Secção da composição do alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar e comércio

do século XX, com relevância para o edifício de habitação plurifamiliar, na rua dos Bragas, dos ARS Arquitectos, em 1939; o edifício de habitação plurifamiliar, na rua de Adolfo Casais Monteiro, de Arthur Almeida Júnior, em 1940;¹⁶⁷ o edifício de habitação plurifamiliar e comércio, no gaveto com a rua da Firmeza, de Manuel Passos e Eduardo Martins, em 1942-45; edifício de habitação plurifamiliar, na Rua Aires Ornelas, entre 1948 e 1950 e o edifício de habitação plurifamiliar, Comércio e Serviços da *Empresa Industrial do Ouro*, na rua Fernandes Tomás, licenciada e construída entre 1950 e 1955 de Mário Bonito.¹⁶⁸

Poderá se destacar, como possível influência na proposta de Rui Pimentel, o Bloco da Carvalhosa (1945-1949), na Rua da Boavista, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, que apesar da inserção urbana ser distinta assemelha-se em algumas intencionalidades, com realce para a proporção do lote que permite uma estratégia de implantação da caixa de escada ao centro, a distribuição de dois fogos por piso, reduzindo a influência da caixa de escada nos alçados, libertando para espaços habitáveis com uma composição ritmada em comunicação com a rua. Contrário à maioria dos *prédios de rendimento*, como por exemplo, no edifício de habitação plurifamiliar, na Rua Aires Ornelas, de Mário Bonito, licenciada e construída entre 1948 e 1950, a escada pertence e influencia o desenho de composição do alçado devido à dimensão do lote resultando num fogo por piso.

A abordagem de Rui Pimentel, neste projecto, convoca temas importantes, como a resolução da construção da cidade e a continuidade urbana. Desenvolve uma proposta que completa a topografia, pela resposta ao perfil da rua, através de uma estratégia afirmada no rigor do seu desenho geométrico e depurado, pelos traçados reguladores da composição, que permite justificar a métrica conceptual, partindo do contexto da encomenda. Poderá deduzir-se que este projecto, evidencia o sistema geométrico abordado, e aplica-o no desenho em planta e alçados, através das fortes relações do conjunto compositivo.

167 MENDES, Manuel (coord.), (In)formar a modernidade. Arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses, Porto: FAUP publicações, 2001.

168 CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

Fichas de obras localizadas no Porto

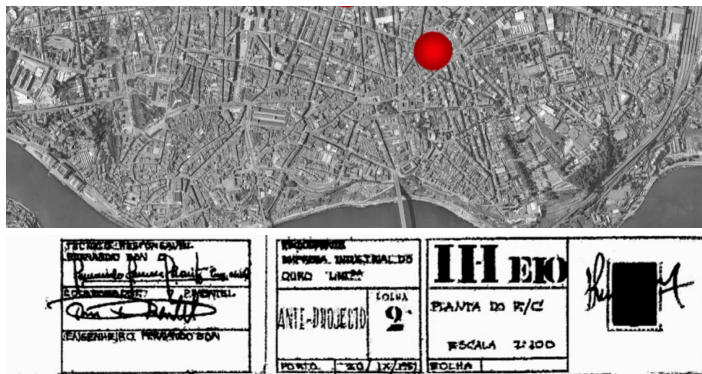
FO.1 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR: 1948-1952

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	765/50
Localização	Rua Marechal Saldanha - Porto
Cliente	Associação dos Socorros Mútuos - “A Previdente”
Licenciamento	» Entrada do processo: 23 Junho 1949 » Requerimento » Memória descritiva » Planta topográfica (10-12-1948) » Planta cave; R/Chão; Cobertura » Corte AB e CD » Alçado poente; norte; nascente
Aditamentos	» Aditamento 1: 21 Setembro 1949 (alteração da passagem e fachadas) » Aditamento 2: 30 Dezembro 1949 (peças escritas e gráficas, alteração pé direito na cave e sótão) » Aditamento 3: 13 Fevereiro 1950 (peças escritas e gráficas, 8 lares passa a 12) » Aditamento 4: 3 Abril 1950 (planta topográfica) » Aditamento 5: 19 Abril 1950 (peças escritas e gráficas, alteração da dim. escadas, garagens anexas sobre o solo) » Aditamento 6: 24 Maio 1950 (abertura de caboucos) » Aditamento 7: 15 Julho 1950 (cálculos betão armado) » Aditamento 8: 11 Agosto 1950 (prorr. prazo abert. caboucos) » Aditamento 9: 26 Agosto 1950 (águas e saneamento) aditamento 10: 23 Outubro 1950 (prorr. prazo trabalhos) » Aditamento 11: 5 Junho 1951 (verif. implantação) » Aditamento 12: 22 Novembro 1951 (atest. habitabilidade)
Autoria	Rui Pimentel e Ricardo Gil da Costa
Técnico Responsável	Engº António Augusto dos Santos Soares
Técnico de Estruturas	Engº António Augusto dos Santos Soares
Alvará de Construção	21/1952
Alvará de Ocupação de Edifício	



F.O.2 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR, COMÉRCIO E SERVIÇOS: 1950-1955

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	568/52
Localização	Rua Fernandes Tomás Porto, n.º47 a 107 Porto
Cliente	Empresa Industrial do Ouro
Licenciamento	» Entrada do processo como ante-projecto: 24 Setembro 1951 » Termo responsabilidade » Memória descritiva » Fotografias do lote com proposta » Planta topográfica » Plantas » Alçados » Cortes
Aditamentos	» Aditamento 1: 16 Outubro 1951 » Aditamento 2: 12 Novembro 1951 » Aditamento 3: 13 Novembro 1951 » Aditamento 4: 30 Maio 1952 (projecto) » Aditamento 5: 7 Julho 1954 » Aditamento 6: 28 Janeiro 1955
Autoria Co-autoria	Mário Bonito Rui Pimentel
Técnico Responsável	Engenheiro Fernando Ferreira Bonito
Técnico de Estruturas	Engenheiro Fernando Ferreira Bonito
Alvará de Construção	25 Setembro 1952
Alvará de Ocupação de Edifício	Março 1955



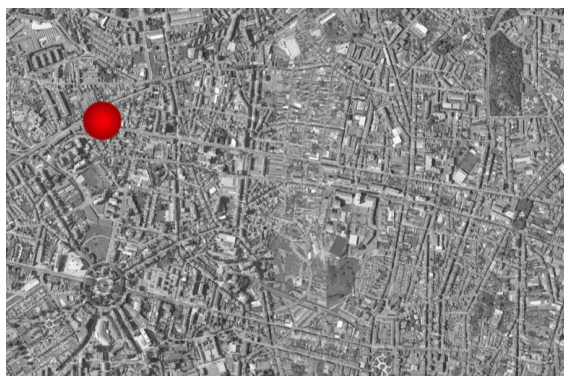
FO.3 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR IHAP: 1954-1957

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	602/55
Localização	Rua dos Bragas n. 66, 68 Porto
Cliente	Associação dos Socorros Mútuos - "A Previdente"
Licenciamento	» Entrada do processo: 20 Janeiro 1954 » Requerimento » Téc. Responsável: Eng. António Augusto dos Santos Soares » Memória descritiva » Foto com perspectiva » Planta topográfica » Planta R/Chão; Tipo; Terraço » Alçado Norte; Alçado Sul » Corte AB; Corte CD
Aditamentos	» Aditamento 1: 29 Setembro 1954 (planta topográfica) » Aditamento 2: 18 Outubro 1954 (peças escritas) » Aditamento 3: 5 Março 1955 (delegação de saúde, alteração dos desenhos da zona de secagem da roupa e escadas) » Aditamento 4: 24 Maio 1955 (del. de saúde, caixas visita) » Aditamento 5: 2 Julho 1955 (del. de saúde, p. desenhadas) » Aditamento 6: 4 Julho 1955 (caboucos) » Aditamento 7: 15 Agosto 1955 (cálculos betão armado) » Aditamento 8: 1 Setembro 1955 (ocupação passeio) » Aditamento 9: 23 Março 1957 (suspender demolição) » Aditamento 10: 12 Outubro 1956 (nível de soleiras)
Autoria	Rui Pimentel
Técnico Responsável	Engº António Augusto dos Santos Soares
Técnico de Estruturas	Engº António Augusto dos Santos Soares
Alvará de Construção	
Alvará de Ocupação de Edifício	27 Julho 1957



F.O.4 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR: 1954-1956

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	591/54
Localização	Rua da Constituição n.º 2622 e 2624 - Porto
Cliente	Sociedade Cooperativa “A Casa Lusitana”
Licenciamento	» Entrada do processo: 19 Abril 1954 » Requerimento » Memória descritiva » Foto perspectiva » Planta topográfica » Planta cave; r-chão; andar; planta geral » Alçado sul; nascente; norte » Corte longitudinal
Aditamentos	» Aditamento 1: 11 Maio 1954 (alterações peças desenhadas) » Aditamento 2: 30 Julho 1954 (delegação de saúde) » Aditamento 3: 13 Agosto 1954 (delegação de saúde) » aditamento 4: 3 Setembro 1954 (delegação de saúde) » Aditamento 5: 21 Setembro 1954 (cálculos betão armado) » Aditamento 6: 21 Outubro 1954 (cópias heliograficas)
Autoria	Rui Pimentel
Técnico Responsável	Engº António Augusto dos Santos Soares
Técnico de Estruturas	Engº António Augusto dos Santos Soares
Alvará de Construção	59/1954
Alvará de Ocupação de Edifício	5 Maio 1956



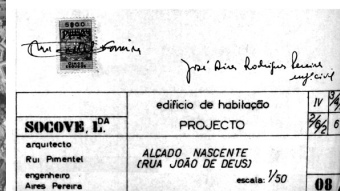
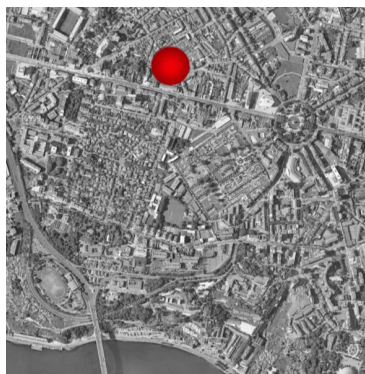
F.O.5 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR: 1956 - 1960

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	200/57
Localização	Rua da Firmeza n.º384, 388, C394 - Porto
Cliente	Abílio de Passos Ângelo
Licenciamento	» Entrada do processo: 22 Dezembro 1956 » Requerimento » Memória descritiva » Foto local » Planta topográfica » Planta r-chão; andar; terraço » Corte CD e EF » Alçado principal e alçado posterior
Aditamentos	» Aditamento 1: 12 Março 1957 (saneamento) » Aditamento 2: 18 Março 1957 (cálculos betão armado) » Aditamento 3: 5 Julho 1957 (início obras) » Aditamento 4: 7 Setembro 1957 (vizinho) » Aditamento 5: 16 Setembro 1957 (demolição muro fronteiro) » Aditamento 6: 8 Novembro 1957 (águas e saneamento) » Aditamento 7: 11 Novembro 1957 (prorrogação prazo obras) » Aditamento 8: 20 Novembro 1957 (águas e saneamento) » Aditamento 9: 20 Novembro 1957 (apelo à não demolição) » Aditamento 10: 2 Dezembro 1957 (apelo à não demolição) » Aditamento 11: 12 Dezembro 1957 (aumento profundidade) » Aditamento 12: 13 Dezembro 1957 (prorrogação licença) » Aditamento 13: 17 Maio 1958 (ocupação passeios) » Aditamento 14: 16 Julho 1958 (colocação andaimes) » Aditamento 15: 1 Agosto 1958 (prorrogação prazo) » Aditamento 16: 14 Outubro 1958 (ocupação tapumes) » Aditamento 17: 29 Agosto 1958 (alinhamento soleiras) » Aditamento 18: 23 Setembro 1959 (vistoria) » Aditamento 19: 7 Julho 1960 (peças escritas e gráficas com demolição muro, janelas)
Autoria	Rui Pimentel e António Duarte da Cruz
Técnico Responsável	Engº Manuel Eduardo Coimbra de Sousa
Técnico de Estruturas	Engº Manuel Eduardo Coimbra de Sousa
Alvará de Construção	851/1957
Alvará de Ocupação de Edifício	1 Dezembro 1960



F.O.6 EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR “CODA”: 1962-1965

Arquivo	Câmara Municipal do Porto - Arquivo Geral
Licença	699/63
Localização	Rua João de Deus n.º 169 e 175 - Porto
Cliente	Sacove - Sociedade de Construções e Vendas Lda
Licenciamento	» Entrada do processo como ante-projecto: 23 Junho 1962 » Termo responsabilidade » Memória descritiva » Planta topográfica » Planta r-chão; 1º piso; planta tipo 2º, 3º, 4º, 5º e planta 6º e 7º pisos » Corte AB e CD » Alçado nascente e alçado poente
Aditamentos	» aditamento 1: 13 Junho 1962 (fotos do local) » aditamento 2: 1 Setembro 1962 (perspectiva da cobertura e alteração da entrada) » aditamento 3: 31 Outubro 1962 (alteração peças escritas e desenhadas - subtração de 1 piso, alteração cobertura e arrumos) » aditamento 4: 12 Dezembro 1962 (prosseguimento para projecto) » aditamento 5: 6 Maio 1963 (licença de caboucos) » aditamento 6: 19 Junho 1963 (águas pluviais) » aditamento 7: 26 Junho 1963 (águas pluviais) » aditamento 8: 24 Agosto 1963 (delegação de saúde) » aditamento 9: 11 Setembro 1963 (fiscalização) » aditamento 10: 30 Setembro 1963 (betão armado) » aditamento 11: 6 Maio 1963 (licença de caboucos) » aditamento 12: 12 Outubro 1963 (telas finais) » aditamento 13: 17 Novembro 1964 (prorrogação prazo de construção) » aditamento 14: 21 Abril 1965 (alterações peças escritas de desenhadas - portas, etc) » aditamento 15: 10 Maio 1965 (alteração escadas) » aditamento 16: 19 Julho 1965 (prorrogação prazo) » aditamento 17: 29 Julho 1965 (implantação 5 m do passeio) » aditamento 18: 29 Abril 1965 (planta topográfica) » aditamento 19: 10 Setembro 1965 (propriedade horizontal) » aditamento 20: 10 Outubro 1965 (indicação dos logradouros)
Autoria	Rui Pimentel
Técnico Responsável	Engº José Aires Rodrigues Pereira
Técnico de Estruturas	Engº José Aires Rodrigues Pereira
Alvará de Construção	.../1965
Alvará de Ocupação de Edifício	30 Dezembro 1965



Um caminho moderno

O estudo do percurso e da obra de Rui Pimentel, expressa um processo motivado por circunstâncias de ordem cultural e política, e demonstra o interesse e envolvimento de esforço individual, mas sobretudo de esforço colectivo, na cooperação em grupos e iniciativas. A clarividência do seu testemunho, denota um processo consciente e informado do panorama da arquitectura internacional face à anacrónica conjuntura da sociedade portuguesa.

Esta investigação, destaca o período específico dos anos 50 e interpreta o contributo de Rui Pimentel para a arquitectura portuguesa, assente no *caminho moderno* de forma a compreender o seu enquadramento, formação e prática profissional, como também o significado da sua participação cívica assentes no debate sobre a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade progressista e igualitária.

O seu percurso confere uma coerência cultural e ideológica que permite identificar e caracterizar os objectivos da sua formação na EBAP/ESBAP, *assente no ensino*

moderno da actividade pedagógica de Carlos Ramos. A sua *pedagogia moderna*, de carácter multidisciplinar, estimula a participação em diversas áreas artísticas e sociais, com destaque para as exposições de desenho, pintura e escultura, *Exposições Magnas e Exposições Extra escolares dos alunos da ESBAP*, congressos e iniciativas cívicas (Congresso de 1948, CIAM, U.I.A. e o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*), como também trabalho em colaboração e co-autorias. O contributo da pedagogia de Carlos Ramos, e os valores de uma cultura humanista, assentam no conceito colectivo sobre o individual e atribuem princípios importantes para melhor compreensão da formação de Rui Pimentel, através da convergência da actividade pedagógica com a actividade profissional.

*“O que acontece é que na história da Escola de Arquitectura do Porto, depois de passado o período das Beaux Arts, a chegada de Carlos Ramos introduz uma aproximação ao modelo rigoroso da Bauhaus. Ele tinha admiração por Walter Gropius, a vontade de ensinar uma arquitectura de rigor. Isso introduziu na Escola do Porto uma aproximação ao Movimento Moderno.”*¹⁶⁹

A análise do contexto político-social em Portugal, entre os anos 40 e 60 do século XX, traduz uma época austera sob o regime salazarista, que mesmo após a Segunda Guerra Mundial, *orgulhosamente só* prossegue com a sua política fascizante, sem estímulo por um país culto e vanguardista. Tempos onde a arquitectura servia para espelhar o poder do Estado Novo, contrário aos princípios modernos, onde a arquitectura deve interessar e servir fundamentalmente as pessoas.

*“Com a sua proposta unitária, a única que poderia responder aos desafios da vida moderna, o Movimento Moderno pretendeu fazer crer o início de um novo tempo, tornado também sinónimo do fim dos estilos.”*¹⁷⁰

A importância de compreender como a arquitectura respondeu às necessidades numa atmosfera socio-cultural anacrónica, propondo novas formas estimuladas pelas novas tecnologias e materiais, manifesta a pertinência do papel da terceira geração dos arquitectos modernos, comprometidos na condição da arquitectura como expressão e sentido do comum. Geração que ocupou um importante lugar na sociedade, através da responsabilidade de transformar e construir um *mundo melhor* assente numa metodologia

169 TAVARES, Domingos. *A arquitectura da Escola do Porto nunca seguiu ao sabor das modas* in jornal O Público. 26 de Fevereiro de 2018

170 TOSTÕES, Ana. À procura da modernidade do “nosso tempo”, in *A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*, ed.: FAUP Publicações, Porto. 2015

de intervenção. Para compreender o percurso de Rui Pimentel tornou-se imperativo analisar as características da sua geração, que no final dos anos 40 se afirmavam com uma prática profissional consciente da circunstância nacional, e na década seguinte apresentaram obra arquitectónica determinada em transmitir e divulgar a arquitectura moderna.

Tornou-se fulcral compreender como o Congresso de 1948, marcou a história da arquitectura portuguesa e a geração dos arquitectos da época, face aos problemas imergentes da habitação, segundo propostas e medidas de carácter económico e político. As comunicações dos arquitectos intervenientes no Congresso, deixaram claro a sua posição e convicção, plenamente conscientes da assimetria socio-cultural com o contexto internacional. Salientando as palavras proferidas por Pardal Monteiro: “*os arquitectos acabam de viver um período excepcionalmente favorável para tentarem corrigir certas noções falsas sobre a Arquitectura*”; por Cottinelli Telmo: “*O portuguesismo da nossa obra de Arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos do passado*”; Mário Bonito, após elucidar as lições da história, refere que um “*momento histórico caracterizou um estilo*”, e explica que a solução dos problemas abrangidos por *Regionalismo e Tradição* passa por adoptar: “*uma linguagem complexa: técnica, economia, política e filosófica*” e actualizar o tempo “*fazendo a aplicação das novas técnicas e novas formas*”; por Arménio Losa: “*os planos (...) devem materializa-se em realizações conformes com as exigências da vida que vivemos. E devem libertar a Arquitectura dos condicionamentos a que tem estado sujeita (...) deverão ser analisados os novos conceitos de Urbanismo (...)*”; e especificamente para a cidade do Porto, Alfredo Viana de Lima deixou a sua proposta, que: “*as ilhas insalubres (...) sejam substituídas por Unidades de Habitação (...) e que sejam seguidos e adoptados os princípios orientadores expressos na Carta de Atenas*”.¹⁷¹

Rui Pimentel, interpretou a sua actividade profissional e artística como um meio de responsabilidade cívica, assente no debate sobre o problema da habitação e a condição da arquitectura moderna como caminho preferencial para a construção de uma sociedade evoluída, progressista e igualitária. Na Pintura, revela ser atento às questões políticas e aos problemas sociais, como voz activa na consciencialização de uma sociedade culturalmente fragilizada. O seu artigo intitulado *Escala Humana*, demonstra como interpreta o papel da arte aliado às necessidades inerentes directamente ao homem como portador da unidade dessa escala.

171 1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso, coord. Ana Tostões, ed.: Ordem dos arquitectos, Lisboa. 2008

*“Escala humana – lugar geométrico de todos os estudos, pesquisas e criações; fulcro de toda a actividade humana. (...) Arte é o processo de actuação emocional através da escala humana. Actuação emocional, depende do tempo e das condições estritamente humanas.”*¹⁷²

Na arquitectura, acompanha e participa em reuniões, debates e iniciativas, relevantes para a divulgação da *Arquitectura Moderna* enquanto espaços fundamentais de formação cívica, com destaque para a sua participação activa no grupo ODAM e a 1ª Exposição do grupo ODAM, em 1952 no Ateneu Comercial do Porto, e mais tarde no *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa* (1955-1960), onde contribui com o seu conhecimento técnico, acompanhando Fernando Távora e António Meneres à Zona 1 (Minho, Douro Litoral e Beira Litoral), explorando a dimensão humanista e social da arquitectura, reconhecendo a condição do habitat pelos seus costumes e tradições, como testemunho privilegiado das novas formas do habitar.

O *Inquérito* ocorre após vários debates sobre a consciencialização dos problemas da habitação nacional, marcando a história da arquitectura portuguesa numa época onde urgia a procura por uma arquitectura autêntica assente na coerência entre inovação e tradição, tentando criar um vocabulário moderno e actual não esquecendo o significado da tradição. Em “*Uma Iniciativa Necessária*”, compreende-se o contributo significativo de Keil do Amaral em organizar e incentivar, arquitectos e o Ministério das Obras Públicas, em realizar um exaustivo e pertinente levantamento de todo o território português em contraponto à *falsa mentira da casa portuguesa*.

Os projectos realizados por Rui Pimentel nos anos 50, na cidade do Porto, apresentam uma abordagem conceptual que afirma e reforça o seu rigor de desenho a partir de uma leitura das condicionantes e contexto da encomenda. Evoca um vocabulário de sintaxe moderna, através do uso do desenho racional, composição geométrica, traçados reguladores e métrica conceptual, fundamentada na depuração formal de Le Corbusier. A análise das suas obras demonstram também um discurso contínuo na linguagem arquitectónica abordada, definido por composições assimétricas e ritmadas, inspiradas pelo neoplasticismo, reforçando os seus princípios de desenho assentes no valor plástico e cromático dos materiais. Recorre correntemente à geometria como uma necessidade de ordem compositiva, na procura de proporções e medidas que expressem o sentido de harmonia.

172 ArCo. *Escala humana*, in A Tarde, Supl. Arte. No 1. Porto: Tipografia do Jornal de Notícias, 09 de junho de 1945. p 3 e 6.

*“A geometria é a linguagem do homem...ele descobriu o ritmo, os ritmos aparentes aos olhos e os espaços em suas relações mútuas, e estes ritmos e espaços são as verdadeiras essências das actividades humanas. Eles ressoam no homem por uma inevitável orgânica, a mesma inevitabilidade que ocasiona o traçado a secção áurea pelos jovens, velhos, selvagens e instruídos.”*¹⁷³

173 LE CORBUSIER. Por uma arquitectura, tradução Ubirajara Rebouças, ed.: Perspectiva, São Paulo. 1998

Referências bibliográficas

1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso, coord. Ana Tostões, edição Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2008

1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva: teses conclusões e votos, edição Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa. 1948

ALMEIDA, Pedro Vieira de. *A Arquitectura da arte em Portugal, A arquitectura moderna*, edição Alfa, Lisboa. 1993

ALMEIDA, Pedro Vieira de. *Carlos Ramos – uma estratégia de intervenção*, in *Carlos Ramos – exposição retrospectiva da sua obra*, edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

ALVES COSTA, Alexandre, *Textos Datados*. Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra. 2007

ALVES COSTA, Alexandre. *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa*, edição FAUP Publicações, Porto. 1995

Antigos Estudantes ilustres da Universidade do Porto, Memória Universidade do Porto, Universidade Digital / Gestão de Informação, 2009. in WWW.sigarra.up.pt

ArCo. Escala humana, in *A Tarde*, Supl. Arte. No 1. Porto: Tipografia do Jornal de Notícias, 09 de junho de 1945. p 3 e 6, consultado no arquivo de leitura reservada da Biblioteca Municipal do Porto

Arquitectura do movimento moderno: inventário Docomomo Ibérico 1925-1965, edição Xavier Costa, Susana Landrove, Barcelona. 1997 ^[L]_{SEP}

Arquitectura e Industria Modernas 1900-1965: actas Segundo Seminário Docomomo Ibérico, edição Docomomo Ibérico, Sevilha. 1999

Arquitectura popular em Portugal, 2.º vol, ed.: Sindicato nacional dos arquitectos, Lisboa. 1961

Arquitectura popular em Portugal, 2ª.ed.: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1980

Arquitectura Popular em Portugal, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988

Arquitectura Popular em Portugal, edição Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988

Arquitectura. nº 64 (Janeiro-Fevereiro de 1959), edição Arq. Rui Mendes Paula, Lisboa. 1959

Artur Vieira de Andrade, percurso pela obra construída, in Revista A obra nasce 07, Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Fernando Pessoa, Porto. Setembro de 2010

BÁRTOLO, José. *Colecção Architectos Portugueses: Cassiano Branco*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried, *Portugal: arquitectura do século XX*, edição Prestel, Munchen. 1997

BENEVOLO, Leonardo, *Historia de la Arquitectura Moderna*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona. 1999

BOTELHO, Manuel, *A ética da estética e a estética da ética*, in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, No 0. Outubro de 1987

Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942, edição Philip L. Goodwin, The Museum of Modern Art, New York. 1944

CASAL RIBEIRO, Helder. *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60*. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012

CASTRO, Carmen. *Colecção Architectos Portugueses: Viana de Lima*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011

Catálogo II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Ministério da Educação, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Outubro 1953

Catálogo III Exposição extra-escolar dos Alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Porto, Junho 1961; Lisboa, Julho 1961; Coimbra, Novembro 1961

Catálogo V Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Ministério da Educação, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Outubro 1956

Catálogo *VIII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, Dezembro 1959

COELHO, Fátima. *Exposição Bibliográfica Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral, 1910-1975*, Seleção das obras existentes no acervo documental da Biblioteca da Secção Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2010

CORREIA, Nuno. *O início da 3.ª série da revista arquitectura em 1957 a influência das leituras de casabella continuità e architectural review*, in *Revista de História da Arte*, n.º 10. 2012

COSTA, Alexandre Alves, *Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa*, in *Vértice*. No 19. Outubro 1989

Desenho de Arquitectura – Património da ESBAP e da FAUP, Catálogo da Exposição integrada nas Comemorações do 75o Aniversário da Universidade do Porto, Maio 1987

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos, *Os CODA da EBAP nos anos 40: das linguagens do Estado Novo à emergência de uma consciência moderna*, edição Tenacitas. 2016

FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003

FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Edição FAUP Publicações, Porto. 1999

FERNANDES, José Manuel. *Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo*, edição IPPAR, Lisboa. 2003

FERNANDEZ, Sérgio. *Percursos: arquitectura portuguesa: 1930-1974*, edição FAUP Publicações, Porto. 1988

Fernando Távora: *modernidade permanente = permanent modernity*, ed. José António Bandeirinha; trad. Jane Considine, edição Associação Casa da Arquitectura, Matosinhos. 2012

FILGUEIRAS, Lixa Octávio. *Da Função Social do Arquitecto, Para uma Teoria da Responsabilidade numa Época de Encruzilhada*, edição do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P, Porto. 1985

FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *A Escola do Porto (1940/69), Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra*, edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 1986

FRAMPTON, Kenneth. *Historia critica de la arquitectura moderna*, tradução Jorge Sainz, edição Gustavo Gil, Barcelona. 2002

FRANÇA, José Augusto. *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes, edição Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto.

História da Arte em Portugal, a arquitectura moderna, edição Alfa, Lisboa. 1993

Informar a modernidade: arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses, edição FAUP Publicações, Porto. 2001

Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal: IAPXX, edição João Afonso, Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 2006

l'Architecture d'Aujourd'hui - Portugal No. 185, ed.: l'Architecture d'Aujourd'hui, Paris. 1976

Le Corbusier, L'unité d'habitation de Marseille, ed.: Le Point, Mulhouse 1950

LINO, Raul. *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*, ed.: Valentim de Carvalho, Lisboa. 1933

MAGRI, Lucio; TAVARES, José Luís. *Colecção Arquitectos Portugueses: Arménio Losa Cassiano Barbosa*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011

MENDES, Manuel. *Os anos 50, Entre a autonomia criativa do “novo” e a crítica do espaço indiferenciado, ao modelo transferível – os compromissos realistas do “estilo internacional* in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, No 0. Outubro de 1987

MESQUITA, Mário João. *António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa*, edições FAUP Publicações, Porto. 2006

MONIZ, Gonçalo Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Dissertação de doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Julho 2011

MONIZ, Gonçalo; MOTA, Nelson. *De Alberti aos CIAM: em Direção a uma Abordagem humanista do ensino da Arquitetura e do habitat*, Imprensa do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 2017

MOTA, Nelson. *Ambivalência e Paradoxo: O Elogio do Mundo Rural no CIAM 10 in Quando o mito da intocável Virgem Branca se desfez. A Arquitectura Vernácula e a emergência de um outro Moderno em Portugal*, Revista Vitruvius, Arquitectos. Junho 2012

MOURA, Eduardo Souto. in Jornal O Público, Publicado a 4 de Setembro de 2005

Organização dos Arquitectos Modernos: Porto 1947-1952, compilação Cassiano Barbosa; desenhos de João Abel, edição Asa, Porto. 1972

PORTAS, Nuno, *Carlos Ramos (1897), Walter Gropius (1883) – In memoriam*, in rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Nº 0, Outubro de 1987, texto publicado no Diário de Lisboa, 17 Julho 1969

PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para Hoje seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal*, edição Livros Horizonte, Lisboa. 2008

PORTAS, Nuno. *A evolução da arquitectura moderna em Portugal*, in ZEVI, Bruno, *História de Arquitectura Moderna*, edição Arcádia, Lisboa 1973

PORTAS, Nuno. *A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal*, in *Arquitectura*. No 66. Novembro e Dezembro 1959

PORTAS, Nuno. *Arquitectura(s): História e crítica, ensaio e profissão*, edição FAUP Publicações, Porto. 2005

rA: Revista de Arquitectura, Publicação trimestral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. No 0. Outubro de 1987

RODRIGUES, José Miguel Neto Viana Brás. *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa: dois exemplos*, edição afrontamento, Porto. 2013

ROSA, Edite Maria Figueiredo, *ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*, Dissertação de Doutoramento, Escola técnica superior de arquitectura, Barcelona. 2005

SANTOS, Joana. *Colecção Arquitectos Portugueses: Raul Lino*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*, edições FAUP, Porto. 1996

TÁVORA, Fernando. *O problema da Casa Portuguesa*, edição Editorial Organizações, Colecção Cadernos de Arquitectura, Lisboa. 1947

TENREIRO, José Pedro de Galhano. *O grupo ODA: organização dos arquitectos modernos: a construção do racionalismo portuense*. Dissertação de Doutoramento, FAUP. 2012

TOSTÕES, Ana. *A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*, edição FAUP Publicações, Porto. 2015

TOSTÕES, Ana. *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920 – 1970*, edições Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa. 2003

TOSTÕES, Ana. *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, Dissertação para Doutoramento do Instituto Superior Técnico /UTL, Lisboa. 2002

TOSTÕES, Ana. *Francisco Keil do Amaral, 1910-1975*, edição Verso da História, Vila do Conde. 2013

TOSTÕES, Ana. *Habitar, pensar, investigar, fazer*, edições CEU, Lisboa. 2013

TOSTÕES, Ana. *Keil do Amaral o arquitecto e o humanista*, Catálogo de uma exposição, edição Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa. 1999

TOSTÕES, Ana. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Baseado na dissertação de mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1994, edições FAUP Publicações, Porto 1994

VIEIRA, Álvaro Siza. *O 25 de Abril e a Transformação da Cidade*, Porto 7 de Dezembro de 1984, [1] publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais n.º 18/19/20, Fevereiro 1985

ZEVI, Bruno, *História da arquitectura moderna*, prefácio e estudo de Nuno Portas, edições Arcádia, Lisboa. 1973

Fontes primárias

Arquivo do Serviço de Documentação e Informação FBAUP

Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto

Arquivo Histórico Municipal da Cada do Infante, Câmara Municipal do Porto

Arquivo Leitura Reservada da Biblioteca Municipal do Porto

Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura, FAUP/CDUA

Websites consultados

COSTA, Ricardo Lemos Gil da. Bloco de habitações, Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUPFAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983] <http://hdl.handle.net/10405/48329>

FRANÇA, José Augusto, in Exposição Um grande comício sem palavras, Catálogo a partir da II Exposição Geral das Artes Plásticas de 1947, decorrente de 30 de Setembro de 2017 a 16 de Abril de 2018, publicado no Diário da Manhã de 9 de Maio de 1947. <www.centromariodionisio.org>

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos, A escolha do Porto : contributos para a actualização de uma ideia de escola, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Fev 2011. <<http://hdl.handle.net/1822/12009>>

FERREIRA, Rui Pimentel. Imóvel de habitação na rua João de Deus, Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUPFAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983] <<http://hdl.handle.net/10405/48235>>

Restos de Colecção, Sociedade Nacional de Belas-Artes. <<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/12/sociedade-nacional-de-belas-artes.html>>

<https://www.moma.org/collection/works>

MOTA, Nelson. Ambivalência e Paradoxo: O Elogio do Mundo Rural no CIAM 10 in Quando o mito da intocável Virgem Branca se desfez. A Arquitectura Vernácula e a emergência de um outro Moderno em Portugal, Junho 2012. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4382>>

TÁVORA, Fernando. Uma Casa sobre o mar, Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUPFAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]. <<http://hdl.handle.net/10405/48371>>

Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto:

Agostinho Ricca, 1915-2010

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004217>

Arménio Losa, 1908-1988

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005979>

Artur de Andrade, 1913-2005

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001165>

Celestino de Castro, 1920-2007

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005973>

Fernando Lanhas, 1923-2012

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=2448>

Fernando Távora, 1923-2005

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000721>

Januário Godinho, 1910-1990

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005703>

Mário Bonito, 1921-1976

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005957>

Octávio Lixa Filgueiras, 1922-1996

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001357>

Rui Pimentel, 1924-2005

<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004309>

Índice de imagens

- Fig.1 Pardal Monteiro, Instituto Superior Técnico 1927
Fonte: *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto 1999. p75
- Fig.2 Carlos Ramos, Pavilhão da Rádio do Instituto de Oncologia 1927-29
Fonte: *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto 1999. p 80
- Fig.3 Rogério de Azevedo, Garagem Jornal O Comércio do Porto 1928
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.4 Januário Godinho, Armazéns Frigoríficos da Lota de Massarelos 1932
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.5 Manuel Marques e Amoroso Lopes, Farmácia Vitália 1933
Fonte: *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto 1999. p 367
- Fig.6 Cassiano Branco, Coliseu do Porto 1939
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016

- Fig.7 Marques da Silva e Jacques Gréber, Casa Serralves 1931
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.8 Viana de Lima, Casa Honório de Lima 1939-43
Fonte: CASTRO, Carmen. *Colecção Arquitectos Portugueses: Viana de Lima*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011. p 27
- Fig.9 Cartazes da *Exposição do Mundo Português* em 1940
Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search/label/Expo%20do%20Mundo%20Portugu%C3%AAs>
- Fig.10 António Lino, Pavilhão das diversões Náuticas 1940
Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search/label/Expo%20do%20Mundo%20Portugu%C3%AAs>
- Fig.11 Fernando Lanhas, Cais 1945
Fonte: *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto 1999. p 157
- Fig.12 Le Corbusier, Unidade Habitacional de Marselha 1947-53
Fonte: *Le Corbusier; L'unité d'habitation de Marseille*, ed.: Le Point, Mulhouse 1950
- Fig.13 *Objectivos O.D.A.M.* 1947
Fonte: *ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos : Porto 1947-1952*, compil. Cassiano Barbosa; desenhos de João Abel, ed.: Fundação Calouste Gulbenkian, Porto. 1972. p 19
- Fig.14 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Lisboa 1948
Fonte: <http://arquivoatom.up.pt/index.php/primeiro-congresso-dos-arquitectos-portugueses>
- Fig.15 *Regionalismo e Tradição*, Mário Bonito 1948
Fonte: *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva: teses conclusões e votos*, ed.: Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa. 1948 p 42
- Fig.16 Raul Lino, Casa da Quinta da Comenda, Setúbal 1909
Fonte: SANTOS, Joana. *Colecção Arquitectos Portugueses: Raul Lino*, ed.: Quidnovi autores, Vila do Conde. 2011
- Fig.17 Mário Bonito e Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, comércio e serviços, da *Empresa Industrial do Ouro*, rua Fernandes Tomás 1951-55
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.18 Artur de Andrade, Cinema da Batalha, Praça da Batalha 1944-46
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.19 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Bloco de hab. colectiva, rua da Constituição 1949
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003. p 93
- Fig.20 Alfredo Viana de Lima, Bloco do Gaveto, rua Guilherme da Costa Carvalho e rua do Bonjardim 1955
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016

- Fig.21 Viana de Lima, Casa Joaquim Malheiro, rua Carlos Malheiro 1942
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003. p81
- Fig.22 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Casa Mário Amaral, rua Latino Coelho 1953
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003. p117
- Fig.23 *Moinho de linho em Parafita, Penafiel, Zona 1. Inquérito 1955-60*
Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988
- Fig.24 *Um dos núcleos de povoação em Pitões das Júnias, Zona 2. Inquérito 1955-60*
Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988
- Fig.25 *Habitação Paúl, Zona 3. Inquérito 1955-60*
Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988
- Fig.26 Capa revista *Arquitectura* nº 64, Janeiro-Fevereiro 1959
Fonte: *Arquitectura*. Lisboa, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mentès
- Fig.27 Excerto da revista *l'Architecture d'Aujourd'hui - Portugal* nº 185, 1976
Fonte: *l'Architecture d'Aujourd'hui - Portugal No. 185*, ed.: l'Architecture d'Aujourd'hui, Paris. 1976
- Fig.28 Ilha na rua de São Victor 1900
Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/46386/>
- Fig.29 Álvaro Siza Vieira, Bairro da Bouça, SAAL 1973-77
Fonte: <https://www.moma.org/collection/works>
- Fig.30 Álvaro Siza Vieira, Bairro de São Victor, SAAL 1974-77
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.31 Rui Pimentel com o grupo da *Exposição Independente*, Coliseu do Porto 1944
Fonte: *O mundo do universo / Fernando Lanhas*, ed.: Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto. 2005
- Fig.32 Rui Pimentel, *Cefeira* 1945, óleo sobre madeira, 84 x 68 cm
Fonte: <http://doportoenaoso.blogspot.com/2010/08/o-porto-onde-nasci-e-cresci1.html>
- Fig.33 Excerto do suplemento *Arte* do Jornal *A Tarde*, *Escala Humana* p.3 e 6, Rui Pimentel 9 de Junho de 1945
Fonte: ArCo. *Escala humana*, in *A Tarde*, Supl. Arte. No 1. Porto: Tipografia do Jornal de Notícias, 09 de junho de 1945. p 3 e 6, consultado no arquivo de leitura reservada da Biblioteca Municipal do Porto
- Fig.34 *Exposição Geral das Artes Plásticas*, Lisboa 1947
Fonte: *Exposição Um grande comício sem palavras*, Catálogo a partir da II Exposição Geral das Artes Plásticas de 1947, decorrente de 30 de Setembro de 2017 a 16 de Abril de 2018, www.centromariodionisio.org, publicado no Diário da Manhã de 9 de Maio de 1947

- Fig.35 S/título, óleo sobre tela 95,5 x 82 cm, Rui Pimentel (não datado)
Fonte: *Panorama arte portuguesa no século XX*, coordenação de Fernando Pernes. Ed.: Campo das Letras, Fundação Serralves, Porto 1999. p 153
- Fig.36 Cotinelli Telmo, Padrão dos Descobrimentos, Lisboa 1940
Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/search/label/Expo%20do%20Mundo%20Portugu%C3%AAs>
- Fig.37 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Bloco da Carvalhosa, rua da Boavista 1947-49
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.38 Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Edifício DWK, rua Sá da Bandeira 1947-53
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.39 *O Problema da Casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura por Fernando Távora, ed. 1947
Fonte: TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa*, ed.: Manuel João Leal, Lisboa. 1947
- Fig.40 *Casas Portuguesas*, Raul Lino, ed. 1933
Fonte: LINO, Raul. *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*, ed.: Valentim de Carvalho, Lisboa. 1933
- Fig.41 *1ª Exposição do Grupo ODAM*, Ateneu Comercial do Porto, 1952
Fonte: ROSA, Edite Maria Figueiredo. *ODAM : valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Dissertação de Doutoramento, Escuela tecnica superior de arquitectura, Barcelona. 2005
- Fig.42 *1º Congresso Nacional de Arquitectura*, Maio/Junho de 1948
Fonte: *1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso*, coord. Ana Tostões, ed.: Ordem dos arquitectos, Lisboa. 2008
- Fig.43 CODA: *Pavilhão das Ilhas Adjacentes*, Mário Bonito 1948
Fonte: Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUP FAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]: Mário Bonito
- Fig.44 Viana de Lima, casa Aristides Ribeiro, rua Vitorino Damásio 1949-51
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003
- Fig.45 Celestino de Castro, habitação unifamiliar na rua do Amial, 1949-53
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003
- Fig.46 Mário Bonito, bairro *O Lar Familiar*, rua Ciríaco Cardoso e Trv^a de Cima 1950-62
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.47 Rui Pimentel e Ricardo Gil da Costa, edifício de habitação plurifamiliar, rua do Malaca do Marechal Saldanha 1948-52
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.48 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Paineis 1 apresentado no CIAM X, 1956
Fonte: *Arquitectura*. Lisboa, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mendes Paula. p. 21-27

- Fig.49 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painel 2 apresentado no CIAM X, 1956
Fonte: *Arquitectura*. Lisboa, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mentes Paula. p. 21-27
- Fig.50 CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painel 3 apresentado no CIAM X, 1956
Fonte: *Arquitectura*. Lisboa, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Ed.: Arq. Rui Mentes Paula. p. 21-27
- Fig.51 Planta e alçado, projecto de grande composição: *Um Club Náutico*, Rui Pimentel, ESBAP, Julho 1952
Fonte: Rui Pimentel, *Um Club náutico*, Julho 1952, Projectos de Grande Composição, ESBAP, 1951-52, Professor Carlos Ramos e Assistente Mário Bonito. Arquivo CDUA-FAUP, Rui Pimentel
- Fig.52 Planta, projecto de grande composição: *Um Centro Cultural*, Rui Pimentel, ESBAP, Dezembro 1952
Fonte: Rui Pimentel, *Um Centro Cultural*, Dezembro 1952, Projectos de Grande Composição, ESBAP, 1952-53, Professor Carlos Ramos e Assistente Mário Bonito. Arquivo CDUA-FAUP, Rui Pimentel, in RIBEIRO CASAL, Hélder. A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito: um processo de desenho dos anos 40 a 60. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012
- Fig.53 Alçado, projecto de grande composição: *Um Centro Cultural*, Rui Pimentel, ESBAP, Dezembro 1952
Fonte: Rui Pimentel, *Um Centro Cultural*, Dezembro 1952, Projectos de Grande Composição, ESBAP, 1952-53, Professor Carlos Ramos e Assistente Mário Bonito. Arquivo CDUA-FAUP, Rui Pimentel, in RIBEIRO CASAL, Hélder. A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito : um processo de desenho dos anos 40 a 60. Dissertação de Doutoramento, FAUP, Porto. 2012
- Fig.54 Plantas, corte e alçado, *Uma moradia*, Rui Pimentel, Curso de Verão, Veneza 1952
Fonte: ROSA, Edite Maria Figueiredo. *ODAM : valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Dissertação de Doutoramento, Escuela tecnica superior de arquitectura, Barcelona. 2005
- Fig.55 CODA: *Uma Casa sobre o mar*, Fernando Távora 1952
Fonte: Repositório Temático da Universidade do Porto, arquivo digital da U. Porto, ADUP FAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]: Fernando Távora
- Fig.56 Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, rua dos Bragas 1953-57
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.57 Rui Pimentel, edifício de habitação unifamiliar, rua da Constituição 1954-56
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.58 Januário Godinho, *União Eléctrica Portuguesa*, rua Alexandre Herculano 1953-61
Fonte: <http://carlosalbuquerquecastro.com/wp-content/uploads/2014/01/JG-1.jpg>
- Fig.59 José Carlos Loureiro, edifício *Parnaso*, rua Nª Srª de Fátima 1954
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.60 Arménio Losa, edif. de habitação, comércio e escritórios, rua de Ceuta 1951-1954
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016
- Fig.61 Mário Bonito, edif. de habitação, comércio e escritórios, rua de Ceuta e rua José de Falcão 1955-1958
Fonte: fotografia da autora, Maio 2016

- Fig.62 Rui Pimentel, edif. de habitação plurifamiliar e comércio, rua da Firmeza 1956-60
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.63 Inquérito Arquitectura Popular Portuguesa, *Casa de Lavoura*, Guimarães 1955-60
Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988
- Fig.64 Inquérito Arquitectura Popular Portuguesa, *Mapa tipológico*, Zona 1, 1955-60
Fonte: *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª Edição, 1º Volume, Lisboa. 1988
- Fig.65 III Exposição Extra-Escolar dos alunos da ESBAP: *Estalagem da Nª Srª da Mó em Arouca*, Rui Pimentel 1961
Fonte: *Catálogo 242, III Exposição extra-escolar dos Alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Porto, Junho 1961*; Lisboa, Julho 1961; Coimbra, Novembro 1961.
- Fig.66 Rui Pimentel, edifício de habitação plurifamiliar, rua João de Deus 1962-65
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.67 Rui Pimentel, edifício de habitação unifamiliar, vista da entrada, rua João de Deus 1962-65
Fonte: fotografia da autora, Julho 2018
- Fig.68 *Arquitectura Popular em Portugal*, 1ª edição 1961
Fonte: *Arquitectura popular em Portugal*, 2.º vol, ed.: Sindicato nacional dos arquitectos, Lisboa. 1961
- Fig.69 *Arquitectura Popular em Portugal*, 2ª edição 1980
Fonte: *Arquitectura popular em Portugal*, 2ª.ed.: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1980
- Fig.70 Teotónio Pereira, Bloco das Águas Livres, Lisboa 1956
Fonte: https://c1.staticflickr.com/6/5554/14311437587_a3cd38e6c0_b.jpg
- Fig.71 Fernando Távora, Quinta da Conceição, Matosinhos 1956-58
Fonte: <https://revisitavora.wordpress.com/pavilhao-de-tenis/>
- Fig.72 Agostinho Ricca, edifício de habitação *Montepio Geral*, rua Júlio Dinis 1960-63
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003
- Fig.73 Agostinho Ricca, edifício de habitação Parque Residencial da Boavista 1962-73
Fonte: FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da arquitectura moderna: Porto, 1925-2002*, Edições Asa, Porto. 2003
- Fig.74 *ODAM*, compilado por Cassiano Barbosa 1972
Fonte: *ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos : Porto 1947-1952*, compil. Cassiano Barbosa; desenhos de João Abel, ed.: Fundação Calouste Gulbenkian, Porto. 1972
- Fig.75 Álvaro Siza Vieira, bairro da Bouça, rua Águas Férreas 1975-77
Fonte: fotografia da autora, Maio de 2016
- Fig.76 Álvaro Siza Vieira, bairro de São Victor, rua Srª das Dores 1974-79
Fonte: <https://www.moma.org/collection/works>

- Fig.77 da direita para a esquerda: Siza Vieira, **Rui Pimentel**, Fernando Távora, Jorge Gigante, Pedro Ramalho, José Semide, Alcino Soutinho, Vila do Conde 1964
Fonte: MENDES, Manuel, *Catálogo de uma exposição inserida no projecto Guimarães 2012*, in *Fernando Távora : modernidade permanente = permanent modernity*, ed.: José António Bandeirinha, Associação Casa da Arquitectura, Matosinhos. 2012
- Fig.78 Rui Pimentel, rótulos das peças gráficas dos processos de licenciamento nº 591/54 e 602/55
Fonte: Processos de licenciamento 591/54 e 602/55, Arquivo Geral do Município da Câmara Municipal do Porto e Arquivo Histórico da Casa do Infante
- Fig.79 Alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.80 Excerto da planta topográfica, 10 de Dezembro 1948
Fonte: Planta topográfica de 10 de Dezembro 1948 do Processo de licenciamento a 23 de Junho de 1949, Arquivo Geral do Município da Câmara Municipal do Porto e Arquivo Histórico da Casa do Infante
- Fig.81 Corpo de remate do alçado do logradouro, edifício de habitação plurifamiliar
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.82 Corpo de remate do alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.83 Corpo de escadas, acesso secundário pelo logradouro
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.84 Pormenor da entrada, acesso principal
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.85 Alçado principal, edifício de habitação unifamiliar
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.86 Excerto da planta topográfica, 20 de Abril 1954
Fonte: Planta topográfica de 20 de Abril 1954 do Processo de licenciamento a 19 de Abril de 1954, Arquivo Geral do Município da Câmara Municipal do Porto e Arquivo Histórico da Casa do Infante
- Fig.87 Alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar e comércio
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.88 Excerto da planta topográfica, 18 de Setembro 1956
Fonte: Planta topográfica de 20 de Abril 1954 do Processo de licenciamento a 15 de Dezembro de 1956, Arquivo Geral do Município da Câmara Municipal do Porto e Arquivo Histórico da Casa do Infante
- Fig.89 Caixa de escada central, edifício de habitação plurifamiliar e comércio
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.90 Acesso autonomizado aos fogos, com desfasamento de cinco degraus
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018
- Fig.91 Secção da composição do alçado principal, edifício de habitação plurifamiliar e comércio
Fonte: fotografia da autora, Julho de 2018

Esquemas

Esquema 1	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta da cave, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 2	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do rés do chão e piso 1, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 3	Traçado geométrico sobre o alçado lateral, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 4	Métrica compositiva sobre o alçado lateral, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 5	Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 6	Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 7	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do rés do chão, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 8	Traçado geométrico sobre o alçado principal, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 9	Traçado geométrico sobre o alçado lateral, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 10	Traçado geométrico sobre o alçado do logradouro, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 11	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta da cave, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 12	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do piso 1, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 13	Métrica compositiva sobre o alçado lateral, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 14	Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 15	Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 16	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta do rés do chão, sem escala fonte: desenho da autora
Esquema 17	Traçado geométrico e métrica compositiva sobre a planta tipo, sem escala fonte: desenho da autora

Esquema 18 Traçado geométrico sobre o alçado principal, sem escala
fonte: desenho da autora

Esquema 19 Métrica compositiva sobre o alçado principal, sem escala
fonte: desenho da autora

Esquema 20 Traçado geométrico sobre o alçado do logradouro, sem escala
fonte: desenho da autora

Esquema 21 Métrica compositiva sobre o alçado do logradouro, sem escala
fonte: desenho da autora

